



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: PSICOLINGUÍSTICA**

AMANDA OLIVEIRA ROCHA

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DE RECURSIVIDADE EM LIBRAS

**PORTO ALEGRE – RS
2021**

AMANDA OLIVEIRA ROCHA

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DE RECURSIVIDADE EM LIBRAS

Dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Finger
Co-orientador: Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero
Linha de pesquisa: Psicolinguística

PORTO ALEGRE – RS
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Rocha, Amanda Oliveira
Uma investigação sobre o uso de recursividade em
Libras / Amanda Oliveira Rocha. -- 2021.
133 f.
Orientadora: Ingrid Finger.

Coorientador: Gabriel de Ávila Othero.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Línguas de Sinais e Libras aspectos históricos e
linguísticos. 2. Línguas de Sinais e Libras e suas
estruturas complexas. 3. Características sintáticas de
línguas de sinais . 4. Estruturas coordenadas e
subordinadas. 5. Recursividade. I. Finger, Ingrid,
orient. II. de Ávila Othero, Gabriel, coorient. III.
Título.

AMANDA OLIVEIRA ROCHA

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DE RECURSIVIDADE EM LIBRAS

Dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2021.

Aprovada em 26 de abril de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Emiliana Faria Rosa -UFRGS

Prof. Dr. Marcus Maria - UFRJ

Prof. Dra. Ronice Müller de Quadros - UFSC

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Paulo e Rosa Rocha

Toda a gratidão por me tornarem quem sou, por me ensinarem as melhores coisas e por sempre estarem ao meu lado me apoiando em todas as escolhas e caminhos.

Ao meu marido Marco Machado

Obrigada por todo o compartilhar, por estar ao meu lado em todos os momentos, por me ajudar a ser melhor, me apoiar e por me permitir o *ser*.

À minha orientadora Ingrid Finger

Gratidão por estarmos juntas nessa caminhada, por acreditar em mim quando eu não acreditei, por me estimular e me apoiar todo o tempo. Obrigada pelas trocas, pelo apoio em todos os momentos e por ir além por mim.

Ao meu co-orientador Gabriel Othero

Obrigada por me tornar uma pesquisadora de sintaxe, pela paciência nas explicações e discussões. Obrigada por acreditar que daria certo e por todos os incentivos que me fizeram seguir.

À comunidade surda

Obrigada por me acolherem e me permitirem o compartilhar da Libras e da cultura que me enriquece.

Ao meu amigo Gerson Reinoso

A ti toda a gratidão por acreditar em mim sempre, mesmo quando eu penso em desistir. Gratidão ao pai que nos juntou.

Ao Carlos Timponi

Gratidão pela escuta, pelo incentivo e por sempre ser continente.

À amiga Celeste Ritt

Obrigada por todo o apoio desde meu início como tradutora e intérprete e por sempre estar.

Às minhas amigas e colegas de trabalho Celina Xavier, Kelen Dolejal e Maitê de Amorim

Vocês compartilharam as angústias, as discussões durante a análise, gratidão! Vocês me fazem uma pessoa e uma profissional melhor, obrigada pela oportunidade de conviver.

Ao meu amigo Vinícius Martins

Não há palavras que demonstrem meu agradecimento por todo o incentivo. Obrigada por todos os dias de apoio e compartilhamento, por ter acreditado e incentivado a caminhada.

Ao meu amigo Sandro Fonseca

Obrigada por ser continente, por me passar segurança e me ajudar a pensar. Obrigada por todas as trocas.

À professora Ronice Müller de Quadros

Obrigada pelo apoio, por compartilhar ensinamentos e por toda a atenção.

Aos colegas

Obrigada a todos os colegas que fizeram parte do processo, gratidão pelas contribuições, pelas conversas, pelas discussões. Certamente tem um pedaço de cada um de vocês em mim.

À todas as pessoas que, em algum momento dessa caminhada, compartilharam comigo e me fizeram melhor, minha imensa gratidão!

RESUMO

A recursividade pode se manifestar de modo distinto em cada língua, porém para todos os estudiosos da área é essa propriedade que distingue o sistema linguístico dos seres humanos das formas de comunicação empregadas por espécies não humanas (Chomsky, 1965; Jackendoff e Pinker, 2005; Everett, 2009; Nevins, Pesetsky e Rodrigues, 2009). Em línguas de sinais e, mais especificamente, em Libras há ainda poucos estudos relacionados ao tema. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o uso de estruturas oracionais recursivas em narrativas em Libras com base em um *corpus* nacional de Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>), composto por narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo. O *corpus* investigado integra o projeto do *Inventário Nacional de Libras* e é de domínio público. Os seguintes objetivos específicos nortearam a análise dos dados: a) Identificar a presença da recursividade em Libras em narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo; b) Verificar em que medida marcadores manuais exercem a função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado; e c) Verificar em que medida marcadores não manuais exercem função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado. Os participantes foram selecionados considerando os seguintes critérios: (a) ser surdo de referência; (b) ser das regiões sul ou sudeste do Brasil, pois questões de variações linguísticas não foram consideradas no escopo dessa pesquisa; (c) ter adquirido Libras até os quinze anos; (d) ter formação superior completa; (e) ter produzido a narrativa a partir do mesmo vídeo de estímulo. Para a transcrição e análise dos dados foi utilizado o software ELAN, que possibilitou a criação de trilhas específicas para atender a análise. Após a transcrição dos dados, foi feita a seleção das orações subordinadas que comporiam a análise. Entre os três participantes, contabilizamos um total de cinquenta e duas orações, sendo, em nossa análise, trinta e seis construções coordenadas e dezesseis construções que parecem, estas últimas, ter manifestação recursiva. Marcadores manuais e não manuais foram analisados, descritos e apontados como possíveis marcadores de recursividade em Libras. Os marcadores não manuais identificados foram: direcionamento de olhar, contração de olhos, movimentação de tronco para frente e para trás; elevação de tronco; direcionamento de tronco (incorporação); direcionamento de cabeça; movimento de boca e movimento de sobrelhas. Os marcadores manuais, que ocorreram em menor ocorrência, foram ‘porque’, ‘igual’, ‘se’ e apontamentos (realizados com dedo indicador ou polegar, de referentes no espaço de sinalização). A partir dos elementos encontrados nas orações, é possível perceber que há

recursividade em Libras e que tal manifestação tem relação com a modalidade visual espacial da língua, que utiliza elementos como sinalização manual e não manual de forma simultânea. Identificamos que os marcadores não manuais são mais utilizados como estratégia recursiva do que os manuais, apontando a possibilidade de recursividade a nível suprasegmental (Bross, 2020). Nessa pesquisa não foram analisados se ter uma língua oral como segunda língua influencia construções com recursividade na sinalização. O pensamento recursivo e escolhas nesse sentido também não foram analisados. Além disso, é necessária uma investigação da marcação pragmática no discurso narrativo e sua relação com a recursividade, tais apontamentos são indicações para pesquisas futuras.

Palavras – chave: Recursividade. Línguas de sinais. Libras. Marcadores manuais. Marcadores não manuais. Modalidade visual espacial.

ABSTRACT

Recursion may be present in different ways in each language, however for all the researchers in the area this is a condition that distinguishes the linguistic system of human being from the communicative forms used by non-human species (Chomsky, 1965; Jackendoff and Pinker, 2005; Everett, 2009; Nevins, Pesetsky and Rodrigues, 2009). In Sign Languages and, particularly in Libras, there is still no studies related to this theme. For this reason, the goal of this study is to investigate the use of recursion in sentences, in Libras narratives based on a national corpus of Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>), composed by narratives in Libras produced by three deaf subjects based on a short film used as stimulus. The investigated corpus is part of a project named National Libras Inventory (*Inventário Nacional de Libras*), public domain. The specific goals that guided the data analysis are: a) to identify the presence of recursion in narratives in Libras produced by three deaf subjects based on a short film used as an stimulus; b) to verify in which measure manual markers exhibits recursion in the analyzed narrative corpus in Libras; and c) to verify in which measures non-manual markers exhibits recursion in the analyzed narrative corpus in Libras. The participants were selected considering the following criteria: (a) being a deaf subject fluent in Libras; (b) being from the South and Southeast regions of Brazil since linguistic variation issues were beyond the scope of this study; (c) subjects must have acquired Libras by the age of fifteen; (d) having completed college; (e) having produced the narrative based on the same video from the stimulus. The ELAN software was used in data analysis and transcription that enabled the creation of specific trails to meet the analysis. After the data transcription, a selection of subordinate utterances was made to compose the analysis. Among the three participants, a total of fifty-two utterances were computed, considering in our analysis, thirty-six coordinate clauses and sixteen clauses that may have recursion. Manual and non-manual markers were analyzed, described, and identified as possible markers of recursion in Libras. The non-manual markers identified were: direction of eye gaze, forward and backward leans of the body, body movement (incorporation), head movement, mouth gesture movement and eyebrow movement. The manual markers, that were found in less occurrences: ‘because’, ‘same’, ‘if “and pointing sign (performed with the index finger or thumb, establishing a frame reference)’. Based on the elements found in the utterances it is possible to identify that there is recursion in Libras and this property is related to the visual-spatial modality of this language, which employs elements as manual and non-manual signs_simultaneously. It was identified

that non-manual markers are more often used as a recursive strategy than manual markers, pointing out the recursive possibility in a suprasegmental level (Bross, 2020). This study did not analyze if having an oral language as a second language can influence sentence construction with recursion in Libras. The recursive thought and choices in this sense were not analyzed. Besides that, it is necessary an investigation of pragmatological markers in the narrative discourse and its relationship with recursion in future studies.

Keywords: Recursion. Sign language. Libras. Manual markers. Non-manual markers. Visual-spatial modality.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Alfabeto datilológico.....	20
Imagem 2 - Descrição dos parâmetros primários	22
Imagem 3 - Relação dos léxicos da Libras	24
Imagem 4 - Categorias do sistema especial.....	27
Imagem 5 - Sinal Escola.....	28
Imagem 6 – Sinal Casa	28
Imagem 7 - Sinal Carro + ix	28
Imagem 8 - Sinal Ix + mulher.....	29
Imagem 9 - Sinal Ix + bom.....	29
Imagem 10 - Sinal te dar e Sinal Me dar	30
Imagem 11 - Sinal pessoas passando: classificador	30
Imagem 12 – figura 1 do experimento.....	49
Imagem 13 – figura 2 do experimento.....	50
Imagem 14 – figura 3 do experimento.....	50
Imagem 15 – posicionamento de câmeras	54
Imagem 16 – Trilhas software ELAN	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Marcadores não manuais recursivos identificados por participante	105
Tabela 2 - Marcadores manuais recursivos identificados por participante	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Coordenação nas LS: marcadores não manuais	37
Quadro 2: Coordenação em LS: marcadores manuais.....	38
Quadro 3: Subordinação nas LS: marcadores não manuais	44
Quadro 4: Subordinação nas LS: marcadores manuais	45
Quadro 5: Dados dos participantes	57
Quadro 6 - Análise Marisa Dias de Lima	61
Quadro 7 – Análise Rimar Ramalho Segala	73
Quadro 8 – Análise André Ribeiro Reichert	89

LISTA DE SIGLAS

ASL – *American Sign Language*

AUSLAN – Língua Australiana de Sinais

CL - Classificadores

CM – Configuração de mão

DGS – Língua de Sinais Alemã

ELAN - EUDICO *Language Annotator*

ENM – Expressões não manuais

GU – Gramática Universal

HKSL – Língua de Sinais de Hong Kong

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

L- Locação da mão

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LIS – Língua Italiana de Sinais

LS – Línguas de sinais

LSF- Língua de Sinais Francesa

M – Movimento

NSL – Língua Nicaraguense de Sinais

O – Objeto

OR – Orientação da palma da mão

PA – Ponto de articulação

S – Sujeito

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

V – Verbo

CONVENÇÕES DE ANOTAÇÃO

Para as anotações dos dados sinalizados, adotamos as convenções de anotação utilizadas por pesquisadores de línguas de sinais (Quadros 2003; Pfau, Steinbach, Woll, 2012; Pfau e Steinbach 2016; Hauser, 2019; Bross, 2020; Lourenço e Quadros, 2020). Para dar conta da presente análise, algumas anotações de marcadores não manuais não encontradas na legenda de convenção, mas encontradas descritas nos textos, foram criadas pela pesquisadora para fins de detalhamento descritivo. Na legenda a seguir, indica-se quais legendas de referências foram empregadas e quais legendas foram criadas pela pesquisadora da presente tese.

s-i-g-n representa soletração manual (datilologia)

cl indica o uso de configurações de mão do tipo classificador combinados com verbos de movimento e locação.

 /xxx/ marcador lexical: boca (articulação silenciosa de palavra ou parte dela, em língua falada) associada ao sinal.

 xxx marcador lexical ou morfológico: um gesto de boca associado a um sinal.

 bt virada de tronco (body turn)

 eb piscar de olhos (eye blink)

 hs balanço de cabeça (head shake)

 hd cabeça abaixada (head down)

 ht virada de cabeça (head turn)

 cd lábios com cantos para baixo (corners down)

 eg olhar associado à direção das mãos e/ou a direção estabelecida em concordância (eye gaze)

 woe olhos bem abertos/arregalados (wide opened eyes)

Inseridos pela autora:

 bbt inclinação de tronco para trás (backward body tilt)

<u> </u> <u>bh</u>	Cabeça para trás (backward head tilt)
<u> </u> <u>bm</u>	Movimento de tronco (body movement)
<u> </u> <u>fb</u>	tronco para frente (forward body)
<u> </u> <u>chin up</u>	Elevação de queixo
<u> </u> <u>ef</u>	sobrancelhas franzidas (furrowed eyebrows)
<u> </u> <u>ue</u>	sobrancelhas levantadas (up eyebrows)
<u> </u> <u>hu</u>	cabeça para cima (head up)
<u> </u> <u>hm</u>	movimento de cabeça (head movement)
<u> </u> <u>pc</u>	bochechas inchadas (puffed cheeks)
<u> </u> <u>pf</u>	testa franzida (pursed forehead)
<u> </u> <u>simult.</u>	simultaneidade
<u> </u> <u>pl</u>	lábios franzidos (pursed lips)
<u> </u> <u>smile</u>	sorriso (smile)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.1. Primeiros estudos sobre línguas de sinais.....	17
1.2. Língua Brasileira de Sinais	21
1.3. Sintaxe espacial	24
2. CAPÍTULO 2 - LÍNGUAS DE SINAIS E SUAS ESTRUTURAS COMPLEXAS... 32	
2.1. Línguas de sinais e suas características sintáticas	32
2.2. Estruturas coordenadas	35
2.3. Estruturas subordinadas	38
2.4. O que é recursividade?	45
2.5. Recursividade em línguas de sinais: estudos anteriores.....	47
3. METODOLOGIA	52
3.1. Objetivos	52
3.1.1. Objetivo geral.....	52
3.1.2. Objetivos específicos.....	52
3.2. Corpus da pesquisa	53
3.2.1. <i>Corpus</i> Inventário Nacional de Libras	53
3.2.2. Transcrição dos dados do <i>corpus</i> do Inventário Nacional de Libras.....	55
3.2.3. Escolha dos participantes dessa pesquisa a partir do <i>corpus</i>	56
3.3. Procedimentos de análise de dados	57
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	60
4.1. Participante Marisa Dias de Lima	60
4.2. Participante Rimar Ramalho Segala.....	73
4.3. Participante André Ribeiro Reichert.....	89
4.4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS:	111
APÊNDICES	121

INTRODUÇÃO

Até os dias atuais, há divergências sobre a natureza representacional às propriedades de processamento da recursividade na cognição e na linguagem, bem como de sua função na comunicação. É consenso entre os estudiosos da área, entretanto, que a propriedade recursiva é o que diferencia o sistema linguístico dos seres humanos das diversas formas de comunicação empregadas por espécies não humanas (Chomsky, 1965; Jackendoff e Pinker, 2005; Everett, 2009; Nevins, Pesetsky e Rodrigues, 2009). Em línguas de sinais e, mais especificamente, em Libras há ainda poucos estudos relacionados ao tema. Frente a essa lacuna, a presente dissertação investiga a manifestação da propriedade de recursividade em Língua Brasileira de Sinais – Libras.

A escolha da língua foco desta pesquisa se dá em razão de minha profissão como tradutora e intérprete de Libras com curso de extensão de tradutor e intérprete e certificado de proficiência – Prolibras em 2013. Em um primeiro momento, o interesse foi associar a formação superior em Psicologia e a Libras a fim de compreender melhor as escolhas linguísticas feitas pelos profissionais intérpretes durante a sua atuação no processo da interpretação. Porém, durante a realização das disciplinas, juntamente com meus professores, percebemos uma lacuna de pesquisas na área da sintaxe de Libras que tivessem como foco a análise da recursividade. Os estudos descritivos ainda são poucos e, por essa razão, consideramos que a presente pesquisa poderá contribuir tanto para futuras pesquisas sintáticas sobre o funcionamento de estruturas oracionais na Libras, quanto como ferramenta para cursos de formação de tradutores, intérpretes e educadores de Libras, pois oferecerá maior embasamento para aprofundamento da compreensão da estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais.

Assim, unindo os conhecimentos adquiridos formalmente através dos cursos e, de forma informal, na convivência com a comunidade surda, meu foco de pesquisa se direcionou para a investigação de aspectos sintáticos da Libras. Com isso, meu intuito é contribuir para a construção de um conhecimento ainda mais profundo sobre a estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais, considerando que as oportunidades de formação ainda carecem de aprofundamento da discussão de aspectos mais complexos da estrutura linguística da Libras devido, em grande parte, à escassez de materiais que abordem uma descrição mais detalhada da língua.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, que teve como objetivo geral investigar o uso de estruturas oracionais recursivas em narrativas em Libras com base em um *corpus* nacional de Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>), composto por narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo. O *corpus* investigado integra o projeto do *Inventário Nacional de Libras* e é de domínio público. Para que fosse possível a descrição da manifestação recursiva em Libras, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- a. Identificar a presença da recursividade em Libras em narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo;
- b. Verificar em que medida marcadores manuais exercem a função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado;
- c. Verificar em que medida marcadores não manuais exercem função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado.

Com a finalidade de analisar a ocorrência de recursividade em Língua Brasileira de Sinais, utilizamos narrativas livres de surdos de referência, *corpus* integrante do *Inventário Nacional de Libras* (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>) (QUADROS, 2016a, 2016b; QUADROS et al., 2017a; 2017b).

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo de referencial teórico apresenta uma breve discussão de aspectos históricos e linguísticos das línguas de sinais (LS), a partir de um panorama dos primeiros estudos sobre educação de surdos, referências de instituições educacionais e pesquisas no âmbito linguístico. Na seção 1.1, abordaremos a evolução dos estudos sobre as línguas de sinais de forma breve, focando na Libras e na apresentação dos primeiros estudos linguísticos no Brasil, citando as principais referências teóricas e a legislação. Na seção 1.2, descrevemos os aspectos linguísticos básicos da estrutura da Libras – os parâmetros. Finalmente, na seção 1.3, discutimos a sintaxe espacial, própria da modalidade visual espacial das línguas de sinais, bem como estratégias empregadas no uso das LS, introduzindo os conceitos de componentes manuais e não manuais que caracterizam a marcação sintática nessas línguas.

O segundo capítulo inicia abordando em 2.1 os estudos linguísticos existentes sobre estruturas sintáticas complexas das línguas de sinais e Libras relacionando modalidade linguística, coordenação e subordinação. Nas seções 2.2 e 2.3 detalharemos marcadores manuais e não manuais já identificados em cada estrutura e ainda trataremos formas de identificar os tipos de construção. Em 2.4 discutimos o que é recursividade, os primeiros estudos sobre a propriedade, a origem e manifestação nas línguas humanas. Em 2.5 trazemos

os estudos existentes em línguas de sinais que analisam a propriedade recursiva nestas línguas.

A metodologia empregada na pesquisa desta dissertação aparece no terceiro capítulo. Nele são apresentados, inicialmente, em 3.1 os objetivos da pesquisa geral (3.1.1) e específicos (3.1.2), seguidos de uma descrição detalhada do *corpus* da pesquisa em 3.2, detalhando em 3.2.1 o *corpus Inventário Nacional de Libras* e em 3.2.2 a transcrição dos dados do grande *corpus* supracitado. Em 3.2.3 apresentamos os participantes do *corpus* que foram selecionados para esta pesquisa, bem como os critérios para a escolha. Por fim, em 3.3 concluímos o capítulo detalhando os procedimentos seguidos para a execução da análise e discussão dos dados.

O Capítulo 4, que trata da análise e discussão dos dados, apresenta a quantidade de orações analisadas e descrição dos marcadores manuais e não manuais identificados como possíveis elementos recursivos. As análises são apresentadas e analisadas de forma individual para cada participante, sendo 4.1, 4.2 e 4.3 a análise de cada um dos três participantes. Encerrando o capítulo, em 4.4 fazemos uma retomada dos resultados encontrados nas três análises apresentando marcadores e semelhanças identificados no total das construções. Finalmente, após o capítulo 4 são apresentadas as Considerações Finais da pesquisa, seguidas das referências bibliográficas e apêndices.

1. CAPÍTULO 1 - LÍNGUAS DE SINAIS E LIBRAS: ASPECTOS HISTÓRICOS E LINGUÍSTICOS

Neste capítulo abordaremos, primeiramente, os aspectos históricos das línguas de sinais, bem como os primeiros registros encontrados na literatura sobre educação de surdos, sobre as primeiras instituições fundadas para ensino de línguas de sinais e sobre as primeiras pesquisas linguísticas de que se tem notícia. Tal panorama é importante para que possamos entender a evolução das línguas de sinais e as referências que embasam as pesquisas até os dias atuais. Na seção 1.1, após uma breve introdução sobre o panorama mundial da evolução das línguas de sinais, focaremos mais especificamente na Libras, língua de estudo desta pesquisa. Nessa seção, trazemos um panorama dos estudos linguísticos brasileiros, suas principais referências e a legislação vigente em relação à língua. Julgamos tal discussão importante para que o leitor possa se situar no contexto dos estudos de Libras no país, uma língua minoritária em expansão em relação a pesquisas. A seção 1.2 introduz aspectos linguísticos básicos que caracterizam a Libras, como a constituição dos sinais e as expressões não manuais, que serão consideradas na análise dos dados, posteriormente. Na seção 1.3, apresentamos uma discussão sobre a sintaxe espacial, característica das línguas de sinais em razão de sua modalidade e fator que diferencia, nesse aspecto espacial, as línguas orais e de sinais. Nesta seção, são abordados o uso do espaço, o emprego de classificadores, o estabelecimento de relação de referentes de forma espacial, as categorias presentes no sistema espacial e os componentes não manuais existentes nas línguas de sinais.

1.1. Primeiros estudos sobre línguas de sinais

Os primeiros registros de estudos de linguística de línguas de sinais (LS) datam, de acordo com Stokoe (1960), do século XVIII. Antes de adquirirem o status de língua como conhecemos atualmente, as línguas de sinais eram entendidas como uma forma de comunicação gestual primitiva e universal. O reconhecimento da complexidade das línguas de sinais e comprovação de que são línguas com estruturas próprias e independentes das línguas orais se dá apenas a partir de 1960, como veremos neste capítulo, apesar de sua existência ser anterior. Stokoe (1960), ao apresentar a história das línguas de sinais, afirma que esta começou na França, em 1750, com o Abade Charles-Michel de l'Épée, que se dedicou de forma caridosa a ensinar língua de sinais para duas crianças surdas que eram irmãs. Na época, não era só l'Épée que ensinava surdos, mas ele foi o único que dedicou sua vida, fortuna e carreira para tal objetivo e, em razão do sucesso de seu método educacional, inaugurou, em

1760, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, atualmente chamado de Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris¹. Esse instituto foi a primeira escola gratuita em língua de sinais francesa (LSF) para surdos e recebia alunos de muitas partes do mundo. Em 1776, l'Épée publicou *L'institution des sourdes et muets, par la voie des signes méthodiques* (cf. Stokoe, 1960), publicação que evidenciou para o mundo a base do sucesso do seu método decorrente de percepções sobre fatos linguísticos.

Stokoe (1960) explica ainda que, após o falecimento de l'Épée, em 1789, seu colega e também encarregado da escola de surdos inaugurada em Bordeaux, Abbé Sicard, deu continuação a seu trabalho. Sicard teve seu nome conhecido também por ter levado seus alunos, em especial Massieu e Clerc, a altos níveis intelectuais. Além disso, foi o responsável por fazer uma conexão com a língua de sinais francesa e a americana. Tal conexão aconteceu em 1815, quando Thomas Hopkins Gallaudet viajou dos Estados Unidos para a Europa para estudar métodos de educação de surdos. Recebido por Sicard, Gallaudet aprendeu o método de educação utilizado em Paris e retornou para os Estados Unidos acompanhado de Laurent Clerc, aluno de Sicard que se tornou o primeiro professor de surdos na América. Por ter sido quem considerou a língua de sinais como natural e iniciou o trabalho de educação de surdos no mundo através do ensinamento de gramática e pensamento abstrato, inventando o que hoje seria chamado de metalinguagem, Abbé de l'Épée é uma referência na área de educação de surdos, sendo seu trabalho citado até hoje em pesquisas, publicações e salas de aula (cf. STOKOE, 1960).

Em meados de 1950, as línguas de sinais eram entendidas como uma versão sinalizada das línguas orais e, por isso, suas estruturas linguística e gramatical eram consideradas dependentes de tais línguas. A mudança linguística começa em 1960, quando o linguista americano William Stokoe apresenta a primeira descrição de uma língua de sinais, considerando a estrutura linguística da língua americana de sinais (ASL) e sua modalidade visual espacial. Intitulada *Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf*, a publicação dessa monografia influenciou as línguas de sinais no mundo todo, conferindo a elas *status* linguístico e dando início a novos estudos na área. Em 1965, Stokoe publicou, com Casterline e Croneberg, a obra *A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*, o primeiro dicionário de língua de sinais. Tais obras

¹ <http://www.injs-paris.fr/>

originaram diversos estudos, bem como descrições linguísticas de inúmeras línguas de sinais usadas no mundo, embasando pesquisas até os dias atuais (LODI, 2004).

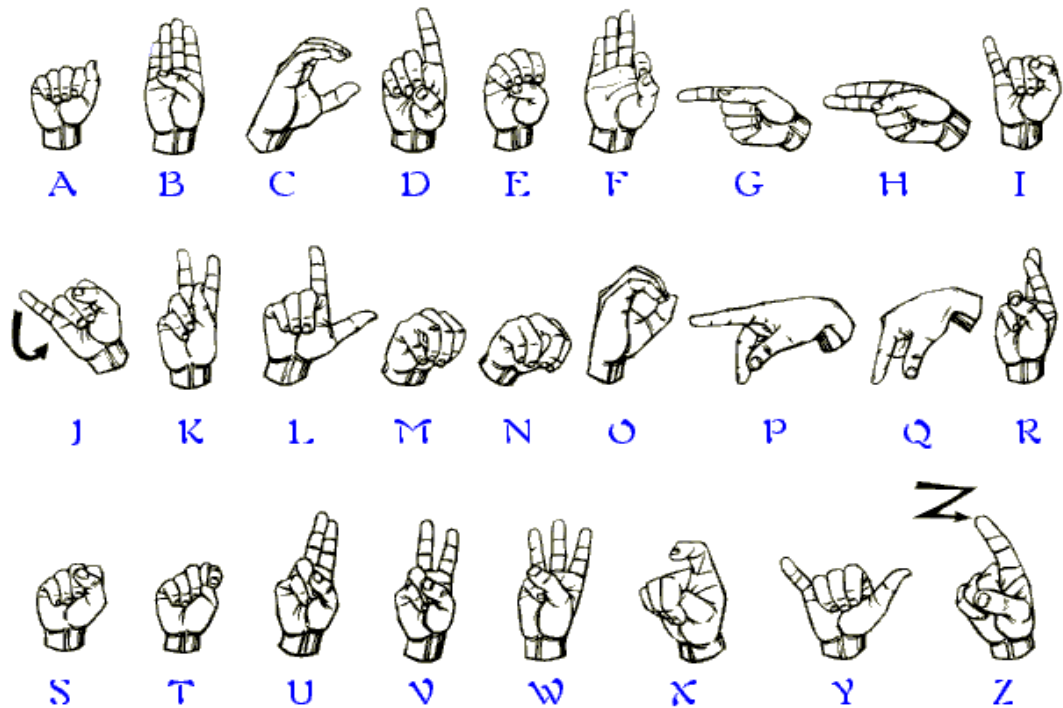
As línguas de sinais, que são de modalidade visual espacial, diferentemente do que se pensava em 1950, como referido acima, apresentam gramática própria e distinta das gramáticas de línguas orais. Para Stokoe (1960), as línguas de sinais apresentam um sistema linguístico com estrutura fonológica, morfológica e semiológica. O autor diferencia os sinais entre eles, apresentando-os em três tipos: os naturais, os convencionais e os metódicos. Os sinais naturais são entendidos como sinais caseiros ou aceitos por sinalizantes que usam a língua; os convencionais, por sua vez, são sinais criados com ou sem empréstimos linguísticos de outros idiomas; por fim, os sinais metódicos são uma relação de gramática e sinais da língua, com objetivo de ensino desta. Stokoe analisou os sinais com o objetivo de encontrar unidades mínimas, que pudessem diferenciar significados. Essas unidades dos sinais foram nomeadas pelo autor com o termo *quirema*, em inglês *chereme*, definido por Capovilla e Garcia (2011) como a unidade mínima da construção do sinal, sendo equivalente à função do fonema nas unidades de fala ou som. Tais unidades são organizadas de forma simultânea na expressão do sinal.

Stokoe (1960) inicia a descrição das línguas de sinais diferenciando o alfabeto manual datilológico (*finger-spelled*) dos sinais. As unidades do sistema sintático são os morfemas, mas ao comparar o alfabeto datilológico e os sinais o autor afirma que as estruturas são completamente diferentes, conforme aparece na citação a seguir:

A soletração manual das palavras em inglês é uma série de símbolos digitais que mantêm uma correspondência direta com as letras do alfabeto inglês, mas a palavra por si só é um morfema ou uma combinação de morfemas ou morfemas construídos a partir de sons da língua inglesa com base em princípios sistematicamente descritos pela fonética e morfomorfêmica do inglês. Apesar de a pessoa surda talvez nunca ter ouvido ouvindo um som, o poder dos símbolos e a adaptação da mente humana é tão grande que ele talvez possa ter adquirido a habilidade de usar a escrita ou a soletração manual com tanta força simbólica quanto qualquer falante de inglês. O sinal, pelo contrário, é uma unidade da língua de sinais, construída como são todos os morfemas a partir das unidades do seu próprio sistema linguístico (STOKOE, 1960, p. 33)².

² The finger-spelled English word is a series of digital symbols which stand in a one to one relationship with the letters of the English alphabet, but the word itself is a morpheme or combination of morphemes of morphemes constructed from English language sounds on principles systematically described by the phonemics and morphophonemics of English. Though the deaf person may never have heard a sound, such is the power of symbolics and the adaptability of the human mind, he may still have acquired the ability to use the written or finger spelled word with as much symbolic force as any speaker of English can achieve. The sign, on the contrary, is a unit of the sign language, constructed as are all morphemes from the isolates of its own language system (Stokoe, 1960, p. 33).

Imagem 1 - Alfabeto datilológico



Fonte: Alfabeto datilológico ASL³

Apesar de o alfabeto datilológico ser um recurso das línguas de sinais, não atentaremos para seu sistema sintático isoladamente. Consideraremos aqui a descrição, feita por Stokoe, que define as unidades que constituem o sinal já que, para o autor, o sinal é a unidade básica da língua do sinalizante da mesma forma que a palavra é a unidade básica do falante⁴.

Nessa primeira análise feita sobre as unidades mínimas da composição do sinal, Stokoe (1960, p.39-44) descreve três parâmetros constituintes dos sinais em ASL: *Designator* (*dez*) corresponde à configuração de mão (CM), ou seja, à forma como as mãos se configuram no momento de execução do sinal; *Signation* (*sig*) refere-se ao movimento (M) de execução do sinal; e *Tabula* (*tab*) é a locação (L)⁵, o espaço de ocorrência do sinal, que pode ser

³ Fonte: <http://lsjaguar.blogspot.com/2016/04/alfabeto-manual-em-outras-linguas-de.html>

⁴ A sign is the basic unit of the language to the signer, just as the word is the basic unit to the naive speaker (STOKOE, 1960, P. 52).

⁵ Klima e Bellugi (1965) nomeiam esse parâmetro como ponto de articulação (PA).

próximo ao corpo do sinalizante (apresentando ou não contato) ou no espaço em frente ao tronco.

Posterior a essa descrição, outros pesquisadores passaram a estudar a estrutura das línguas de sinais. Em suas pesquisas, por exemplo, Battinson (1974) e Klima & Bellugi (1975) acrescentam aos parâmetros, já descritos, o parâmetro complementar de orientação da palma da mão (OR), que é a direção para qual a palma da mão se volta durante a execução do sinal (para baixo, para cima, para trás, para frente). Ainda, a partir de Baker (1983, apud Quadros e Karnopp 2004), as expressões não manuais (ENM) passam a ser também consideradas como parâmetro fonológico. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), as expressões não manuais referem-se aos movimentos de face, olhos, tronco ou cabeça que marcam construções sintáticas e diferenciam itens lexicais. Os parâmetros descritos por Stokoe são reconhecidos como aspectos fonológicos de todas as línguas de sinais e, por esse motivo, são referência para diversas pesquisas em LS e em Libras.

Especificamente sobre esta última, escopo desta pesquisa, o primeiro estudo da estrutura da Libras, realizado por Ferreira Brito (1995) aponta estrutura fonológica tal qual descrita por Stokoe (1960), porém, novas classificações e estruturas distintas foram encontradas na Libras a partir de estudos específicos desta língua. Não podemos deixar de entender de que forma se deu a evolução da língua brasileira de sinais no país, bem como conhecer os estudos linguísticos específicos realizados ao longo dos anos. A discussão de tais estudos é fundamental para que possamos aprofundar o estudo da sintaxe da Libras e suas estruturas complexas.

1.2. Língua Brasileira de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais, de acordo com Quadros (2019), é a língua usada por surdos no Brasil em vários âmbitos sociais e expressa, assim como as demais línguas orais ou de sinais, todos os níveis linguísticos como unidades mínimas que formam sinais (Andrade, 2013; Benassi e Padilha, 2015; Diniz, 2010; Ferreira Brito, 1990, 1995a; Quadros e Karnopp, 2004; Xavier, 2006, 2011; Silva e Almeida, 2015), padrões prosódicos (Leite, 2008), combinação de palavras para a formação de enunciados e sentenças (Felipe, 2006; Royer, 2019), proposições com níveis semânticos (Castro, 2007; Felipe, 1998; Silva, 2006) e sintaxe, que será discutida nesta dissertação.

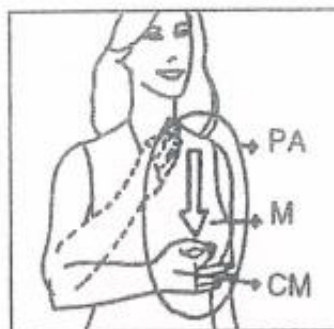
Os primeiros registros da Libras datam de 1855 (cf. Quadros, 2017c), quando Dom Pedro II contrata o professor surdo francês Édouard Huet com o objetivo de fundar e atuar na primeira instituição de educação de surdos no Brasil. Huet então apresenta a proposta para a

fundação da escola que é aceita por Dom Pedro II e, em 1857, é fundado o Instituto Imperial de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, no Rio de Janeiro – RJ. Na época, por ser a única instituição com a qualificação de educar surdos, o INES recebia alunos de todas as partes do Brasil bem como alunos estrangeiros de países próximos que não possuíam essa alternativa educacional e é, até hoje, uma referência de educação para a comunidade surda brasileira. A partir da contribuição de Huet para a formação de surdos no Brasil, pode-se afirmar que a Libras tem uma influência direta da LSF, mas difere-se dela por também ter tido influências do Brasil e de surdos que compartilham a Libras.

Apesar de os registros de ensino e uso da Libras datarem de 1857, apenas no ano de 2002, com a aprovação da Lei 10.436, é que a Libras passa a ser reconhecida como a língua dos surdos do Brasil. Em 2005, o Decreto 5626 regulamenta a Lei 10.436/2002 e ainda prevê ações de políticas linguísticas, como a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura, Fonoaudiologia e Pedagogia e a oferta opcional para os demais cursos. Tais legislações são uma conquista da comunidade surda brasileira resultantes de lutas, movimentos sociais e pesquisas acadêmicas na área (QUADROS, 2017c).

Em nível linguístico, há no Brasil publicações que visam descrever e explorar a estrutura linguística e as características da Libras (Ferreira Brito, 1990, 1992, 1995, 2010; Lodi, 2004; Campello 2008; Luchi, 2013; Nóbrega, 2019; Porto, 2016; Quadros e Karnopp, 2004; Pizzio et. al, 2009; Quadros, 1995, 1999, 2006, 2019; Royer, 2019; Rodrigues, 2019; Rodrigues e Souza, 2019; Quadros, 2020). As maiores referências, em razão de serem as primeiras publicações em estudos linguísticos da Libras, são Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004). Ferreira Brito (1995) identifica que a Libras possui, no nível fonológico, a mesma estrutura proposta por Stokoe (1960): CM, M, PA, conforme imagem 1. Esses foram definidos pela autora como parâmetros primários que seguem a descrição feita por Stokoe (1960), já referida anteriormente.

Imagem 2 - Descrição dos parâmetros primários



Fonte: (Ferreira, 2010, p. 24).

Ferreira Brito (1995) descreve também parâmetros secundários, como a disposição das mãos, uma vez que o sinal pode ser executado com ambas as mãos ou pela mão dominante, OR e região de contato, que é a parte da mão que entra em contato com o corpo. Quadros e Karnopp (2004), ao citarem os mesmos parâmetros, registram que as línguas de sinais apresentam simultaneidade temporal, ou seja, os fonemas são articulados de forma simultânea. Além disso, os componentes não-manuais são citados por Ferreira Brito como elementos importantes da língua. Segundo ela:

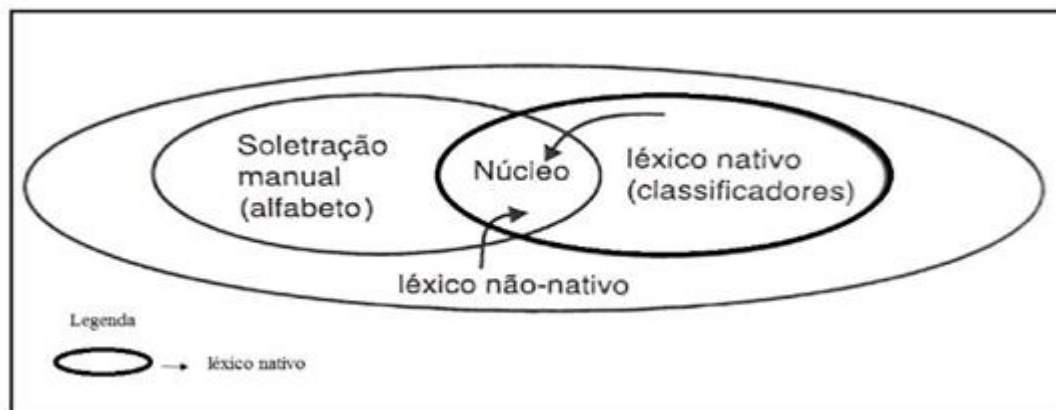
São elementos muito importantes, ao lado dos parâmetros primários e secundários. Existe mesmo a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento do corpo sejam outros parâmetros, dada a sua importância para diferenciar significados. Por exemplo, a diferença entre PENSAR, DUVIDAR E ENTENDER (SP) é feita por esses componentes não-manuais. (FERREIRA, 2010, p. 4)

Ainda sobre ENM, a autora destaca que esses elementos exercem dois papéis nas LS: marcação das construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. A função sintática permite a marcação prosódica (Leite, 2008) de perguntas interrogativas, além de topicalizações, concordâncias, componentes lexicais que referenciam questões pronominais: negação, advérbios e grau e orações relativas, estas últimas serão retomadas posteriormente por fazerem parte do escopo da presente pesquisa. As expressões não manuais fazem parte da sintaxe da Libras, considerando que o sinalizador não é neutro e incorpora suas expressões ao contexto semântico das construções. Quadros e Karnopp (2004) descrevem como algumas expressões não manuais da Libras: a marcação de concordância gramatical através do direcionamento do olhar; o movimento de cabeça associado ao foco (para cima ou para baixo); as negações; as marcações de tópico com movimento de sobrancelhas; e as marcações interrogativas com movimento de cabeça lateralizado ou para frente, concomitante com movimento de sobrancelhas. O movimento de sobrancelhas ainda é identificado por Figueiredo e Lourenço (2019) como marcador não manual de relativização nas orações.

Leite (2008) argumenta que os estudos dos sinais não manuais, chamados aqui de **marcadores não manuais**, apontam que estes exercem papel sintático, garantindo que as construções tenham características diferentes das línguas orais, por contar com estratégias como simultaneidade, por exemplo, que permite que marcadores não manuais estejam presentes na construção exercendo tal papel, simultaneamente a marcadores manuais já que, em nível sintático, as LS utilizam o espaço e a relação com o corpo em suas construções. Tal simultaneidade favorece outra estrutura muito presente nas construções em Libras que é chamada de classificadores (CLs).

Quadros e Karnopp (2004) apontam que nas LS os CLs fazem parte do léxico nativo, que é a forma de expressão natural visual, simultânea e com exploração do espaço da língua. É uma estrutura própria da produção espontânea e que considera suas características visuais e espaciais e iconicidade na sinalização. Além do léxico nativo, há, segundo as autoras, o léxico não nativo, formado por sinais convencionados na língua a partir de estudos linguísticos ou no uso da comunidade. Tais léxicos podem ser utilizados separadamente, e os três juntos, léxicos nativo e não nativo, associados à soletração manual, formam o núcleo da língua, como podemos verificar na ilustração a seguir:

Imagem 3 - Relação dos léxicos da Libras



Fonte: (Quadros e Karnopp, 2004, p 88).

Nas línguas de sinais, orações coordenadas, subordinadas, incorporações, enumerações constituem uma sintaxe específica que utiliza, conforme referido anteriormente, iconicidade, simultaneidade, uso do espaço, estruturas adequadas à modalidade visual espacial. Dessa forma, a sintaxe de tais línguas conta com essas estratégias nas construções e, por isso, é denominada **sintaxe espacial** e permite que as relações entre os elementos da construção sejam marcadas manualmente ou não manualmente, de forma perceptível ou bastante sutil e de forma simultânea podendo utilizar todo o espaço de sinalização marca marcação de referentes e realização de relações sintáticas. Assim, consideramos ser importante entender a construção sintática espacial já que nossa análise engloba tais estruturas e a modalidade das LS demanda estratégias específicas nas construções sintáticas de tais línguas.

1.3. Sintaxe espacial

Os aspectos sintáticos das LS em relação ao uso do espaço, à simultaneidade, à interação do sinalizante na produção e aos marcadores não manuais constituem a chamada sintaxe espacial, que possui elementos característicos apenas às línguas de modalidade visual

espacial. Tais línguas fazem uso de apontamentos indicando e relacionando referentes no espaço, marcadores de referentes no espaço, movimentos de tronco e cabeça, classificadores e expressões faciais e direcionamento de olhar para estabelecerem estabelecem relações gramaticais. Assim, as LS possuem uma estrutura sintática própria, e que é marcada pelo uso do espaço, simultaneidade e visualidade característica dessas línguas.

A Língua de Sinais Americana (ASL) e a Libras, segundo Fischer (1973), Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), tem, como ordem básica de estrutura frasal a estrutura SVO – SUJEITO – VERBO - OBJETO, embora possam apresentar outras ordenações (SVO, OSV - topicalização, VOS, SOV) seguidas de marcadores não manuais simultâneos, nos quais o usuário faz uso do espaço para composição da construção. Tal ordem básica parece ser um padrão em LS (Fischer 1973, Brito 1995, Quadros e Karnopp, 2004, Lesson e Saeed, 2012). Para entendermos como se dá a organização dos referentes nas estruturas coordenadas e subordinadas nas LS, é preciso que entendamos como a sintaxe se organiza no espaço e como estabelece as relações gramaticais existentes, discussão que é foco da presente seção.

É possível afirmar que há um consenso geral, entre os pesquisadores da área da gramática das línguas, de que a sintaxe das LS é moldada a partir da modalidade visual espacial (Almeida e Almeida, 2013; Bavelier, Corina e Neville, 1998; Cotovicz, Streiechen e Antoszcyszen, 2018; Fischer, 1990; Klima e Bellugi, 2001; Lillo Martin, 1985, 1986; Neidle e Lee, 2005; Nóbrega, 2019, Padden, 1988; Pfau e Aboh, 2012; Quadros e Karnopp, 2004; Siple, 1978; Valli e Lucas, 1992, 1995, 2000). Isso ocorre porque há, nas construções sintáticas das LS, a possibilidade de uso do espaço para codificação de recursos morfossintáticos, além da elaboração de construções que estabelecem relações espaciais entre os referentes das sentenças, sendo eles lexicais ou não (PFAU e ABOH, 2012).

A estrutura sintática da Libras, como descrita por Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), se organiza a nível espacial. Tal característica ocorre em outras línguas de sinais da mesma forma. Sobre a estrutura sintática da ASL, que é comum na Libras, Klima e Bellugi (2001, p. 14067) afirmam:

A estrutura sintática que especifica a relação de sinais uns com os outros em sentenças de ASL também tem sua organização essencialmente de forma espacial. Os sinais nominais podem ser associados com pontos abstratos em um plano de espaço de sinalização, e é a direção do movimento dos sinais verbais entre pontos finais que marcam a relação gramatical⁶ (KLIMA e BELLUGI, 2001, p. 14067).

Dessa forma, a estrutura sintática das LS permite que os pronomes indicativos localizem referentes (pessoas, objetos, lugares) no espaço de sinalização, fazendo marcações que podem ser retomadas ao longo da narrativa. Quando há referentes que estão presentes no momento da sinalização, esta é direcionada para essa presença. Se os referentes não estão presentes, é estabelecido um local de referência que pode ser, por exemplo, um ponto de sinalização à direita, esquerda, centro ou diagonais na frente do sinalizante (Pfau, Steinbach, Woll, 2012). Ainda, Pfau e Aboh (2012) argumentam que os verbos podem ser direcionados de acordo com a realização de marcações ou direcionalidade do discurso, podendo ter direcionamento para o sinalizante (me falou: mão direcionada para o sinalizante), para o referente (te falou: mão direcionada para a pessoa presente ou referente marcado) ou ainda no espaço (ele falou para ela: mão entre dois referentes presentes ou marcados no espaço).

Para que as relações sintáticas sejam possíveis nas LS, segundo Neidle e Lee (2005), é fundamental estabelecer o uso do sistema pronominal e da forma nominal. O uso do espaço permite que informações referenciais e pessoais sejam transmitidas na mesma construção. Os marcadores manuais, que utilizam o apontamento das mãos de formas distintas geralmente envolvendo dedo indicador ou polegar em situações específicas, expressam categorias de determinante, pronome, marcador morfológico, concordância, e expressões adverbiais de localização. Em razão das diferentes funções que os apontamentos manuais (dêixis) podem exercer, na transcrição para descrição na forma escrita, utiliza-se o termo **ix** como código de indicativo de apontamento, independente da categoria que representa na construção (PFAU, STEINBACH E WOLL, 2012).

Nóbrega (2019) defende que o sistema espacial das LS se compõe pelo uso de unidades mínimas que se relacionam com as ações espaciais no processo de construção do sinal ou da sentença. Há diversas formas de descrição das unidades mínimas de movimento, sequência, direção e posição, possibilitando que os sinais possam ser produzidos de forma

⁶ The syntactic structure specifying relations of signs to one another in sentences of ASL is also essentially organized spatially. Nominal signs may be associated with abstract points in a plane of signing space, and it is the direction of movement of verb signs between such endpoint that marks grammatical relations (Klima e Bellugi, 2001, p. 14067).

simultânea ou sequencial. O autor descreve quatro tipos de categorias presentes no sistema espacial, que são apresentados na imagem 4, a seguir:

Imagem 4 - Categorias do sistema especial

classe	unidades mínimas	descrição
Direção	Cima, Baixo, Frente, Atrás, Direita/Esquerda, Diagonal Esquerda, Diagonal Direita, Rotação	indica a direção inicial e final do conjunto de unidades mínimas
Posição	Horizontal, Vertical, Superior, Inferior, Médio, Neutro	indica a posição que o sinal será produzido
Movimentos	Retilíneo, Circular, Semicircular, Helicoidal, Angular, Sinuosa	indica o tipo de movimento realizado
Sequência	Unidirecional e Bidirecional	indica a sequência em que a unidade mínima Sig será realizada

Fonte: Nóbrega (2019, p. 66 – 67).

Além desses marcadores manuais, a sintaxe espacial das línguas de sinais contém ainda componentes não manuais que são usados para a concordância (Bahan, 1996; Baker, 1976; Baker e Padden, 1978; Baker e Cokely, 1980; Bellugi e Fischer 1972; Liddell, 1978, 1980; Loew, 1984; MacLaughlin 1997; Neidle & Nash 2012; Quadros 2003; Wilbur, 2000). Tanto os marcadores manuais quanto os não manuais são importantes para as construções e para a estrutura sintática dessas línguas. De acordo com Baker e Cokely (1980) e Loew (1984, apud Quadros e Karnopp, 2004), o local estabelecido no espaço de sinalização pode ser referido a partir de diferentes mecanismos espaciais, como nos exemplos a seguir, construídos pela autora da presente dissertação:

- a) Marcação do sinal em um lugar particular, estabelecendo um local para o referente, como por exemplo escola, sinal da imagem 5, marcado à direita do sinalizante, e casa, imagem 6, marcado à esquerda;

Imagem 5 - Sinal Escola



Fonte: a autora.

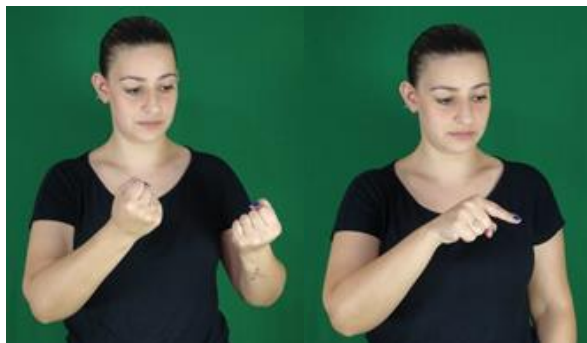
Imagem 6 – Sinal Casa



Fonte: a autora.

- b) Direcionamento de cabeça e olhos que marcam o local realizado simultaneamente com o sinal de nome ou apontamento (ix). No exemplo: carro ix;

Imagem 7 - Sinal Carro + ix



Fonte: a autora.

- c) Uso do apontamento para indicar o local, seguido do referente, ex.: ela mulher;

Imagem 8 - Sinal Ix + mulher



Fonte: a autora.

- d) Para uma referência óbvia, utilização de apontamento pronominal ostensivo.
Por exemplo: isso (ix) bom;

Imagem 9 - Sinal Ix + bom



Fonte: a autora.

- e) Marcação de referentes no espaço e uso posterior de um verbo direcional (com concordância), como, por exemplo, no caso do verbo *dar*.

Imagem 10 - Sinal te dar e Sinal Me dar



Fonte: a autora.

- f) Uso de classificadores como, por exemplo, duas pessoas passando uma pela outra;

Imagem 11 - Sinal pessoas passando: classificador



Fonte: a autora.

Construções com CLs, como no exemplo f, são parte da sintaxe espacial das línguas de sinas, e da Libras. Apesar de serem estruturas presentes em outras LS, considerando o escopo deste trabalho, abordaremos classificadores especificamente em Libras. Segundo Ferreira Brito (1995), classificadores em Libras podem ter função de nome, adjetivo, advérbio, verbo, sujeito, além de possuírem singular e plural. Tais construções envolvem movimento, localização, incorporação de verbos da sinalização e possibilitam tanto a indicação do objeto quanto a ação deste. Em narrativas, podem ser utilizados para indicar construção espacial na relação coisas – pessoas. Dessa forma, os classificadores na Libras podem ser considerados importantes componentes sintáticos, pois utilizam recursos do corpo do sinalizante para construção visual rica em significado. Quadros (2019, p.22) define classificadores como:

Classificadores são sinais considerados altamente complexos produzidos nas diferentes línguas de sinais, pois são polimorfêmicos, ou seja, envolvem diferentes informações produzidas em um único sinal sem uma forma lexical estável. Os classificadores são também chamados de descrições imagéticas ou descrições visuais, pois apresentam em sua forma uma representação do mundo real, logo, icônica. Integram um componente instável do léxico porque são combinados cada vez, de acordo com a referência ao mundo real, que pode incluir o evento, a forma do referente, a forma do evento em si, o modo e o tempo, produzidos simultaneamente em um único sinal (QUADROS, 2019, p.22).

As construções coordenadas e subordinadas em Libras podem ou não apresentar classificadores e marcadores não manuais em sua construção, mas cada uma possui marcadores específicos que determinam se há ou não dependência gramatical. Apesar de haver um grande número de estudos que discutem questões sintáticas da estrutura da Libras (como Almeida e Almeida, 2013; Benassi, 2016; Cotovicz, Streiechen e Antoszcyszen, 2018; Ferreira Brito, 1992, 1995, 2010; Quadros, 1997, 1999, 2020; Quadros e Karnopp, 2004; Santos et. al, 2013; Silva e Almeida, 2015; Royer, 2019; Quadros e Lourenço, 2020), estudos de estruturas coordenadas e subordinadas em Libras ainda são escassos. Dessa forma, estudos de outras LS servem como base para que possamos entender a organização de tais construções.

Como vimos acima, os estudos linguísticos das LS têm registros desde 1960 e é um campo de estudo ainda em expansão. Em 1995, Ferreira Brito publica o primeiro estudo sobre Libras e gramática, trazendo aspectos linguísticos específicos desta LS. A partir de Stokoe (1960) e Ferreira Brito (1995), muitas outras pesquisas linguísticas se tornaram referência nos estudos linguísticos das LS, sempre com o objetivo de descrever tais línguas, dissociando-as das estruturas de línguas orais. Nos estudos, os autores supracitados pesquisam marcadores que exercem papéis sintáticos nas LS sendo eles manuais, os sinais, classificadores e não manuais, que são movimentos de tronco, cabeça e expressões de face. A articulação destes últimos com os sinais manuais evidencia a importância de considerarmos a modalidade visual espacial no processo de análise linguística, já que a simultaneidade passa a ser uma característica bastante marcada em LS, por possibilitar que diferentes elementos sejam trazidos, ao mesmo tempo, em uma construção.

2. CAPÍTULO 2 - LÍNGUAS DE SINAIS E SUAS ESTRUTURAS COMPLEXAS

Neste capítulo, apresentaremos um panorama dos estudos linguísticos sobre as estruturas sintáticas complexas de coordenação e subordinação presentes nas línguas de sinais e na Libras. Aprofundaremos aqui a discussão sobre a modalidade visual-espacial das línguas de sinais para que possamos compreender melhor como as línguas dessa modalidade se articulam e qual a influência dessa modalidade na sintaxe desse tipo de língua. Considerando as características de modalidade, portanto, focaremos aqui na organização das estruturas coordenadas e subordinadas de diferentes línguas de sinais, dado que, em Libras, as descrições dessas estruturas ainda são escassas na literatura. Na seção 2.1 abordaremos as línguas de sinais e suas características sintáticas específicas. Nas seções 2.2 e 2.3, detalharemos estruturas coordenadas e subordinadas, respectivamente, marcadores manuais e não manuais já descritos em cada estrutura bem como sua organização. Ainda abordaremos as formas de identificar os tipos de construção embasados em estudos anteriores. A escolha das estruturas de coordenação, subordinação se deu em razão do escopo desta pesquisa e da percepção de que somente entendendo tais estruturas seria possível uma análise detalhada para alcançar os objetivos propostos por nós. Ainda neste capítulo em 2.4 discutimos o que é recursividade, os primeiros estudos sobre a propriedade, origem e manifestação nas línguas humanas. Por fim, apresentamos em 2.5 os estudos existentes em línguas de sinais que abordam o tema da recursividade.

2.1. Línguas de sinais e suas características sintáticas

Com o avanço dos estudos linguísticos nas línguas de sinais, já há descrição relativamente detalhada na literatura sobre aspectos morfológicos, fonológicos, semânticos, pragmáticos e sintáticos dessas línguas e, incluindo um grande número de exemplos de uso. No caso da sintaxe, por exemplo, há estudos que discutem as estruturas de diversas LS no mundo todo (Goldin-Meadow, 1982; Ferreira Brito, 1995, 2010; Quadros e Karnopp, 2004; Sandler & Lillo-Martin, 2006; Evans e Levinson, 2009; Pfau, Steinbach, Woll, 2012; Pfau e Aboh 2012; Pfau e Stenbach, 2005, 2016; Kocab, Senghas e Jesse 2016; entre outros). Na Libras, entretanto, o número de trabalhos é bem menor, embora valha a pena destacar a pesquisa de Quadros, 1997, 1999, 2004, 2006, 2011, 2020; Quadros e Lourenço, 2020; Figueiredo e Lourenço, 2019; Rocha et. al, 2020 (no prelo); Rodrigues e Souza, 2019; Royer, 2019; Royer e Quadros, 2019; Santos, et. al, 2013.

Ao olharmos para a sintaxe das línguas de sinais precisamos considerar a modalidade visual espacial dessas línguas e de que forma a modalidade impacta as relações sintáticas. Para Pfau e Aboh (2012, p. 83):

O termo ‘modalidade’, como é usado neste contexto, se refere à distinção entre línguas que são expressas e percebidas na modalidade oral auditiva (i.e. línguas orais) e aquelas que são expressas e percebidas na modalidade gestual-visual (i.e. línguas de sinais)⁷ (PFAU e ABOH, 2012, p. 83).

A partir de 1980, segundo Woll (2003), as pesquisas em LS começam a elencar as diferenças entre línguas de sinais e orais, e o foco passa a ser o impacto que a modalidade da língua pode ter na sintaxe. Nomeado pela autora como período pós-moderno, além de registrar o início das pesquisas de comparação entre línguas de modalidades diferentes, este período também marca o início das pesquisas que comparam línguas de sinais entre si, possibilitando comparações de estruturas entre línguas de mesma modalidade.

Diferentemente do que ocorre nas línguas orais, a modalidade visual espacial das línguas de sinais possibilita o uso do espaço de forma tridimensional, permitindo o emprego de produções simultâneas (que ocorrem ao mesmo tempo com diferentes informações) com uso de braços, mãos, corpo e expressões faciais e movimentos corporais. Para Leesson e Saeed (2012), os efeitos da modalidade são responsáveis pela redução da variação estrutural encontrada nas línguas de sinais quando em comparação com as línguas faladas⁸. Perniss, Pfau, and Steinbach (2007) apontam que não há um consenso em relação à ordem das palavras em línguas de sinais, mas indicam que há semelhanças entre as línguas que parecem ser influenciadas pela modalidade, como é o caso de construções que envolvem marcações de referentes no espaço, indicando lugar ou que tenham simultaneidade, contendo mais de uma informação na construção ao mesmo tempo, por exemplo.

Uma das questões que distingue as línguas orais de LS é que, nesta última, é possível a presença de diferentes informações ao mesmo tempo na construção como, por exemplo, quando falamos em prosódia nas línguas de sinais, a partir de nossa experiência linguística percebemos que, em Libras, as expressões não manuais (tronco e face) podem descrever, simultaneamente a sinais manuais, sons como volume (alto, agudo, grave, baixo, estridente) e

⁷ “The term ‘modality’, as used in this context, refers to the distinction between languages that are expressed and perceived in the oral-auditive modality (i.e. spoken languages) and those that are expressed and perceived in the gestural-visual modality (i.e. sign languages) (Pfau e Aboh, 2012, p. 83).”

⁸ Modality effects are responsible for the reduced range of structural variation found in sign languages in comparison to spoken languages (LESSON e SAEED, 2012, p. 257).

entonação de voz (melódica, suave, grave, rouca), possibilitando ao sujeito surdo a compreensão do conceito mesmo sem que ele possua percepção auditiva. É justamente a simultaneidade que permite que elementos manuais e não manuais sejam articulados ao mesmo tempo pelo sinalizante, garantindo o uso de mais de um elemento linguístico na construção.

Leesson e Saeed (2012) apontam que há uma semelhança notória entre diferentes línguas de sinais quanto ao uso simultâneo de expressões não manuais. Em orações interrogativas QU, por exemplo, segundo os autores, há a ocorrência de sinais não manuais, como o franzir das sobrancelhas, simultâneos aos manuais. Já em perguntas do tipo sim-não, por outro lado, as sobrancelhas se articulam para cima, de forma levantada, diferenciado do marcador QU. Tal apontamento indica uma característica específica das LS e nos leva a refletir sobre as manifestações sintáticas e suas especificidades na modalidade visual espacial e direciona às seguintes perguntas: línguas de sinais utilizam a recursividade de que forma? A simultaneidade existente nas línguas de sinais pode influenciar a forma como a recursividade se manifesta? Tais questionamentos serão discutidos na sessão 4.4.

Há muitas manifestações de marcadores não manuais descritas em Libras e em outras línguas de sinais. Quadros e Karnopp (2004) identificam como marcadores não manuais da Libras e que podem ser marcadores sintáticos, diferenciadores lexicais ou indicadores de concordância gramatical: movimentos de face, olhos (incluindo direcionamento do olhar no espaço de sinalização), tronco ou cabeça. Este último pode estar associado ao foco (para cima ou para baixo) e indicar negações. Além desses, ainda são considerados pelas autoras como marcadores não manuais os movimentos de sobrancelhas que podem indicar construções em tópico e marcar interrogação quando associado ao movimento de cabeça lateralizado ou para frente. Em outras línguas de sinais também há descrições de uso desses marcadores.

Em ASL, língua alemã (DGS) e italiana de sinais (LIS), Tang e Lau (2012) detalham como marca de relativização: o levantar de sobrancelhas, a inclinação da cabeça para trás, elevação dos lábios superiores, inclinação ou direcionamento de tronco, leve contração dos olhos, torcer ou apontar os lábios e até a contração nasal. Percebe-se que as expressões não manuais estão presentes nas construções de diferentes línguas de sinais e podem exercer papel sintático. Porém, Perniss, Pfau e Steinbach (2007) indicam que no campo sintático há variações impressionantes de uma língua de sinais para outra, isso se dá, segundo os autores porque: “a fusão de uma estrutura sintática frasal é altamente abstrata e independente das

propriedades fonológicas dos itens a serem inseridos, não importando se sua teoria envolve movimento de operações ou não” (PERNISS, PFAU E STEINBACH, 2007, p.14)⁹.

As línguas de sinais também apresentam subordinação e coordenação, mas às vezes é difícil distinguir estruturas coordenadas e subordinadas. Tang e Lau (2012) apontam que tal dificuldade se dá pelo fato de que podem ocorrer incompatibilidades “onde dois constituintes frasais são semanticamente coordenados, mas subordinados um ao outro sintaticamente, ou vice-versa” (p.340). Para Johnston e Schembri (2007), por outro lado, a dificuldade de padronizar a identificação dos limites das sentenças se dá em razão da não obrigatoriedade das LS incorporarem complementos ou conjunções. Dessa forma, muitas vezes os limites das sentenças são marcados de forma sutil, não manual e com processos simultâneos que podem dificultar a percepção de limite sentencial. Assim, para que possamos entender melhor, a partir de estudos já realizados em línguas de sinais, veremos a seguir coordenação e subordinação de forma específica, analisando melhor suas estruturas e seus marcadores diferenciais. Após, discutiremos estudos sobre recursividade em LS e as possíveis manifestações da propriedade nessas línguas.

2.2. Estruturas coordenadas

Estruturas coordenadas são aquelas que não possuem relação de dependência sintática dentro de uma construção, como, por exemplo: *ele chegou e saiu rápido*. Tais estruturas estão presentes nas línguas de sinais e, como apontam Tang e Lau (2012), já há registros, embora poucos, de conjunções utilizadas em línguas de sinais (como a britânica e a americana) neste tipo de construção. Em ASL, Padden (1988) identifica os marcadores *and* e *but* como conjunções presentes em estruturas coordenadas quando há uma pausa entre as duas orações e a segunda está acompanhada de um movimento simultâneo não manual de cabeça (hs para exemplo a seguir). Em Hong Kong, sinais manuais como *and*, *but*, e *or* são encontrados, enquanto em língua australiana de sinais (Auslan) há apenas registros do uso do *but*. Tang e Lau (2012, p. 342) trazem os seguintes exemplos desses marcadores em ASL e Auslan:

⁹ “the merging of a syntactic phrase structure is highly abstract and independent of phonological properties of the items to be inserted no matter whether your theory involves movement operations or not”. Perniss, Pfau e Steinbach (2007, p.14).

1)

hs

1PERSUADE_i BUT CHANGE MIND [ASL]
 'I persuaded her to do it but I/she/he changed my mind.'

2)

k-i-m LIKE CAT BUT p-a-t PREFER DOG [Auslan]
 'Kim likes cats but Pat prefers dogs.'

As autoras ainda defendem que muitas línguas de sinais adotam o uso da justaposição para eventos simultâneos ou em sequência, como podemos ver nos exemplos abaixo apresentados pela autora desta dissertação. Tais exemplos correspondem à Libras, mas outras línguas de sinais também utilizam este tipo de estratégia.

Evento sequencial:

3) Dar dinheiro ix sacola pegar [LIBRAS]

4) Eu dou o dinheiro e pego a sacola.

Evento simultâneo:

cl cl

5) Fruta cair CL: trincar vidro.
 A fruta caiu e o vidro trincou.

Em construções coordenadas em LS, conforme apontam Tang e Lau (2012), a escolha pelo uso da justaposição é mais prevalente do que o uso de conjunções como *e*, *mas*, *ou*, principalmente nos eventos referidos acima. Os sinais não manuais não são muito recorrentes em construções coordenadas em LS, com exceção do piscar de olhos para marcar a mudança do conjunto de orações. Há registros de marcadores de aceno sintático de cabeça utilizados quando conjunções lexicais ou verbos estão ausentes, mas não é um padrão nas LS, com exceção da língua de sinais de Hong Kong. Ainda, pode ocorrer mudança na posição do tronco para marcar os dois conjuntos de orações, quando não há uma conjunção marcada manualmente, mas há uma tendência de não ocorrência de marcadores não manuais em estruturas coordenadas. Para identificar os limites da oração, Tang e Lau (2012) apontam tal marcação com o piscar de olhos. A seguir são apresentados dois quadros, organizados pela autora com base nas descrições apresentadas por Tang e Lau (2012), Figueiredo e Lourenço (2019), Hauser (2019), Bross (2020), com os marcadores já identificados para coordenação

nas LS. Neles, é possível observar em 1 os marcadores não manuais (mnm) descritos em línguas de sinais francesa, americana, dos países baixos, de Hong Kong, australiana, italiana, alemã e brasileira. Os mnm identificados são: aceno de cabeça quando o verbo é interrompido ou ausente, piscar de olhos, aceno ou giro de cabeça, giro ou movimento de tronco/ombros. O quadro 2 indica os marcadores manuais identificados nas mesmas línguas de sinais, que são: advérbio temporal, *and*, *but*, *or* e simultaneidade (justaposição). As ocorrências indicadas pelos autores supracitados, mostram que os mesmos marcadores manuais são encontrados em uso na maioria das LS, enquanto os marcadores não manuais são menos usados e apenas a justaposição é utilizada pela maioria das línguas.

Quadro 1: Coordenação nas LS: marcadores não manuais

	LSF	ASL	LS Países Baixos	HKSL	AUSLAN	LIS	GS
Aceno de cabeça quando o verbo é interrompido ou ausente.		V					
Piscar de olhos.				V			
Aceno ou giro de cabeça.				V			
Giro ou movimento de tronco/ombros.				V			V

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 2: Coordenação em LS: marcadores manuais

	LSF	ASL	LS Países Baixos	HKSL	AUSLAN	LIS	DGS
Advérbio temporal	V	V		V		V	V
And		V		V			
But		V		V	V		
Or				V			
Simultaneidade (justaposição)	V	V	V	V	V	V	V

Fonte: Elaborada pela autora.

Como é possível perceber a partir das descrições já existentes e das tabelas apresentadas anteriormente, os sinais manuais são mais recorrentes nas construções coordenadas em LS. Dessa forma, para que seja possível a distinção entre coordenação e subordinação, é preciso entender o papel sintático dos marcadores não manuais e sua contribuição na construção das orações em LS. Pesquisas descrevem construções subordinadas com mais ocorrência de marcadores não manuais exercendo papel de dependência sintática do que orações subordinadas, conforme veremos a seguir.

2.3. Estruturas subordinadas

Em comparação com as estruturas coordenadas, Tang e Lau (2012) indicam que a subordinação tem sido foco de mais pesquisas em línguas de sinais. Em 1977, Thompson faz o primeiro estudo com foco em estruturas subordinadas defendendo que tal complexidade estrutural não existia em ASL. Ele analisou orações relativas ou a inexistência delas, além de fala direta, verbos que necessitam de complemento (*saber e querer*) e construções com encaixamento. Ao analisar as orações com o verbo *saber*, admite não saber se há subordinação nas construções e indica três possibilidades: 1) as orações não são ASL e sim inglês sinalizado; 2) são estruturas coordenadas, como no exemplo de Thompson (1977, p. 191): *You know / Mark hate cigarette (It is obvious that Mark hates cigarettes)*; 3) são casos de subordinação. Porém, o autor sugere que a terceira possibilidade seja a menos provável por argumentar não haver essa estrutura em outras construções em ASL.

Ao criticar os argumentos de Thompson, Liddell (1980) sugere que, mesmo que pausas possam indicar limite de sentença, como no exemplo *You know / Mark hate cigarette*, não é possível afirmar que todas as construções desse tipo são coordenadas. Para Liddell, as

análises de Thompson ignoraram a existência dos marcadores não manuais cruciais, segundo ele, para distinguir coordenação e subordinação nas orações em ASL. De acordo com o Liddell, os pesquisadores não encontraram sinais de subordinação em ASL porque buscavam marcadores manuais de subordinação, o que impossibilitava a percepção de que certas estruturas subordinadas são marcadas somente de forma não manual. Anos mais tarde, os estudos de Padden (1988) sustentam ainda mais a teoria de Liddell e trazem evidências adicionais da existência das estruturas subordinadas em ASL, indicando que os marcadores não manuais podem ser utilizados na oração principal e se espalhar para a oração encaixada, diferenciando coordenação e subordinação nas línguas de modalidade visual espacial.

Ao citar informações que complementam a sentença, Tang e Lau (2012) argumentam que tipologicamente eles se situam na extremidade da ligação oracional, exercendo função de complementador morfossintático e marcando as relações gramaticais. Porém, se há ausência desses complementos, as autoras apontam que a existência de marcadores não manuais pode ser um indicativo de dependência sintática. Indicando dependência sintática entre oração principal e oração subordinada, Padden (1988) registra a repetição do sujeito (pronome pessoal reto) no final da oração, estrutura que também distingue coordenação e subordinação, já que tal repetição indica uma co-referência entre o sujeito e a segunda oração, como é possível ver no exemplo dado por Tang e Lau (2012):

6)

₁INDEX GO-AWAY ₁INDEX
'I'm going, for sure (I am).'

[ASL]

Em línguas de sinais, marcadores não manuais podem ser os diferenciais na comparação entre estruturas de coordenação e subordinação. Pfau e Steinbach (2016) afirmam que nas LS alguns tipos de orações relativas ou adverbiais geralmente são acompanhadas por marcadores não manuais. Para eles, a presença ou não do marcador não manual pode mudar o significado ou a estrutura da oração, como no exemplo trazido pelos autores da língua alemã de sinais (DGS):

re
TOMORROW RAIN, WE PARTY CANCEL MUST
'If it rains tomorrow, we will have to cancel the party.'

7) TOMORROW RAIN, WE PARTY CANCEL MUST
'It will rain tomorrow. We must cancel the party.' (PFAU E STEINBACH, 2016, p. 10)

Pfau e Steinbach (2016) explicam que, na primeira frase do exemplo, há um movimento de levantar as sobranceiras indicando condicionamento, que é uma estrutura

subordinada, porém a mesma sequência no exemplo seguinte pode ser considerada uma estrutura coordenada com duas orações independentes. Tal evidência mostra a importância do papel dos marcadores não manuais no processo de subordinação em línguas de sinais.

Além dos marcadores não manuais (faciais e corporais), Pfau e Steinbach (2016) indicam um segundo possível marcador de subordinação exclusivo das línguas de sinais em razão da modalidade: a simultaneidade do uso das mãos. Para eles, duas orações ligadas entre si, narrando eventos que acontecem simultaneamente, podem ser representadas com ambas as mãos que relacionam a subordinação das orações, conforme exemplo da língua russa de sinais (p.12):

8)

rh: NOW INDEX OVER. INDEX FINALLY MAY OUT
lh: OVER -----
'Now it was over. So he finally was allowed to go out.'

Pode muito bem ser o caso de não estarmos lidando com duas orações independentes, mas sim com uma oração principal ('Ele finalmente foi autorizado a sair') contendo uma oração causal ('porque tinha acabado'). Como antes, é possível que o fraco perto de mãos evidencia a relação entre as duas orações ou cláusulas" (PFAU E STEINBACH, 2016, p. 12)¹⁰.

Para Tang e Lau (2012), os marcadores não manuais se espalham na construção subordinada, diferenciando-a das estruturas de coordenação. Outro aspecto que diverge é a evidência da necessidade que esta tem de pausa entre os conjuntos, o que não acontece com a subordinação. De acordo com as autoras, nas LS, há uma análise sobre o uso de marcadores não manuais em orações relativas em línguas americana, italiana e alemã de sinais e em Libras (Figueiredo e Lourenço, 2019). Tais pesquisas sugerem que as estratégias de relativização variam entre as línguas de sinais, da mesma forma que acontece nas línguas orais, porém, apontam os marcadores não manuais como movimento de sobancelhas, que serão apresentados a seguir, como estratégia presente na maioria das LS.

Além dos marcadores não manuais identificados e descritos em diversas línguas de sinais, alguns marcadores manuais utilizados como marcadores de relativização também são registrados, como é o caso do *that* (*a, b e c*) em ASL. Descrito por Liddell (1980, apud Pfau,

¹⁰ "...it might well be the case that we are not dealing with two independent sentences but rather with a main clause ('He finally was allowed to go out') containing a causal clause ('because it was over'). As before, it seems likely that the weak hand hold signals the relation between the two sentences or clause." (Pfau e Steinbach, 2016, p. 12).

Steinbach e Woll 2012, p. 361), o marcador manual pode apresentar diferentes *status* gramaticais. Por exemplo, em ASL, o sinal de *thata* nomeado por Liddell como conjunção relativa é normalmente um sinal que corresponde a um substantivo na oração relativa, enquanto o sinal de *thatb* tem ocorrência no final da oração relativa e geralmente é articulado com intensificação na sinalização. *Thatc* é um complemento acompanhado por um aceno de cabeça, como podemos ver nos exemplos a seguir (Pfau, Steinbach e Woll 2012, p. 361):

9)

re	
· RECENTLY DOG THAT _a CHASE CAT COME HOME.	[ASL]
	‘The dog which recently chased the cat came home.’
re	
· IX ₁ FEED DOG BITE CAT THAT _b THAT _c	
	‘I fed the dog that bit the cat.’

Há nas estruturas subordinadas de LS, de acordo com Hauser (2019), a identificação de pronomes relativos manuais em várias línguas: em língua de sinais de Hong Kong -HKSL, há a descrição de um sinal manual que aponta para direita com a palma da mão para a frente e que é percebido como marcador manual; em língua alemã de sinais - DGS, o pronome relativo é sinal de apontador ou classificador de pessoa; e em LIS há um sinal com CM dedo indicador para frente e M em rotação. A autora aponta que, apesar de haver registros de marcadores manuais que indicam relativização, a análise sintática desses marcadores varia muito em cada LS.

Os marcadores não manuais, como o movimento de sobrancelhas ou o balançar de cabeça, fazem parte da gramática das LS e podem se manifestar de diferentes maneiras. Para Bross (2020), tais estruturas são suprasegmentais. Para o autor, entretanto, os marcadores não manuais não podem ser considerados gestos por exercerem papel sintático, apresentando picos de intensidade em algum ponto do constituinte e não se espalhando de modo uniforme, ou seja, podem ser simultâneos somente a um sinal e não a toda a oração.

No que tange à identificação e à descrição de sinais não manuais, Tang e Lau (2012) citam a elevação das sobrancelhas como marca de relativização em línguas como ASL, LIS e DGS. Segundo Wilbur (2017), há outros marcadores não manuais que estão presentes em ASL, tais como inclinação de cabeça ou aceno para trás, elevação ou contração de lábios superiores, elevação de sobrancelhas, bochechas levantadas e olhos semicerrados. Em LIS, por sua vez, é possível identificar o franzir dos lábios e a contração dos olhos. Em língua alemã de sinais, Tang e Lau (2012) sugerem a existência de inclinação do corpo direcionando a marcação do pronome relativo. Pfau e Steinbach (2005) defendem que em DGS orações

relativas pós-nominais são introduzidas por pronome relativo e o marcador não manual pode acompanhar o pronome ou há a opção de ser colocado na sentença final, como no exemplo:

10)

$$\text{YESTERDAY [MAN IX}_3 \text{ [RPRO-H}_3 \text{ CAT STROKE]}_{\text{CP}} \text{]}_{\text{DP}} \text{ARRIVE} \quad \text{[DGS]}$$
 'The man who is stroking the cat arrived yesterday.'

(TANG E LAU, 2012, p. 358).

Vale a pena aqui mencionar um estudo da língua de sinais francesa bastante detalhado sobre as estruturas subordinadas com encaixamento nominal e sentencial. Nele, Hauser (2019) identifica três marcadores relativos utilizados para construções em LSF. Primeiramente, a autora descreve apenas marcadores não manuais, que se espalham minimamente sobre o núcleo da oração relativa em LSF, como no exemplo abaixo:

11)

$$\text{IX-1 PREFER } \overline{\text{VET}}^{\text{rel}} \text{ CURE DOG}$$
 'I prefer the vet who cures the dog.' [LSF] (HAUSER, 2019, p.55)

Tais marcadores não manuais descritos pela autora em LFS são: ombros e/ou tronco direcionados para o espaço onde o núcleo da oração relativa está marcado no espaço de sinalização; elevação de sobrancelhas; contração (tensão) de lábios e queixo para cima ou para baixo. A autora aponta, além dos marcadores não manuais supracitados, outros dois marcadores manuais identificados em língua de sinais francesa. O primeiro é o classificador para referentes humanos acompanhado dos marcadores não manuais, como no exemplo a seguir:

12)

$$\text{IX-1 PREFER LITTLE GIRL } \overline{\text{PERSON-CL}}^{\text{re}} \text{ PET DOG}$$
 'I prefer the little girl who pets the dog.' [LSF] (HAUSER, 2019, p. 56)

O segundo marcador manual identificado por Hauser é o marcador demonstrativo (apontamento), que pode ser utilizado para a marcação de qualquer referente, seja ele animado ou não, indicando a localização no espaço e estabelecendo relações sintáticas entre os elementos da construção. Nessa construção, também há marcadores não manuais marcados, como direcionamento de tronco, elevação de sobrancelhas e um complemento com a boca (leve tensionamento de lábios). Para Hauser (2019), em LSF o encaixamento recursivo é

possível com o uso dos marcadores supracitados, pois para a autora, independentemente da língua ou da modalidade, o processamento se dá de forma semelhante.

É importante ressaltar que ainda não há descrições feitas na Libras em relação a estruturas coordenadas e subordinadas e seus marcadores específicos. Dessa forma, pouco embasamento há para a análise da manifestação da propriedade recursiva, nos levando a buscar referências em outras línguas de sinais. Como é possível notar, as divergências em relação à ocorrência de relativização em diferentes LS são no sentido de discutir em qual elemento há a marcação de relativização e por onde, na oração, se estende tal marcação, como nos demais casos de subordinação. Assim, considerando que a literatura indica a existência da estrutura subordinada em línguas de sinais e sugere um maior número de presença de marcadores não manuais em relação aos manuais nestas construções, compilamos em um quadro os marcadores de subordinação já descritos em LS. No quadro 3, é possível vermos os marcadores já descritos em estudos feitos em LSF, ASL, LIS, DGS, HKSL e Libras, sendo eles: direcionamento de cabeça/ombros/tronco para lados, frente ou trás; elevação de sobrancelhas; baixar de sobrancelhas; contração/tensionamento de lábios; boca aberta; dentes contraídos; aceno/balanço de cabeça; direção de olhar (para cima ou para baixo); contração ou arregalar de olhos; queixo para cima ou para baixo; negação sintática; movimento de cabeça lado a lado; elevação de lábios superiores; contração nasal; sopro de ar; bochechas inchadas; torção ou apontamento de lábios; inclinação de cabeça; contato visual direto com interlocutor; franzir de sobrancelhas e franzir de lábios.

Apesar de serem em menor número, marcadores manuais também são descritos em estruturas subordinadas em LSF, ASL, LIS, DGS, HKSL e língua russa de sinais como pode ser conferido no quadro 4. São eles: simultaneidade; classificador para referentes humanos (pode ser pronome); classificador para referentes forma ou objeto; demonstrativo (apontamento ix); that (a. substantivo principal; b. intensificação); morfema demonstrativo e ix apontamento com a palma da mão. Ao compararmos os dois quadros, notamos que os marcadores não manuais são descritos em maior quantidade e identificados em maior uso do que os manuais, indicando aqueles como um componente lexical bastante importante quando o assunto é subordinação em LS.

Quadro 3: Subordinação nas LS: marcadores não manuais

	LSF	ASL	LIS	DGS	HKSL	Libras
Direcionamento de cabeça/ombros/tronco para lados, frente ou trás.	V	V	V	V	V	V
Elevação de sobrancelhas.	V	V	V	V	V	V
Baixar de sobrancelhas.	V			V		V
Contração/tensionamento de lábios.	V			V		
Boca aberta.	V					
Dentes contraídos.	V					
Aceno/balanço de cabeça.	V	V		V		V
Direção de olhar (para cima ou para baixo).	V	V	V	V		V
Contração ou arregalar de olhos.	V	V	V	V		V
Queixo para cima ou para baixo.	V					
Negação sintática.	V	V				V
Movimento de cabeça lado a lado.	V	V				V
Elevação de lábios superiores.		V		V		
Contração nasal.		V	V			
Sopro de ar		V		V		
Bochechas inchadas	V	V		V		
Torção ou apontamento de lábios			V	V		
Inclinação de cabeça.	V	V		V	V	V
Contato visual direto com interlocutor.				V	V	V
Franzir de sobrancelhas.		V			V	V
Franzir de lábios.				V	V	

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 4: Subordinação nas LS: marcadores manuais

	LSF	ASL	LIS	DGS	HKSL	RUSSO
Simultaneidade.	V	V	V	V		V
Classificador para referentes humanos (pode ser pronome).	V			V		
Classificador para referentes forma ou objeto.				V		
Demonstrativo (apontamento ix).	V	V	V	V	V	
That (a. substantivo principal; b. intensificação).		V				
Morfema demonstrativo.			V			
ix apontamento com a palma da mão.					V	

Fonte: Elaborada pela autora.

2.4. O que é recursividade?

É através de Humboldt e Descartes que a ideia de que é a linguagem expressa o pensamento humano é introduzida na perspectiva da linguística ocidental. Ainda, são eles que apontam que as diferenças entre as línguas se dá apenas no nível da superfície das estruturas sintáticas (ROCHA et. al, 2020, no prelo). Em 1836, Wilhelm von Humboldt publica o livro *On Language: On the Diversity of Human Language Construction and Its Influence on the Mental Development of the Human Species*, republicado em 1988 e referido por Bloomfield (1933) como o primeiro grande livro de linguística geral. Humboldt é o primeiro linguista da Europa a identificar, na linguagem humana, um sistema composto por regras. Para ele é a linguagem que forma o pensamento, sendo ela condição necessária para que o pensamento se estruture e estabeleça com a mente um funcionamento de looping, possibilitando um processo de criação e encaixamento contínuo de sintagmas. Assim, o pensamento é uma linguagem que permite usos infinitos de finitas estruturas da língua. Além de Humboldt, Descartes também relaciona pensamento e linguagem, afirmando que cada ser humano tem liberdade para criar seu próprio pensamento, que é expresso pela linguagem e manifesto em representações e significados que podem variar de extensão (COMINETTI, 2013).

Tais perspectivas introduzem na área da linguística a ideia de produtividade e todas as discussões sobre o assunto têm sua origem nessas teorias. Noam Chomsky desenvolve sua teoria linguística a partir desse conceito de produtividade, que ele argumenta ser exclusivo das línguas humanas. Em seu trabalho, o autor enfatiza a propriedade recursiva da linguagem (cf., em especial Chomsky 1965 e, mais recentemente, Berwick & Chomsky, 2017). Segundo a teoria proposta por Chomsky, os seres humanos podem expressar o pensamento através de sentenças, que podem ser construídas de formas novas e ilimitadas. Através do encaixamento dos recursos finitos da língua (sintagmas ou unidades básicas), os indivíduos são capazes de construir, potencialmente, sentenças de extensão infinita.

Marcilese (2011), embasada no modelo matemático da recursividade, defende que a noção de recursividade se origina na matemática como um método que define funções, sendo também utilizada dentro da lógica de programação. As funções recursivas presentes na matemática podem ser adaptadas à linguagem, pois o processo recursivo pode se repetir infinitamente, dando origem a extensões encaixadas com os finitos recursos da língua (RATTOVA, 2014).

Roeper (2010, p. 47) define recursividade como “uma operação que tem sua própria saída como entrada”¹¹. Nesse contexto linguístico, a recursividade, uma propriedade sintática intrínseca às línguas naturais, vem, desde Humboldt, sendo foco de inúmeras discussões linguísticas que serviram de embasamento para esta pesquisa, mas que não serão aprofundadas teoricamente (cf. Hauser, Chomsky, Fitch (2002); Jackendoff e Pinker (2005), Everett (2005, 2009, 2012, 2018), Parker (2006), Lobina e Garcia-Albea (2009), Nevins, Pesetsky e Rodrigues (2009), Marcilese (2011), Kenedy e Dias (2013), Rattova (2014), Silva (2014), Limberger e Rattova (2016), Kocab, Senghas e Snedeker (2016)).

É importante observar, entretanto, que a maioria dos autores que tratam da recursividade tem como foco de estudo a manifestação da propriedade recursiva nas línguas orais, trazendo uma comparação entre diversas línguas e apontando semelhanças ou particularidades da sua manifestação nessas línguas. Por essa razão, ou seja, devido ao fato de a recursividade ter sido prioritariamente investigada como uma propriedade presente nas línguas orais, tomaremos algumas referências de estudos que investigam recursividade nas línguas orais na análise apresentada nesta dissertação sobre o fenômeno, apesar de o escopo da presente pesquisa ser a manifestação da recursividade em Libras, uma língua de

¹¹ General Concept of Recursion: An operation which takes its own output as an input (Roeper, 2010, p. 47).

modalidade visual espacial. Assim, na seção a seguir, discutiremos estudos que tratam da manifestação da recursividade em línguas de sinais.

2.5. Recursividade em línguas de sinais: estudos anteriores

Para Silva (2014), as bases do funcionamento das operações recursivas são as mesmas em qualquer língua, apresentando diferenças na forma como os elementos envolvidos são organizados. Na mesma linha, Boss (2020) argumenta que as orações nas LS apresentam variações tipológicas semelhantes às que aparecem nas línguas orais. O autor afirma ainda que é possível, em língua de sinais, incorporar uma estrutura já encaixada, como no exemplo a seguir em ASL, em que Wilbur (2017, p. 10) apresenta a incorporação de uma oração relativa em outra oração.

13)

$$\begin{array}{c} \text{top} & & \text{br} \\ \text{DOG}_i & \text{INDEX}_1 & \text{SEE} & \text{THAT} & \text{JOHN} & \text{SAY} & \text{MARY} & \text{CHASE} & t_i & \text{THAT} \\ \text{'I saw the dog that John said that Mary chased.'} \end{array}$$

[ASL]

Para Bross (2020, p.38), em línguas de sinais há a possibilidade de incorporação de estruturas do mesmo tipo, como indica o exemplo abaixo em DGS.

14)

$$\begin{array}{c} \text{left} & & \text{right} \\ \text{LAURA} & \text{THINK} & \text{FABIAN} & \text{THINK} & \text{OTTO} & \text{SICK} \\ \text{'Laura thinks that Fabian thinks that Otto is sick.'} \end{array}$$

[DGS]

Ao falarem em recursividade e sua existência em LS, Pfau e Steinbach (2016, p. 2) afirmam que:

“Ainda assim, independente da questão de se a dita universalidade da recursividade resiste ao escrutínio tipológico, é certamente verdade que a maioria das línguas orais permite a recursividade no nível oracional, ou seja, algum tipo de subordinação. Seria surpreendente portanto se as línguas visuais gestuais como um grupo não permitissem esse tipo de complexidade gramatical – e de fato, estudos prévios mostram um número de línguas de sinais em que tais estruturas complexas existem¹²” (PFAU e STEINBACH,2016, p. 2).

¹² “Still, irrespective of the question whether the alleged universality of recursivity holds up to typological scrutiny, it is certainly true that most spoken languages allow for recursivity at the clausal level, that is, for some sort of subordination. It would therefore be rather surprising if visualgestural languages as a group did not allow

Apesar da indicação dos autores citados sobre a possível manifestação da recursividade em LS, estudos existentes especificamente sobre a propriedade, sua existência ou uso nas línguas de sinais são poucos em número e descrição, e serão apresentados a seguir. Kocab, Senghas e Jesse (2016) realizaram um estudo sobre recursividade na língua nicaraguense de sinais - NSL, uma língua emergente criada pela comunidade surda em Manágua, na Nicarágua. A NSL foi criada em meados de 1970, início de 1980, a partir de uma iniciativa do governo de abrir uma escola primária de educação especial. A partir de então, os surdos, que antes não se encontravam e não tinham uma língua com sinais padronizados, passaram a se comunicar de forma sinalizada e a desenvolver a NSL, ainda em construção, segundo as autoras.

Com a definição de recursividade proposta por Pinker e Jackendoff (2005), que definem a propriedade como o encaixamento de um constituinte em outro do mesmo tipo¹³, Kocab, Senghas e Jesse (2016) se propuseram a explorar quando a recursividade se manifesta na criação de uma nova língua, como a NSL e se diferentes grupos etários apresentam diferenças no tipo de estrutura recursiva produzida. A análise foi feita em orações relativas com três grupos etários expostos à língua em momentos diferentes, levando as autoras ao questionamento de quão cedo podem ser observadas evidências de recursividade sintática para melhor compreensão de onde vem a capacidade da recursividade e quando ela surge em uma nova língua.

Para as autoras, cada grupo de crianças que ingressa na comunidade introduz uma nova complexidade para a língua, complexidade essa que os adultos não conseguem adquirir. Dessa forma, os adultos que primeiro adquiriram a língua representam o início da criação/uso da língua, enquanto os sinalizantes mais novos representam estágios mais atuais. Considerando a heterogeneidade etária dos sinalizantes de NSL, Kocab, Senghas e Jesse (2016) examinaram três grupos etários, sendo o primeiro com crianças que entraram na comunidade surda da Nicarágua entre meados de 1970 e início de 1980; o segundo, com crianças que entraram entre meados de 1980 e início de 1990; e o terceiro, com crianças que entraram na comunidade entre meados de 1990 e início dos anos 2000. O fato de que algumas estruturas não estão presentes imediatamente em uma nova língua levou as autoras à análise

for this type of grammatical complexity – and indeed, previous studies have shown for a number of sign languages that such complex structures do exist. Pfau e Steinbach (2016, p. 2)”

¹³ In this paper, we adopt one definition, used by Pinker & Jackendoff (2005) and others: the embedding of a constituent in another constituent of the same type (Kocab, Senghas e Jesse, 2016, p.1343).

das construções de orações relativas nesses três grupos etários, já que é necessária uma comunidade de usuários, transmissão de língua e grupos sequenciais de aprendizes para que algumas propriedades da língua sejam analisadas.

Visando observar as estratégias que os sinalizantes têm na construção de orações relativas, o estudo contou com 27 surdos sinalizantes da Nicarágua e expostos à NSL aos 6 anos de idade. Os participantes foram divididos em grupos de acordo com o período em que entraram na comunidade surda e a coleta de dados foi feita com duas versões de seis eventos criados. A primeira versão objetivou a produção de orações relativas e contou com desenhos de três personagens de aparência semelhante, mas executando ações distintas (escrevendo, digitando, lendo). Primeiramente, os participantes olhavam os desenhos um por um separadamente (imagem 12, figura 1, p.1345) e, após, assistiam a um vídeo com os personagens executando suas ações ao mesmo tempo em que um quarto personagem se retira ao mesmo tempo em que um dos três personagens anteriores realiza uma outra ação (imagem 13, figura 2, p.1345). Como tarefa, os participantes precisavam narrar para o personagem que saiu o que aconteceu após sua retirada. A segunda versão, que visava a produção de orações conjuntas, era diferente, pois havia somente um personagem e o observador não via qualquer ocorrência de ação (imagem 14, figura 3, p.1345). Da mesma forma que na versão anterior, os participantes assistiam a um filme e depois relatavam o que ocorrera.

Imagem 12 – figura 1 do experimento



Figure 1. Example of the three characters in the relative clause stimuli. Each individual performs a different action (e.g., typing).

Fonte: Kocab, Senghas e Jesse (2016)

Imagem 13 – figura 2 do experimento



Figure 2. Example of new action in the relative clause stimuli. The left panel depicts all three characters with a fourth individual observing the scene. The right panel depicts a unique individual engaged in a particular action (e.g., falling).

Fonte: Kocab, Senghas e Jesse (2016).

Imagem 14 – figura 3 do experimento



Figure 3. Example of conjoined clause stimuli.

Fonte: Kocab, Senghas e Jesse (2016).

As autoras sugerem que a redução do comprimento do verbo quando mencionado pela segunda vez na construção pode ser um possível marcador de encaixamento de oração relativa. Como resultados, elas defendem que os sinalizantes dos três grupos estabeleceram conjuntos de referentes e descreveram as ações, indicando que os participantes das três faixas etárias demonstraram possuir estratégias para construção de orações relativas. Ainda, perceberam que há diferenças prosódicas entre os números de palavras que separam os verbos nas orações conjuntas se comparadas às relativas. Os três grupos apresentaram a capacidade de construção sintática, mas houve diferenças entre os grupos, sendo que o terceiro grupo de sinalizantes apresentou uma redução na forma verbal nas orações relativas (the boy who was typing fell) em comparação com a primeira menção (there is a boy typing).

Como resultados iniciais, as autoras afirmam que a recursividade pode não aparecer imediatamente em uma nova língua, mas pode emergir cedo e ser mais utilizada quanto maior e mais tempo há de contato com a língua, já que o terceiro grupo foi o que mais apresentou evidências de uso da propriedade. Porém, os três grupos apresentaram capacidade de

organização de estrutura relativa, sugerindo que, mesmo que não haja evidência da manifestação da recursividade na língua, há no pensamento humano.

Além do estudo de Kocab, Senghas e Jesse (2016) sobre a recursividade em NSL, há outro estudo, dessa vez em Libras, realizado por Kenedy e Dias (2013), que visou testar aspectos da natureza recursiva da Libras por meio de um teste psicolinguístico aplicado em 20 participantes surdos, alunos do INES. Uma animação foi apresentada na tela de um computador e, após assistirem, os participantes deveriam narrar, em Libras, a sequência dos eventos. Segundo os autores, tal narrativa possibilitaria a manifestação da propriedade recursiva e eles referem que “na animação, entre os estímulos havia expressões referenciais (sintagmas nominais) que permitiam modificações recursivas não verbais por meio de locuções preposicionais dentro de expressões referenciais” (KENEDY E DIAS, 2013, p.1). Como exemplo, eles apontam em inglês a seguinte construção:

15) *The book [on the table [in the child's bedroom [at the end of the hall]]].*

(KENEDY E DIAS, 2013, p.1).

Este estudo indica que a modificação recursiva nominal acontece em Libras da mesma forma que no português brasileiro. Os autores argumentam que tal modificação é natural em Libras em até quatro frases sucessivas, indicando existência de recursividade em um idioma brasileiro adicional.

A partir da identificação de limite de sentença por piscar de olhos (Tang e Lau, 2012) e descrição, realizada pelas autoras, e dos marcadores não manuais já encontrados de subordinação, pudemos entender neste capítulo as diferenças entre estruturas coordenadas e subordinadas bem como identificar possíveis marcadores. Ainda, pesquisas supracitadas apontam indícios da existência da recursividade nas línguas de sinais e em Libras, mas não há, especificamente, estudos que descrevam de que forma ela se manifesta e como seu uso ocorre. Tal constatação reforça a importância da realização da presente pesquisa a fim de preencher lacunas existentes de descrição e explicação sobre a manifestação da recursividade em Libras. A descrição da metodologia adotada no estudo que deu origem à esta dissertação será apresentada no próximo capítulo.

3. METODOLOGIA

Esta dissertação apresenta uma pesquisa qualitativa com análise de *corpus* linguístico. A linguística de *corpus* envolve a coleta e a utilização de dados linguísticos coletados seguindo critérios específicos, objetivando servir-se de dados para pesquisas de línguas. Tal pesquisa permite a exploração da língua de forma natural e a partir da própria língua (BERBER SARDINHA, 2000). Neste capítulo, apresentamos nossos objetivos geral e específicos em 3.1.1 e 3.1.2, respectivamente. Em seguida, em 3.2.1, fazemos uma explicação do *corpus* da pesquisa, coleta como organização da sala, procedimentos e organização dos grupos de participantes por faixa etária e gênero. Em 3.2.2 explicamos como foram feitas as transcrições do *corpus* pelos pesquisadores participantes do projeto e qual programa foi utilizado. Posteriormente, em 3.2.3, esclarecemos como se deu, a partir do *corpus*, a escolha dos participantes e do vídeo com as narrativas para esta pesquisa. Terminamos o capítulo detalhando os procedimentos seguidos para a execução da análise de dados em 3.3.

3.1. Objetivos

Nesta seção, são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearam a realização da pesquisa que é relatada na presente dissertação.

3.1.1. Objetivo geral

Esta dissertação tem como objetivo geral investigar o uso de estruturas oracionais recursivas em narrativas em Libras, com base em um *corpus* nacional de Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>), composto por narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo.

3.1.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa foram:

- a) Identificar a presença da recursividade em Libras em narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo;
- b) Verificar em que medida marcadores manuais exercem a função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado;

c) Verificar em que medida marcadores não manuais exercem função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado.

3.2. Corpus da pesquisa

O corpus utilizado nesta pesquisa faz parte do Inventário Nacional de Libras (Quadros 2016a, 2016b, Quadros et al. 2017a; 2017b), que por sua vez é parte integrante do projeto Inventário de Libras¹⁴. Nas seções a seguir, apresentaremos informações sobre o *corpus* original, bem como sobre as decisões metodológicas que foram tomadas no que se refere à análise de dados apresentada nesta dissertação.

3.2.1. Corpus Inventário Nacional de Libras

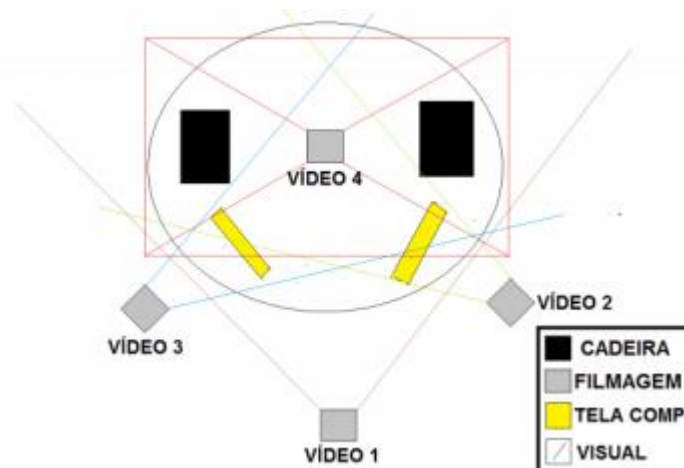
Os dados que constituem o *Inventário Nacional de Libras* (Quadros 2016a, 2016b, Quadros et al. 2017a; 2017b) foram coletados com a participação de surdos brasileiros, através de vídeos-registros da Libras e, posteriormente, a equipe do projeto fez a transcrição e categorização dos sinais identificados na sinalização com ambas as mãos. É importante ressaltar que, para esta pesquisa, de forma complementar, foram feitas anotações específicas, que serão explicadas ainda neste capítulo. As transcrições realizadas têm o objetivo, segundo Quadros (2016b, p.27), de permitir a análise linguística sistematizada para tal; portanto, foi necessário o estabelecimento de normas que foram cuidadosamente seguidas pelos transcritores, garantindo consistência e compreensão dos registros por parte dos pesquisadores.

A coleta de dados foi realizada em Florianópolis – SC, por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Após o aceite dos surdos para a participação na pesquisa, a coleta foi feita através de vídeos gravados. Os participantes autorizaram através de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) a divulgação dos vídeos para fins de pesquisa. Dessa forma, foi montado um estúdio na UFSC, onde dois pesquisadores surdos e um técnico conduziram o processo com os participantes. O estúdio contou com quatro filmadoras posicionadas em locais diferentes para captação de diferentes pontos e

¹⁴ <http://www.corpuslibras.ufsc.br> acessado em janeiro de 2021. Este corpus recebe dados constantemente, e a disponibilização destes envolve projetos de diferentes fontes de fomento como CNPQ, CAPES, IPHAN e NIH. A coordenadora do *Inventário Nacional de Libras* é a professora Dr^a Ronice Müller de Quadros, que coordena uma equipe de professores assistentes oriundos de instituições de ensino superior nacionais e internacionais, além de bolsistas de iniciação científica, técnico de informática e apoio técnico. Ainda, o projeto conta com o financiamento do CNPQ (Processos 303725/2013-3 e 471355/2013-5).

perspectivas da sinalização dos participantes considerando captação de detalhes de marcadores manuais e não manuais. Cada participante teve acesso a um notebook para contato com o estímulo base para a produção linguística e os assistentes dispunham de mais dois notebooks para manipulação dos estímulos e registro das informações e gravações. As paredes de fundo da sala e seu piso foram pintadas na cor azul. As cadeiras eram fixadas e sem rodinhas para que os participantes ficassem fixos no local, garantindo a captação das imagens. As câmeras foram posicionadas a partir de prévio planejamento e testes, conforme mostra a imagem abaixo:

Imagem 15 – posicionamento de câmeras



Fonte: Quadros, 2017c

No *Inventário Nacional de Libras*, trinta e seis surdos participantes realizaram as atividades em duplas, com pessoas conhecidas ou com relações de amizade, da mesma faixa etária, sendo essas atividades organizadas previamente pela equipe de pesquisa. Tal organização separou os participantes em três grupos de faixas etárias diferentes divididos em: Grupo 1: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres entre 16 e 29 anos de idade; Grupo 2: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres entre 30 e 49 anos de idade; Grupo 3: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres acima de 50 anos de idade (QUADROS 2016a; 2016b). De acordo com Quadros et al. (2017a), a coleta dos dados com os participantes ocorreu através de uma interação, de aproximadamente três horas, entre as duplas e os pesquisadores assistentes. As atividades realizadas eram sempre propostas pelos pesquisadores, que as organizavam em computadores individuais para melhor visualização de cada participante, embora, em algumas atividades, dependendo do material utilizado, somente um dos participantes pudesse visualizar a tarefa. No que tange ao objetivo da realização das entrevistas:

“As entrevistas foram desenvolvidas de modo a garantir o registro de expressões culturais verbais, amostras de palavras e elementos gramaticais, vocabulário específico à realidade cultural de cada região, empréstimos, frases ilustrativas de elementos da gramática, demonstração de variedades dialetais e elementos que singularizam a língua tipologicamente dentro da região.” (QUADROS et al, 2017a, p. 57).

As filmagens posteriormente foram transcritas e disponibilizadas pela coordenadora do projeto, para que pudessem ser analisadas na presente pesquisa.

3.2.2. Transcrição dos dados do *corpus* do Inventário Nacional de Libras

Segundo Quadros (2016b, p. 19, 20), na transcrição dos dados, as decisões metodológicas apresentadas a seguir foram tomadas:

1) O uso do ELAN¹⁵ para a transcrição de dados do Corpus de Libras; 2) A anotação apenas por meio de glosas de sinais produzidos, exclusão de informações morfológicas com a utilização de cada sinal (evita-se o problema em definir o que constituiria a sentença na língua de sinais); 3) A anotação de sinal por sinal de ambas as mãos: mão direita e mão esquerda; 4) A tradução livre do texto em Libras para a Língua Portuguesa, no formato de texto com segmentação por meio de sentenças enquanto unidades de sentido (aqui a questão da sentença é determinada pelo sentido, e não por razões sintáticas) (QUADROS, 2016b, p. 19, 20).

O sistema ELAN é um software desenvolvido pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck – Holanda e que permite que vídeo, áudio e dados escritos sejam relacionados de forma simultânea, com registros escritos no próprio vídeo, tornando-o um sistema adequado para a realização de pesquisas em línguas de sinais. Nele é possível criar, editar, visualizar, procurar anotações e transcrições e ainda criar trilhas para registro e análise dos dados. O grupo de pesquisa Inventário Nacional de Libras definiu, segundo Quadros (2016b), as seguintes convenções de transcrição com base em um manual e as trilhas padrão de transcrição: 1Sinal D; 1Sinais E; 1Comentários transcritor; 1Tradução PB; 1Comentários tradutor; 2Sinais D; 2Sinais E; 2Comentários transcritor; 2Tradução PB; 2Comentários tradutor. A numeração indica o sinalizante que produz o sinal; sinais D ou E indicam trilhas de produção de sinais e qual a mão que sinalizou. Os sinais são transcritos separada e individualmente desde o início da sinalização até a pausa ou nova preparação de sinal. Todas as produções também apresentam tradução para o português brasileiro.

¹⁵ Sistema de Anotação Eudico Annotator – ELAN. <https://archive.mpi.nl/tla/elan>, acessado em janeiro de 2021.

3.2.3. Escolha dos participantes dessa pesquisa a partir do *corpus*

Como mencionado anteriormente, para a presente pesquisa, contamos com dados do *corpus* supracitado. Para fins de análise da manifestação recursiva em narrativas sinalizadas, foram escolhidos três vídeos, com produções narrativas de três lideranças surdas ou surdos de referência¹⁶. Optamos pela escolha de três vídeos com participantes que tivessem seus dados coletados a partir da mesma narrativa para garantir maior controle nas informações que as narrativas poderiam trazer. Os participantes autorizaram a divulgação de seus nomes reais para fins de identificação, já que devido à modalidade visual espacial da língua, suas produções foram gravadas e suas imagens estão registradas. Dessa forma, optamos por manter os nomes reais dos participantes associados aos dados de cada um (imagens) para respeitar a identidade surda presente neste tipo de *corpus*, em conformidade com o que é considerado padrão na área.

Os dados dos participantes escolhidos podem ser vistos no quadro a seguir, que descreve o nome verdadeiro dos três sinalizantes¹⁷, além de informações pessoais, tais como idade (no momento da coleta), região do país em que residiam, tipo de surdez, aquisição da língua, condição dos pais (se são surdos ou ouvintes) e nível de escolaridade. Os sujeitos de nossa pesquisa foram: (a) Marisa Dias de Lima, de trinta e cinco anos; (b) Rimar Ramalho Segala, de quarenta anos; e (c) André Ribeiro Reichert, de quarenta e seis anos.

¹⁶ Para Quadros (2019), as lideranças surdas são adultos referência para crianças e jovens surdos. Tal referência se dá em nível linguístico, cultural e identitário.

¹⁷ A divulgação dos nomes verdadeiros foi autorizada pelos participantes para garantir a relação nome-imagem, já que o *corpus* é visual.

Quadro 5: Dados dos participantes

Participante surdo selecionado	Idade	Região do país	Tipo de surdez	Aquisição da língua	Pais	Escolaridade
Marisa Dias de Lima	35 anos	Sudeste	Surdez Congênita	Anos iniciais com os pais e após com surdos da comunidade.	Surdos	Doutorado em Educação
Rimar Ramalho Segala	40 anos	Sudeste	Surdez Congênita	Anos iniciais com os pais e posterior escola de surdos.	Surdos	Doutorado em Linguística
André Ribeiro Reichert	46 anos	Sul	Surdez	Doze anos na escola de surdos.	Ouvintes	Doutorado em Linguística Aplicada

Fonte: Elaborada pela autora

As narrativas selecionadas tiveram como estímulo inicial o vídeo não falado *The Kid* de Charlie Chaplin (curta metragem). Após assistir ao vídeo quantas vezes fosse necessário, cada participante sinalizou a história para o pesquisador surdo e a narrativa foi gravada e posteriormente transcrita pela equipe do projeto. Os critérios de escolha dos participantes foram: a) ser surdo de referência; b) ser das regiões sul ou sudeste do Brasil, pois questões de variações linguísticas não serão consideradas no escopo desta pesquisa; c) ter adquirido Libras até os quinze anos; d) ter formação superior completa; e) ter o mesmo vídeo de estímulo para construção narrativa, já que havia outros vídeos com outros participantes narrando uma série de outros vídeos. Após a seleção e organização dos dados, iniciamos a etapa de análise de dados, descrita na próxima seção.

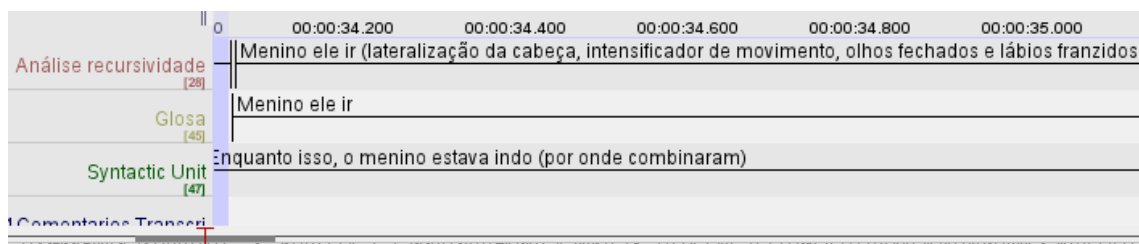
3.3. Procedimentos de análise de dados

Para a realização da análise dos dados do *corpus* foi utilizado o software ELAN. As trilhas já existentes, decorrentes da transcrição realizada pelos pesquisadores do projeto *Inventário Nacional de Libras* no ELAN, foram consideradas na primeira observação. Essas, porém, não foram suficientes para a presente análise. Por essa razão, foram criadas três novas trilhas e novas anotações foram inseridas. Na primeira trilha criada, chamada de *syntactic*

unit, fizemos uma tradução aproximada em português brasileiro, separando as orações, mas sem critério definido para a identificação de término das mesmas. Após a conclusão desta anotação, percebemos que a tradução feita considerando a estrutura sintática do português brasileiro poderia interferir na análise dos dados e, por essa razão, criamos uma segunda trilha, nomeada como *glosa*, em que anotamos cada sinal manual identificado na produção narrativa dos três participantes, tanto sinais nativos (CLs) quanto não nativos (sinais criados). Nesta etapa, definimos os critérios indicativos de término de oração, que são o piscar de olhos (Baker e Padden, 1978; Wilbur, 1994; Sandler, 1999; Herrmann, 2010; Tang e Lau, 2012) e os sinais manuais indicativos de término, como *fim*, *encerrar*, *pronto*, sendo estes identificados pela autora da presente pesquisa. Tais critérios de identificação de marcação de término de oração nos possibilitaram uma visão mais detalhada da Libras.

A partir daí, agrupamos as estruturas que pareciam indicar casos de coordenação, separando-as de casos de subordinação nas três narrativas, passando a analisar, no grupo das subordinadas, os marcadores indicativos de recursividade manuais e não manuais. Nessa etapa, baseamos nossa análise em Bross (2020), que defende que para encontrarmos a subordinação em LS devemos saber onde olhar para achar os marcadores de subordinação. Passamos, então, a seguir, a buscar marcadores não manuais de recursividade, o que nos levou à criação da terceira trilha: *análise da recursividade*. A terceira anotação registrou, além dos marcadores manuais, também os não manuais, tais como, por exemplo, movimento de lábios, sobrancelhas, cabeça e troncos. As trilhas foram criadas e anotadas nos dados dos três participantes, tendo a mesma ordem dentro do ELAN, como aparece na imagem XX abaixo:

Imagem 16 – Trilhas software ELAN



Fonte: a autora.

Posteriormente, a anotação foi adaptada de acordo com as convenções de notação comuns na literatura de LS (Quadros, 2003; Cecchetto, Geraci e Zucchi, 2006; Pfau, Steinbach, Woll 2012; Pfau, e Steinbach, 2016; Hauser, 2019; Bross, 2020; Quadros e Lourenço, 2020), com o objetivo de nortear e permitir a visualização das estruturas na análise de dados. Para a identificação de elementos indicativos de dependência sintática e recursividade, utilizamos marcadores manuais e não manuais já descritos em diversos estudos de LS, como em Tang e Lau (2012), Hauser (2019), Figueiredo e Lourenço (2019), Bross (2020).

Como sinais não manuais considerados na análise, destacamos: direcionamento de cabeça/ombros/tronco para lados, frente ou trás; elevação ou franzir/contração/relaxamento de sobrancelhas; contração/tensionamento de lábios; movimentos de boca; aceno/balanço de cabeça e movimento de cabeça para o lado ou inclinação; direcionamento do olhar para referentes ou interlocutor; movimento de olhos (contração ou arregalar); elevação ou baixar de queixo; movimentos de lábios (elevação, contração, abertura) e contração nasal. Os marcadores manuais considerados foram os classificadores para referentes humanos, forma ou objeto e apontamentos (dêixis – ix).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos uma descrição dos resultados obtidos através da análise dos vídeos que compuseram o *corpus* da pesquisa, bem como faremos a discussão dos dados obtidos considerando a literatura na área. Em nossa análise, buscamos marcadores manuais e não manuais que possam exercer o papel sintático da recursividade em Libras. Como apontado anteriormente, as orações identificadas como coordenadas ou como não tendo recursividade em sua construção não foram incluídas nesta análise, por considerarmos que não fazem parte do escopo da pesquisa, mas estão disponíveis para consulta no apêndice A.

Como veremos a seguir, contabilizamos, entre os três participantes, um total de cinquenta e duas orações, sendo trinta e seis construções coordenadas e dezesseis construções que parecem ter manifestação recursiva. Dessas dezesseis, cinco foram produzidas pela participante Marisa Dias de Lima, seis pelo participante Rimar Ramalho Segala e cinco pelo participante André Ribeiro Reichert. As dezesseis construções que, a nosso ver, revelam propriedades recursivas da Libras serão apresentadas e analisadas separadamente nas seções a seguir, a partir dos dados produzidos por cada participante em sua narrativa.

Assim, a análise da recursividade, presente nas narrativas da participante Marisa Dias de Lima compõem a seção 4.1, a análise dos dados do participante Rimar Ramalho Segala, formam a seção 4.2 e, finalmente, a análise dos dados do participante André Ribeiro Reichert compõem a seção 4.3. Por fim, na seção 4.4, é feita uma retomada dos resultados obtidos na qual apresentamos nossas considerações sobre semelhanças entre as estruturas obtidas através da análise das narrativas dos três participantes da pesquisa.

4.1. Participante Marisa Dias de Lima

Nesta seção, analisaremos a produção de orações subordinadas e as possíveis manifestações de recursividade na narrativa da participante Marisa Dias de Lima, no quadro a seguir. Apresentamos a transcrição da análise construída na trilha *análise da recursividade* que foi realizada no software ELAN. Iniciamos a análise com a descrição da construção escrita com base na convecção de anotação. Após, é possível visualizar as fotos da construção e, por fim uma análise detalhada de nossa percepção contendo nossa tradução pessoal, em português brasileiro, da construção. Na análise, as ocorrências de marcadores não manuais aparecem em negrito no texto, a fim de que o leitor possa acompanhar a discussão com mais facilidade.

Quadro 6 - Análise Marisa Dias de Lima

Link de acesso ao vídeo:

<https://drive.google.com/drive/folders/1VJWGo8Fkpu8FAFIH6BJLyLGm0fIS3Oq7>

Tempo na trilha 00:00:21.638 até 00:00:30.790

1)

/xxx/+cl+eg+bt hs+eg hs+eg ix+eb eg bbt+eg+pl+cl cl+xxx+eg

CAMINHAR PROCURAR OLHAR JANELA LÁ CERTO ATIRAR QUEBRAR

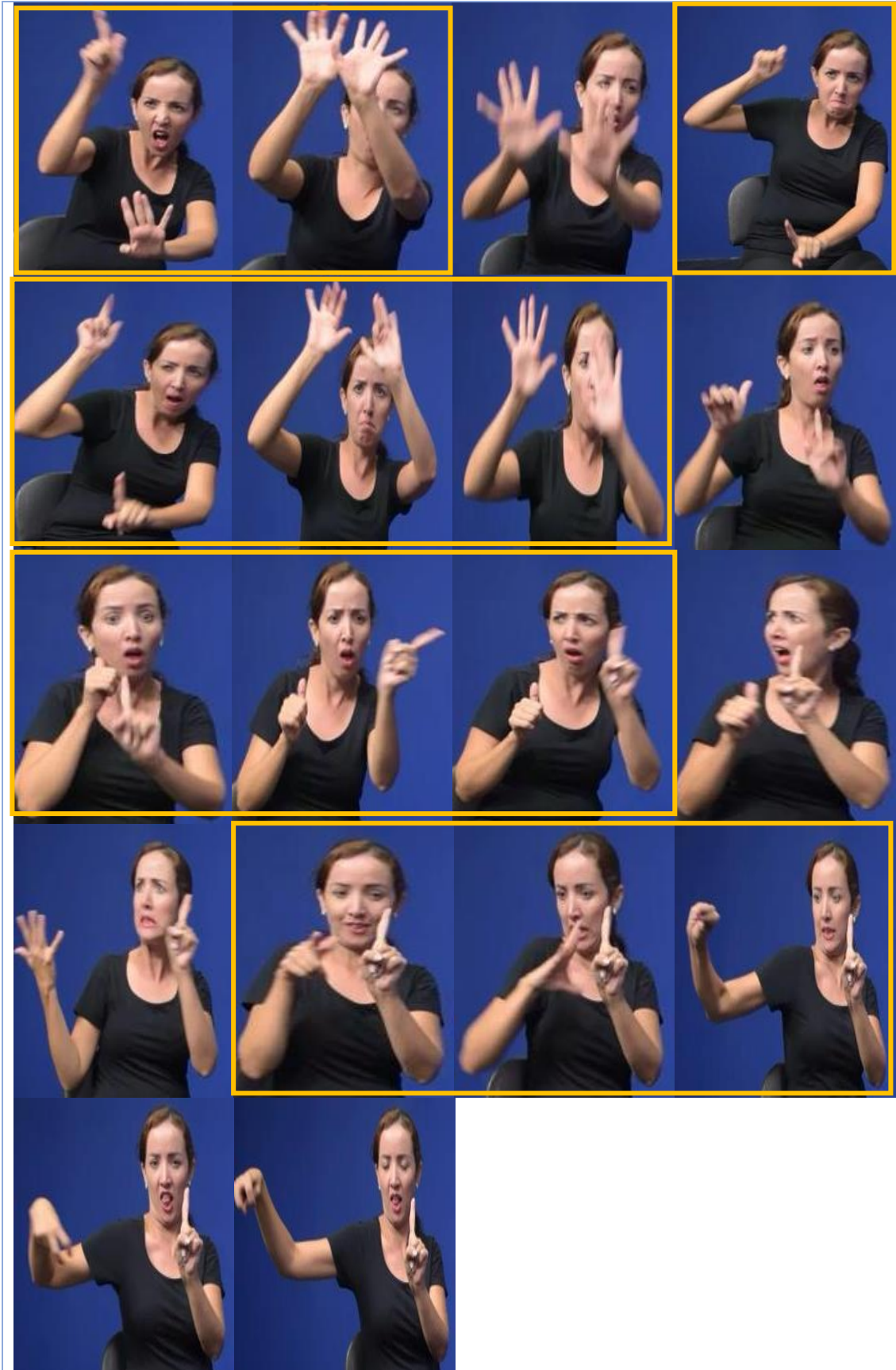
bbt+eg+pl+cl cl+xxx+eg ue cl+ht+bbt+eg eg+cd+ef+cl eb Simult.+bbt eg

ATIRAR QUEBRAR MULHER VIR MARCADOR MANUAL IX FUGIR

eg+xxx+cl+simult. eb

CAMINHAR





Na construção 1, é possível observar um movimento de tronco para frente e cabeça para os lados indicando o emprego de um marcador não manual relacionado ao verbo procurar, associado a **olhos e dentes franzidos** e direcionamento de olhar, sendo que este último parece indicar que a janela é encontrada. Esse marcador parece ser seguido de um apontamento ix e de um direcionamento posterior do olhar para o interlocutor. Após a produção do classificador de pegar a pedra e atirar, executado duas vezes, é possível observar um movimento sutil presente, nas duas repetições, de **elevação do tronco**, que pode indicar uma relação sintática entre atirar a pedra e quebrar a janela. Tal relação, a nosso ver, poderia ser traduzida como “*atirou a pedra que quebrou a janela*”.

O **direcionamento do olhar** para o classificador do personagem *mulher vindo*, realizado com o dedo indicador para cima, associado ao **movimento de tronco para trás e direcionamento do olhar, elevação de sobrancelha e movimento de boca** parecem indicar, considerando que a construção não apresentou piscar de olhos ou sinal de término de sentença, um encaixamento possível de ser entendido como *enquanto a mulher chega e olha para a janela o menino foge*. Tal construção, a nosso ver, indica **simultaneidade manual**, pois o sinal classificador de *mulher* (indicador para cima) fica suspenso no espaço de sinalização e o **apontamento** (dêixis), o **direcionamento de olhar para a mão e a inclinação de tronco para trás** indicam *ele (menino)*, que está ali e foge, parecendo exercer papel de marcador recursivo.

Dessa forma, além dos marcadores não manuais de **movimento de tronco para trás ou para cima e elevação de sobrancelhas**, a **simultaneidade** parece nesse caso exercer papel de recursividade, por possibilitar a sobreposição gramatical das informações. Dessa forma, nossa análise sugere que a construção feita pela participante parece ser: *O menino [que caminha procurando a janela] e olha lá a janela atirando duas pedras [que quebram o vidro], enquanto a mulher vem olhar o que aconteceu o menino [que está ali] foge correndo.*

2)

Tempo na trilha 00:00:30.818 até 00:00:38.258

simult cl ht ht+ef cl+fb bt+simult+ef
 CHAPLIN CAMINHAR DISFARÇAR CAMINHAR O QUE ACONTECER IX
 JANELA

Ht+eg+xxx bt cl eb
 CERTO APROVEITAR TIRAR MOCHILA COLOCAR





Em uma construção com classificador para deixar a narrativa mais visual, em 2 a participante sinaliza que o personagem Chaplin caminha disfarçadamente. Essa informação sobre o caminhar de Chaplin é indicada por balanço de tronco e cabeça, olhos fechados e bochechas contraídas. O direcionamento de olhar para a esquerda que é observado na análise, associado ao movimento de tronco e cabeça para o lado, parecem indicar início de interação com outro personagem, seguido de inclinação de cabeça para frente, sobrancelhas elevadas, lábios contraídos e mãos levantadas, o que indica que a participante expressa que Chaplin pergunta *o que aconteceu?*

Na narrativa, a resposta à pergunta sobre o que aconteceu se dá por redirecionamento de tronco e olhar para direita, indicando a troca de personagem que responde com apontamento ix seguido do sinal de janela, associado à **contração de sobrancelhas e boca aberta e leves abaixar de cabeça e assimetria nos ombros**. Um novo reposicionamento de tronco para a direita e o direcionamento de olhar novamente para a esquerda parecem marcar a troca de personagem no diálogo e a resposta de Chaplin, que aproveita a situação, tira a mochila e arruma a janela.

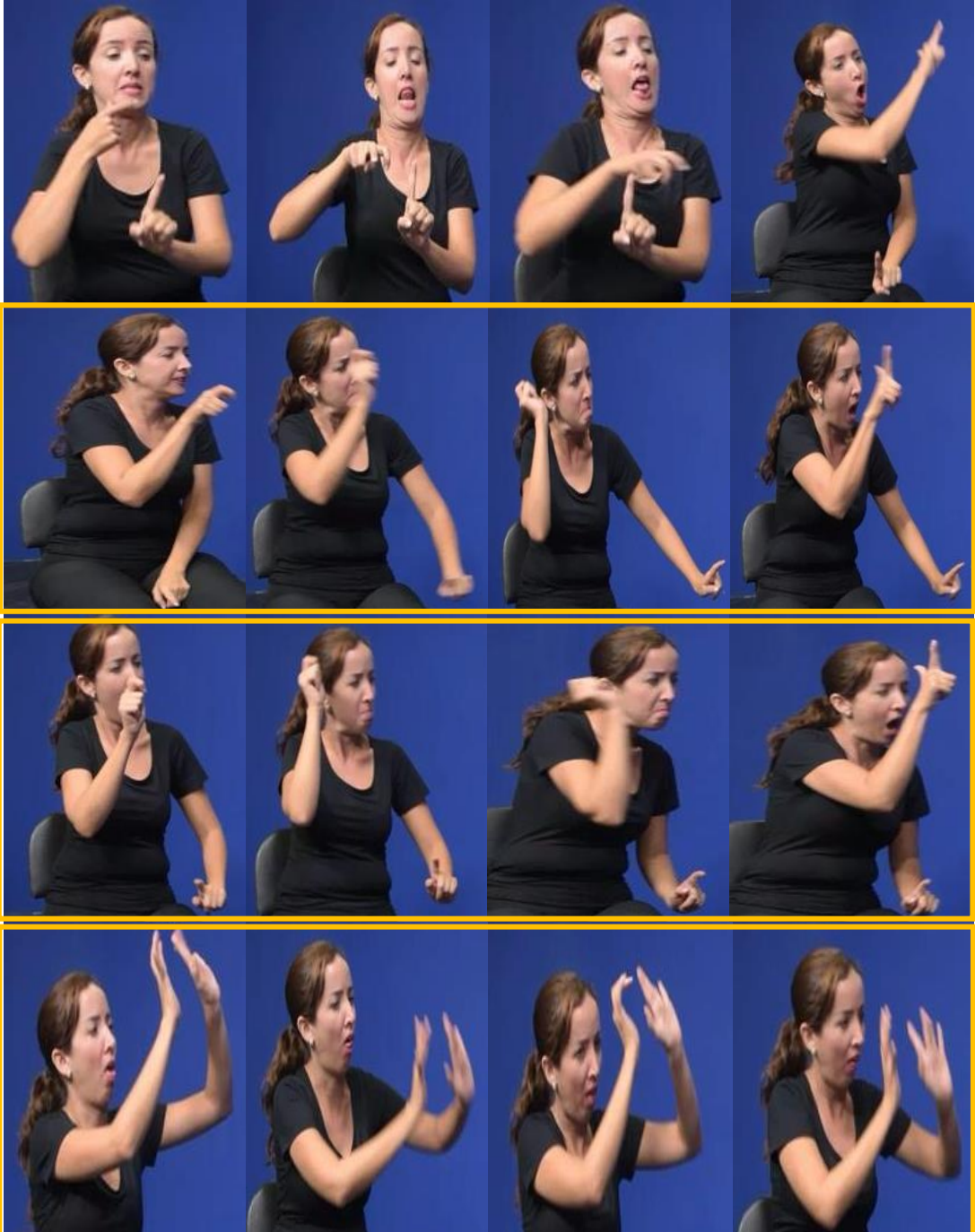
É possível verificar que a **incorporação de personagem** identificada através do **movimento de tronco e cabeça e direcionamento do olhar**, além do **movimento de elevação sobrancelhas** parecem, nesta construção, exercer papéis sintáticos indicativos de encaixamento recursivo, já que a construção resulta, a nosso ver, em *Chaplin caminha disfarçadamente e vê uma situação perguntando o que aconteceu para a mulher [que aponta para a janela] e Chaplin aproveita tira sua mochila e pega o vidro para consertar a janela.*

3)

Tempo na trilha 00:00:38.280 até 00:00:45.310

Xxx+cl+simult. bt cl+eg+cdm+xxx cl+eg+cdm+xxx eb
 MENINO CAMINHAR OUTRA ATIRAR ATIRAR

 xxx+cl cl simult.+eg+ht cl+bt+eg eb
 QUEBRAR QUEBRAR SAIR IX CHAPLIN ORGANIZAR



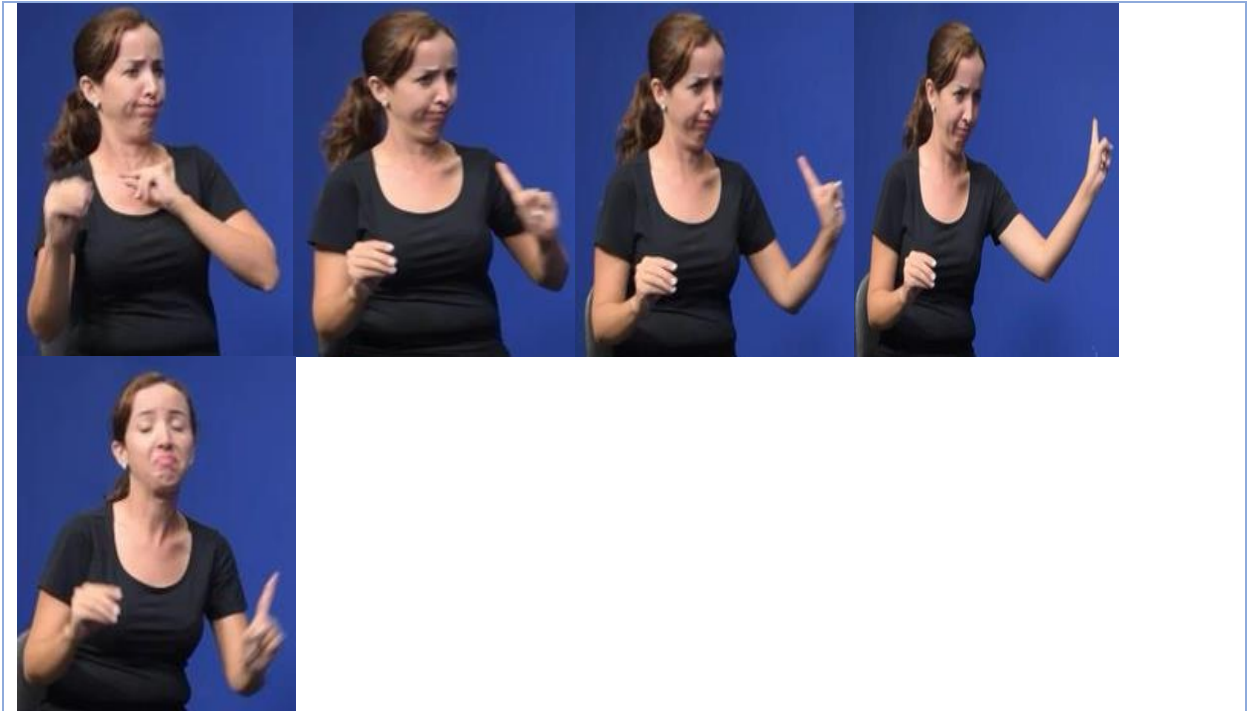


Em 3, vemos manifestação de simultaneidade, já que o dedo indicador da mão esquerda da participante indica um acontecimento ocorrendo ao mesmo tempo em que a mão direita aponta o caminhar do menino para outro lugar. Essa construção é associada ao movimento de língua indicando rapidez no caminhar e direcionamento de olhar para o interlocutor mostrando narração. Após, há um posicionamento de cabeça e direcionamento de olhar para a esquerda, indicando incorporação do personagem menino, marcado no início da construção, que atira pedra em outra janela. Assim como na construção 1, é visível aqui um **movimento de tronco para trás e para frente** associado ao sinal classificador de atirar a pedra, um movimento de boca e contração de sobrancelhas, seguido de um posicionamento de tronco para trás ao indicar a quebra do vidro, e um movimento de língua e olhar voltado para o interlocutor, indicando retomada da narrativa.

Em seguida, a simultaneidade é retomada quando a mão esquerda indica a saída do menino que fica suspensa simultâneo ao apontamento ix e a **elevação de sobrancelhas** é empregada para se referir ao personagem Chaplin, que está arrumando a primeira janela que foi quebrada. Dessa forma, vemos novamente a produção do **movimento de tronco tanto para o lado**, indicando **incorporação**, quanto **para trás**, estando o **direcionamento do olhar** sempre presente na narrativa, possibilitando a identificação de incorporação ou retomada ao interlocutor. Além disso, pode-se perceber a manifestação de **simultaneidade manual** característica da modalidade visual espacial como um indicador de encaixamento, já que esta construção pode ser traduzida como: *Enquanto eles estão aqui o menino caminha para outro lugar e atira duas pedras [que quebram o vidro da janela] ele sai enquanto Chaplin arruma a janela [que já estava quebrada].*

4)

Tempo na trilha 00:00:45.350 até 00:00:72.750



Em 4, a construção inicia com o marcador de referentes nos dedos das mãos, associado a balanço de tronco, indicando as janelas já quebradas pelo menino. É possível observar que o início da oração apresenta um discurso narrativo sem incorporação pela posição do tronco e direcionamento do olhar para o interlocutor. Entre a marcação da segunda janela já quebrada e a terceira janela que será quebrada, nota-se uma **intensificação no movimento do tronco, além de elevação de sobrancelhas**, possivelmente indicativos da ação que irá acontecer, já que a sinalização seguinte faz uso do classificador de atirar a pedra com balanço de tronco.

Ao sinalizar atirar a pedra, nota-se a **incorporação** do personagem menino indicada pelo **direcionamento do olhar** para a esquerda, seguida de parada no movimento de atirar com o braço **suspenso para cima e do olhar para trás simultâneo** ao classificador do personagem policial se aproximando, indicado pelo sinal feito com o dedo indicador na mão direita. A **incorporação do personagem** policial é vista em razão da **direção do olhar para baixo, cabeça levemente para trás, lábios, sobrancelhas e olhos cerrados** indicando expressão de estranhamento da situação, simultâneo a um sinal manual que indica dúvida. Neste momento, a construção evidencia a (re) incorporação do menino olhando para o policial (olhar para cima) com leve inclinação de tronco para trás, uma expressão facial de surpresa com elevação de sobrancelhas e a retomada do narrador com o olhar para o interlocutor sinalizando a fuga do menino.

Novamente, em 4, portanto, é possível relacionar a **incorporação de personagem**, o

movimento de tronco para direita ou esquerda, o direcionamento de olhar e o movimento de elevação de sobrancelhas como possíveis marcadores não manuais de encaixamento, já que tal movimento pode ser entendido como um conectivo de dependência gramatical entre os referentes. A partir da análise apresentada, compreendemos a construção da seguinte forma: *A primeira e a segunda já foram ao atirar a terceira o menino vê o policial [que se aproxima] e olha com fisionomia de questionamento para o menino [que diz não] e foge se afastando.*

5)

Tempo na trilha 00:01:00.400 até 00:01:11.820

cl+xxx bbt simult.+bt+cl fb+cl+xxx chin up+ bt+simult.+cl

MULHER VIR PAGAR SINAL NÃO IDENTIFICADO SAIR MENINO APROXIMAR

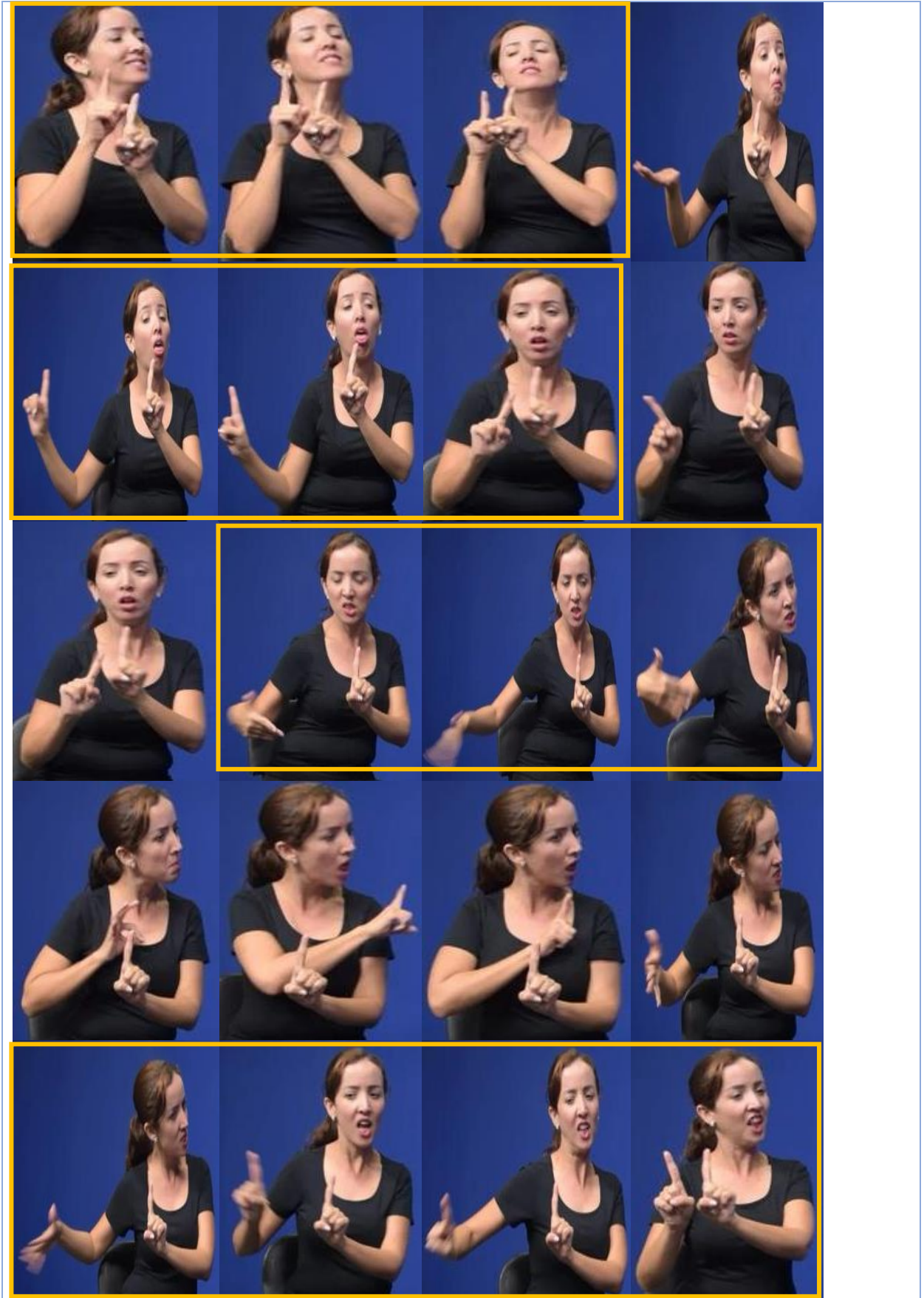
ht+xxx+simul. Bt+simult.+cl cl+xxx cl+simult. bt+/xxx/

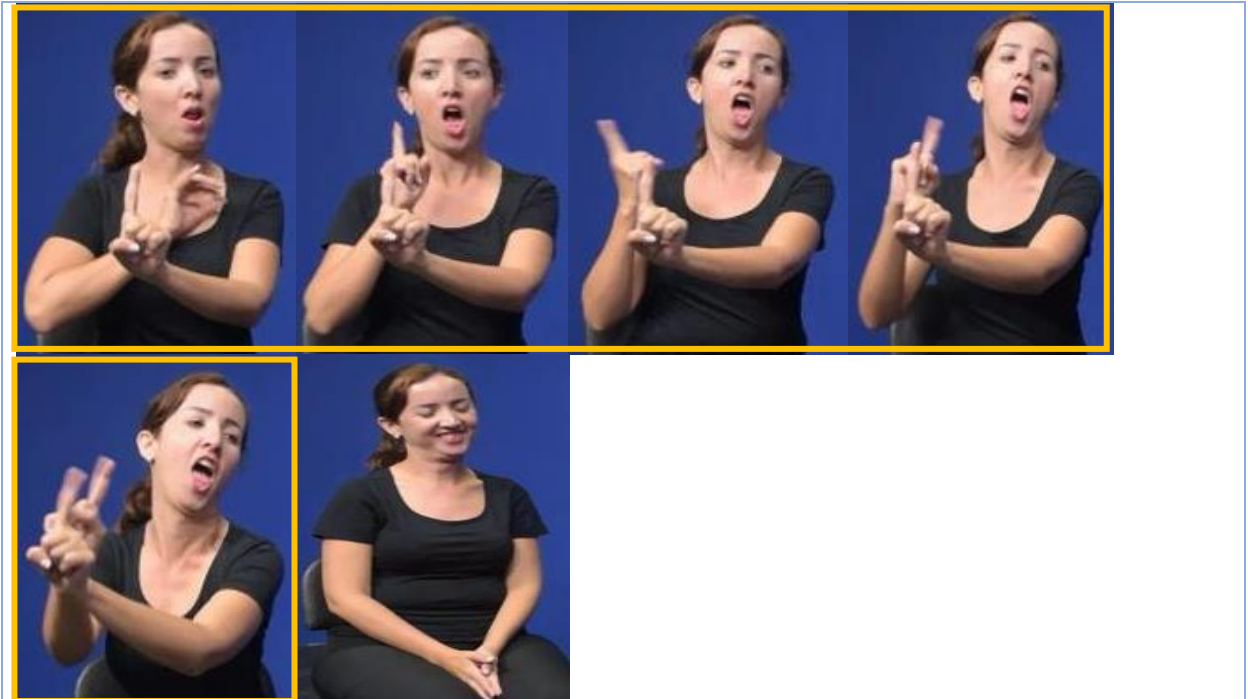
NÃO SAIR SAIR POLICIAL LÁ TEM SAIR SAIR EMPURRAR SAIR POLICIAL

simult.+cl+fb+xxx bbt + eb

SEGUIR ENCONTRAR







A construção 5 inicia com a incorporação do personagem mulher e um classificador de vir sinalizado pelo dedo indicador da mão esquerda inicialmente posicionado longe do corpo da sinalizante e se aproximando com movimento indicando caminhada, associado ao movimento do tronco e cabeça, **direcionamento de olhar**, elevação de sobrancelhas e movimento de língua. Na sequência da narrativa sinalizada, a personagem acerta o valor com o Chaplin que sai do local, sendo que tal saída é marcada pela **inclinação de tronco para trás, elevação de queixo e simultaneidade manual**, já que o classificador da mulher fica suspenso com a mão esquerda enquanto o que se refere a Chaplin se movimenta com a mão direita indicando que o personagem sai de cena.

Na sinalização que indica que Chaplin sai, seu classificador fica suspenso na mão esquerda e a mão direita passa a indicar o menino sugerindo marcação de simultaneidade na sinalização da saída de Chaplin e chegada do menino. O classificador que indica a aproximação do menino (dedo indicador da mão direita) é acompanhado de **inclinação do tronco para frente, olhar baixo e boca aberta com a língua para fora e elevação de sobrancelha**, indicando inconveniência na aproximação. Após o movimento de aproximação do menino há uma incorporação do personagem Chaplin indicada por virada de tronco e cabeça para a direita, olhar para baixo e suspensão do classificador do personagem. A participante, ao incorporar o personagem em sua sinalização, indica que Chaplin faz movimentos manuais para que o menino se afaste e com inclinação de cabeça para a esquerda e movimento de tronco aponta que o policial está perto.

O classificador empregado para se referir a Chaplin, ainda suspenso na mão esquerda na narrativa, é seguido pelo policial sinalizado na mão direita (**simultaneidade manual**), e o **movimento de tronco para frente e para trás** presente na parte final da oração parece indicar uma relação de dependência entre as sentenças. O **direcionamento do olhar** é percebido tanto na **incorporação do personagem** quanto sugere a relação entre os referentes, retomando o interlocutor em alguns momentos. A **elevação de sobrancelhas** parece aqui exercer a função de *que*, e **movimentos de tronco, cabeça e elevação de queixo**, também parecem indicadores de subordinação nesta construção que é percebida por nós da seguinte forma: *A mulher vem e acerta com o Chaplin [que sai de onde eles estão] aparecendo para o menino [que se aproxima de Chaplin] [que diz para ele se afastar repetidas vezes] pois o policial está presente, ele empurra o menino [que segue se aproximando] até [que o policial os segue e os encontra].*

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2. Participante Rimar Ramalho Segala

Nesta seção, analisaremos a produção de orações subordinadas e as possíveis manifestações de recursividade na narrativa do participante Rimar Ramalho Segala, no quadro a seguir. Apresentamos a transcrição da análise construída na trilha *análise da recursividade* que foi realizada no software ELAN. Iniciamos a análise com a descrição da construção escrita com base na convenção de anotação. Após, é possível visualizar as fotos da construção e, por fim uma análise detalhada de nossa percepção contendo nossa tradução pessoal, em português brasileiro, da construção. Na análise, as ocorrências de marcadores não manuais aparecem em negrito no texto, a fim de que o leitor possa acompanhar a discussão com mais facilidade.

Quadro 7 – Análise Rimar Ramalho Segala

Link de acesso ao vídeo:

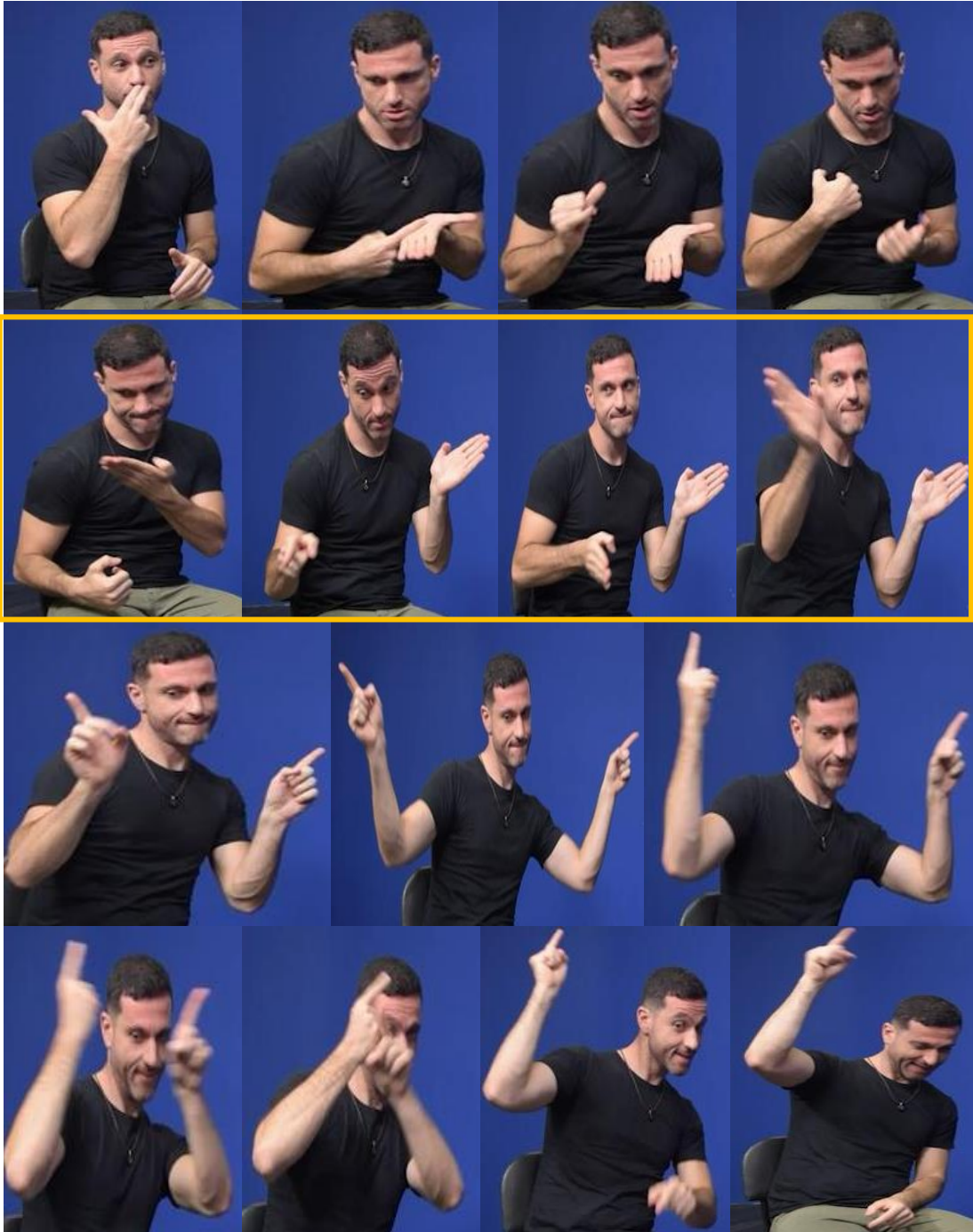
https://drive.google.com/drive/folders/1NBS_GZAa2wZqVkuUoijvg9uleCzAkEHcT

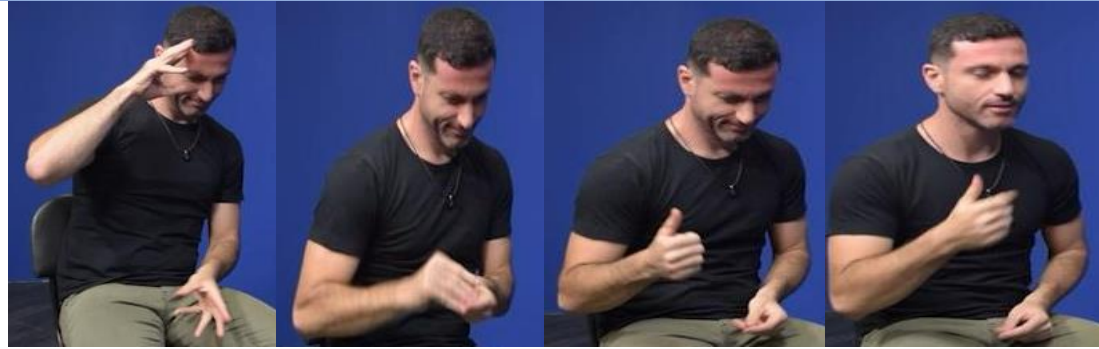
6)

Tempo na trilha 00:00:13.050 até 00:00:19.958

eu+xxx+ ht+eg ue+ht+eg+simult+ cl. simult hs+eu+eg
 CHAPLIN COMBINAR AVISAR EU IR TU IR IR ENCONTRAR LÁ

ht+eg eb
 COMPREENDER CERTO





Em 6, vemos uma narrativa com **incorporação** de personagens iniciando pela marcação de Chaplin posicionado à esquerda da sinalização com direcionamento de olhar para a direita e para baixo (posicionamento do menino). A construção em questão apresenta, assim como já visto na estrutura produzida pela outra participante, **simultaneidade manual**, já que o participante sinaliza que Chaplin avisa que irá pela esquerda (sinal feito com a mão esquerda) enquanto o menino irá pela direita. Além do **posicionamento de cabeça e do direcionamento do olhar**, é perceptível a **elevação de sobrancelhas na construção**, no momento em que o sinal de avisar é produzido. A **simultaneidade manual** é constatada em razão da suspensão do sinal do verbo ir em referência a Chaplin, enquanto ocorre a sinalização do verbo ir na descrição do movimento do menino, associado a uma intensificação do movimento, indicando que o menino percorre um caminho maior e diferente do caminho percorrido por Chaplin. Tal intensificação é simultânea ao apontamento ix (tu) e a uma **elevação de sobrancelhas**.

Após a explicação de que Chaplin irá pela esquerda e o menino pela direita, o movimento de ida dos dois personagens é sinalizado ao mesmo tempo, indicando dois eventos que acontecem separados, mas têm relação entre si e terminam com o encontro dos dois com o apontamento ix (lá). A nosso ver, portanto, a construção 6 evidencia que a **simultaneidade manual** comporta sobreposição gramatical, da mesma forma que os marcadores não manuais evidenciando, assim, a complexidade da construção. Além disso, o **direcionamento do olhar e da cabeça e o posicionamento do tronco** parecem indicar a **incorporação** de personagem, sendo possível que tal estratégia possibilite o uso de construções de orações encaixadas e recursivas em Libras, podendo estar ainda associados, pelo que estamos percebendo, ao movimento de **elevação de sobrancelhas**. Para uma compreensão escrita, entendemos a construção da seguinte forma: *Chaplin combina com seu filho: [eu irei pela esquerda enquanto tu irás pela direita pelo caminho mais longo], vamos ao*

mesmo tempo e nos encontramos lá, compreendeu, certo?

7)

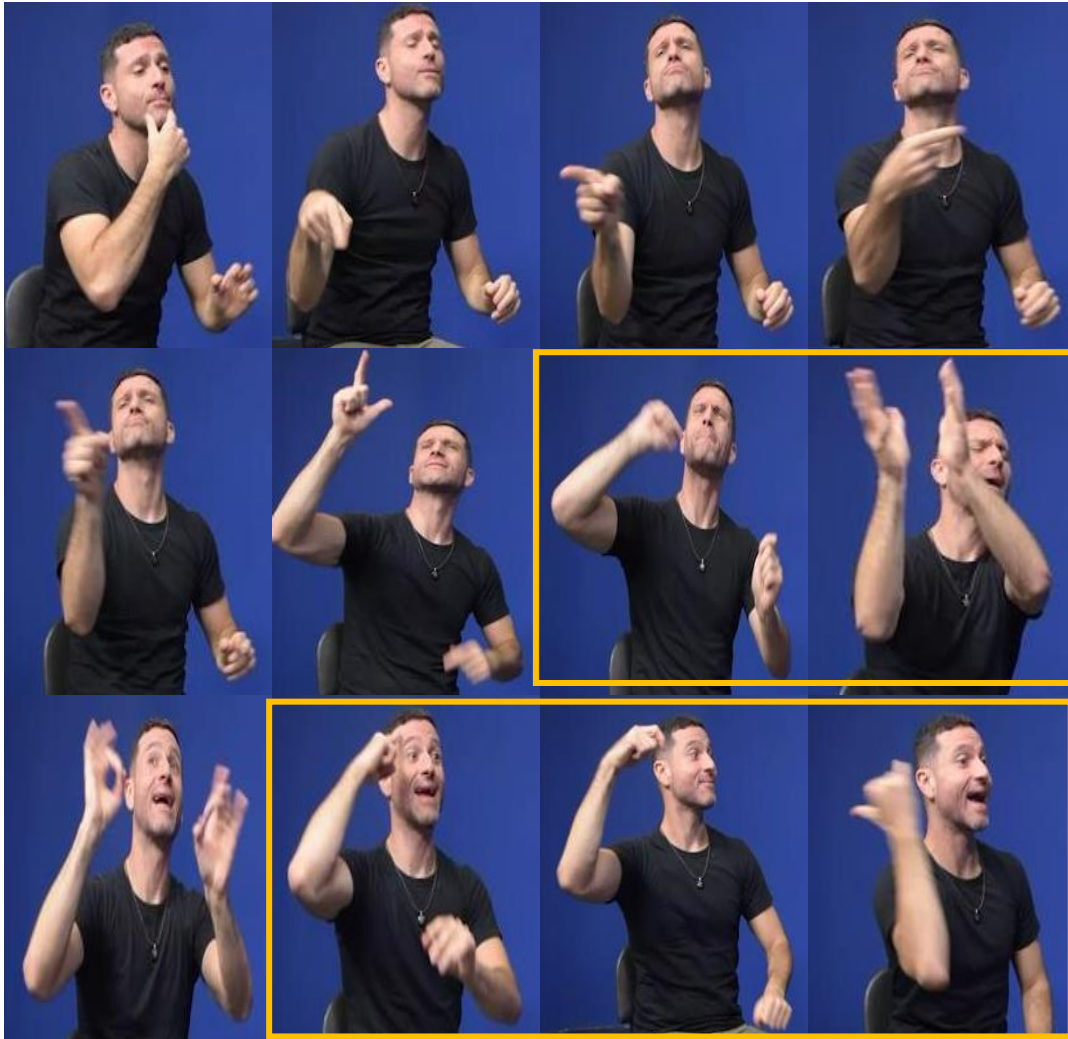
Tempo na trilha 00:00:58.760 até 00:01:08.632

cl+ht+eg+ chin up chin up+woe+/xxx/ cl+eg+xxx woe ht+bt+eg _____ /xxx/

MENINO IX IR OUTRO ATIRAR QUEBRAR PRONTO IDEIA
PRECISAR AVISAR

cl ht+bt+eg+fb /xxx/ _____ fb+eg eb _____ fb eg+hm _____ eg+ chin up+xxx eb

IR PRECISAR AVISAR DESCULPA POLICIAL FLAGRAR POLICIAL
MENINO NÃO PODE DISFARÇAR





A construção 7 inicia com a indicação do personagem menino percorrendo uma distância maior para quebrar janelas. Parece haver, então, a incorporação do personagem com posicionamento de cabeça e olhar para a direita, indicando que o menino atira pedra em outra janela quebrando o vidro, enquanto o movimento de contração de sobrancelhas, cabeça para o lado e **elevação de queixo** indicam a relação entre os verbos *atirar e quebrar*. O participante expressa que o menino tem uma ideia de que precisa avisar o Chaplin sobre a janela que quebrou, uma vez que seu posicionamento de tronco e direcionamento de olhar estão para a esquerda. Após a produção do sinal de aviso, o sinalizante inclina o tronco para a frente, direciona o olhar para o interlocutor sinalizando que o policial flagra o menino e após realiza a troca de personagem (incorporação) indicando uma interação do policial, sendo que tal indicação se dá pelo redirecionamento de tronco para a direita e olhar para baixo. A partir daí, o participante sinaliza através do direcionamento do olhar para cima e

elevação de queixo que o menino disfarça.

Dessa forma, o **movimento de cabeça para o lado**, associado a **movimentos de contração de sobrancelhas e lábios** distinguindo entre as ações de *atirar e quebrar*, parece ser indicativo de encaixamento, estabelecendo uma relação entre a ação de atirar a pedra e quebrar o vidro. Em orações coordenadas, tal relação com marcadores não manuais é pouco observada em estudos com línguas de sinais, sendo que as construções podem ser feitas independentemente da presença dos marcadores identificados como estabelecendo a relação sintática. Além disso, **incorporação de personagem** associada a **movimento de tronco para frente e para trás e olhar direcionado para o interlocutor** indicam presença de recursividade na construção, que é traduzida por nós da seguinte forma: *O menino caminha e atira a pedra em outra janela [que quebra o vidro] e terminando tem a ideia [de que precisa avisar o Chaplin] [quando é flagrado pelo policial [que interage com ele [que disfarça]]]*.

8)

Tempo na trilha 00:01:08.758 até 00:01:18.196

/xxx/hm ef + chin up + /xxx/ hm+woe fb+/xxx/ ue

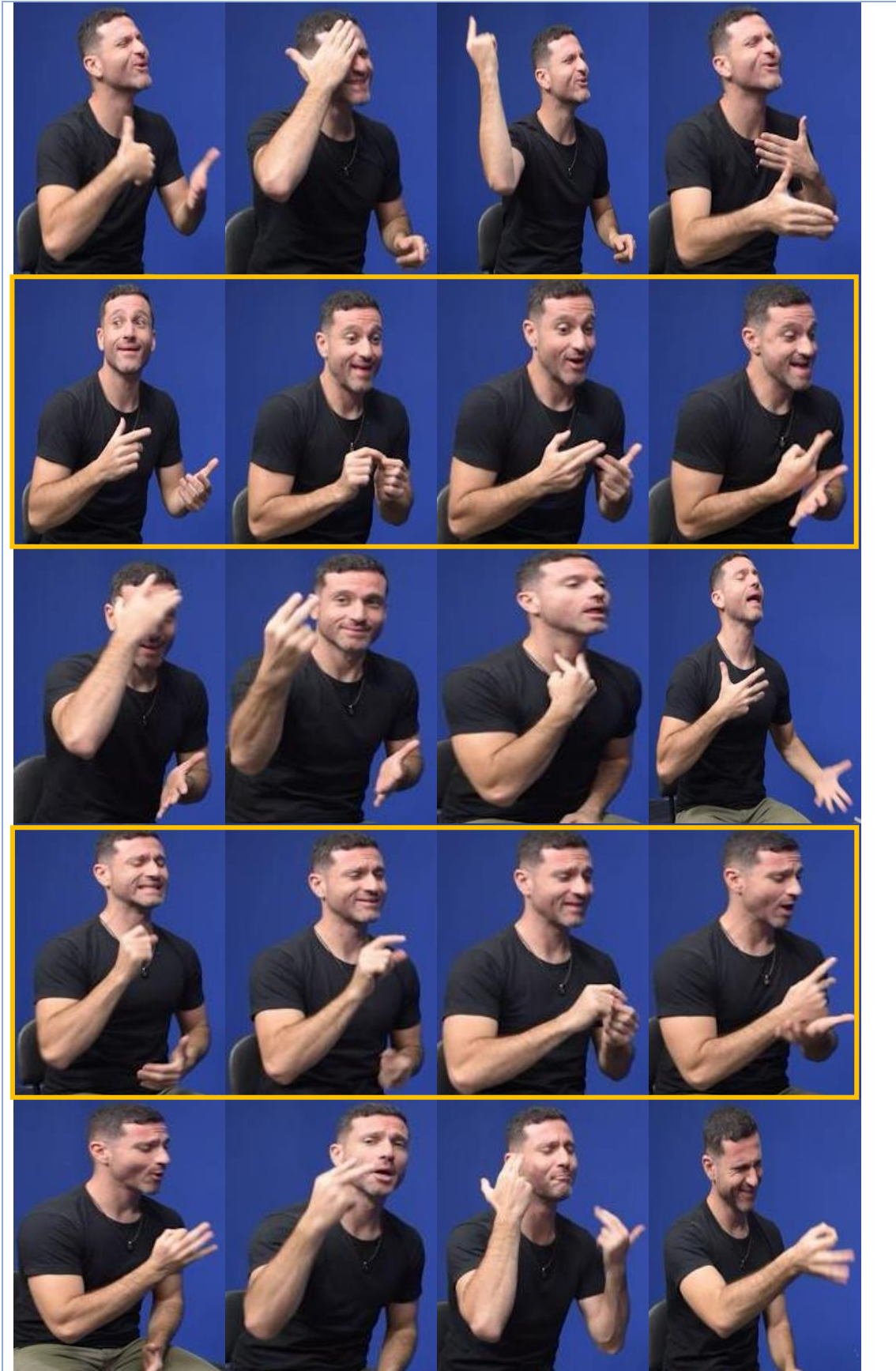
MEDO TAMBÉM VAI SABER TODOS QUALQUER FAZER COISA ERRADA
PESSOA ME OLHAR

hm+bm+xxx hm+xxx ht+bt+eg bm+pl bm+eg

NÃO PODER/DISFARÇAR S-E FAZ ERRADO NADA OLHAR NORMAL

NÃO É MESMO ENTÃO^{eb}







A construção vista em 8 também parece contar com marcadores não manuais empregados como elementos de recursividade. A sinalização da oração inicia com o direcionamento do olhar para o interlocutor e uma leve elevação de queixo que se sustenta de forma simultânea aos sinais *vai, saber, todos, qualquer*, associado à **contração de olhos e sobrancelhas**. Entre a sinalização dos sinais *qualquer* e *fazer*, é notório um **movimento de cabeça para a direita**, o **direcionamento de olhar** para o lado e para baixo, associados à **elevação de sobrancelhas**, bem como uma leve inclinação de tronco para frente, que duram toda a oração *fazer coisa errada pessoa me olhar*. Além disso, durante a sinalização de *fazer*, ocorre o abaixamento do queixo. Após, a narrativa retoma o direcionamento do olhar para o interlocutor e elevação de queixo na produção do sinal *disfarçar*.

Após, há o uso da conjunção *se* na oração *se faz errado nada* com simultaneidade de marcadores não manuais como movimento de boca, contração de sobrancelhas, direcionamento do olhar para o espaço de sinalização e inclinação do tronco para frente. A construção termina com a retomada do direcionamento do olhar para o interlocutor e a produção do sinal *então*, tomado aqui como indicativo de término de construção.

Destacamos aqui a **elevação e contração de sobrancelhas**, a **inclinação do tronco para frente**, o **direcionamento do olhar** e a conjunção manual *se* como possíveis elementos subordinativos na construção, exercendo papel de dependência sintática entre as orações que, em nossa análise, pode ser traduzida como: *tem medo igual sabes todos, qualquer pessoa, [se faz coisa errada e a pessoa olha], disfarça, [se não faz nada errado olham] e o comportamento é natural, certo, então*.

9)

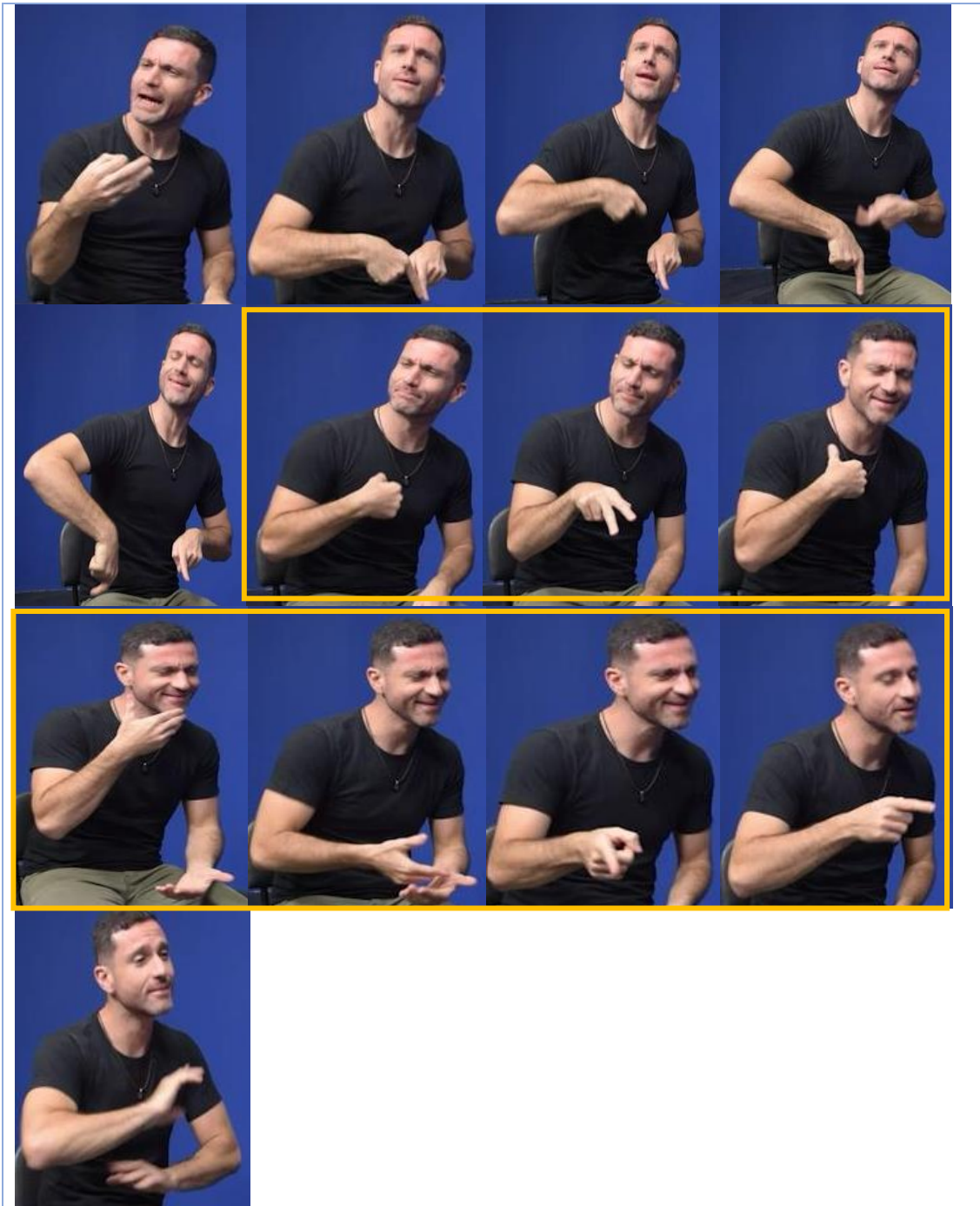
Tempo na trilha 00:01:18.198 até 00:01:25.388

bt+ht+eg+hu+xxx ht /xxx/ cl+ chin up+eg ht+ef
 MENINO NÃO PODER/DISFARÇAR PORQUE SINAL P-É PERFEITO PÉS
 EU IX PERFEITO

ht+ef xxx cl+eg+hu+xxx ht+ef
 MENINO IX PERFEITO MOVIMENTO DE PÉS EU OLHAR EU

ht+smile eb
 BOQUIABERTO IX ACABAR





Esta construção inicia com a produção do sinal de *disfarçar* simultânea ao direcionamento do olhar para cima e cabeça inclinada também para cima, indicando a incorporação do personagem menino olhando para o policial. Após, vemos o sinal manual de *porque* que, associado ao direcionamento do olhar para o interlocutor, pode indicar elemento de marcação sintática. Nesta construção, o sinalizante inclui uma observação pessoal sobre o movimento de pés que o menino realiza no vídeo estímulo para disfarçar o flagra do policial. Ao introduzir seu comentário, iniciado

pelo apontamento (ix) eu, é possível também observar a **contração das sobrancelhas e de olhos (semicerrados) e leve inclinação de tronco para frente**, além de olhar desviado do interlocutor.

A explicação dos movimentos dos pés é descrita com classificadores e a construção se encerra com um comentário pessoal do sinalizante. Nesta construção, apontamos a possibilidade de o sinal manual **porque** exercer papel de marcação de dependência sintática, além do movimento de **contração de sobrancelhas, direcionamento de olhar e contração de olhos (olhos semicerrados)** já observados em outras construções supracitadas. Em nosso entendimento, temos a seguinte tradução: *Disfarçando porque o pé perfeito movimento [que eu olhei perfeito o menino movimentando os pés], ele movimentava a perna prá lá e prá cá, [que olhei e me deixou boquiaberto com ele].*

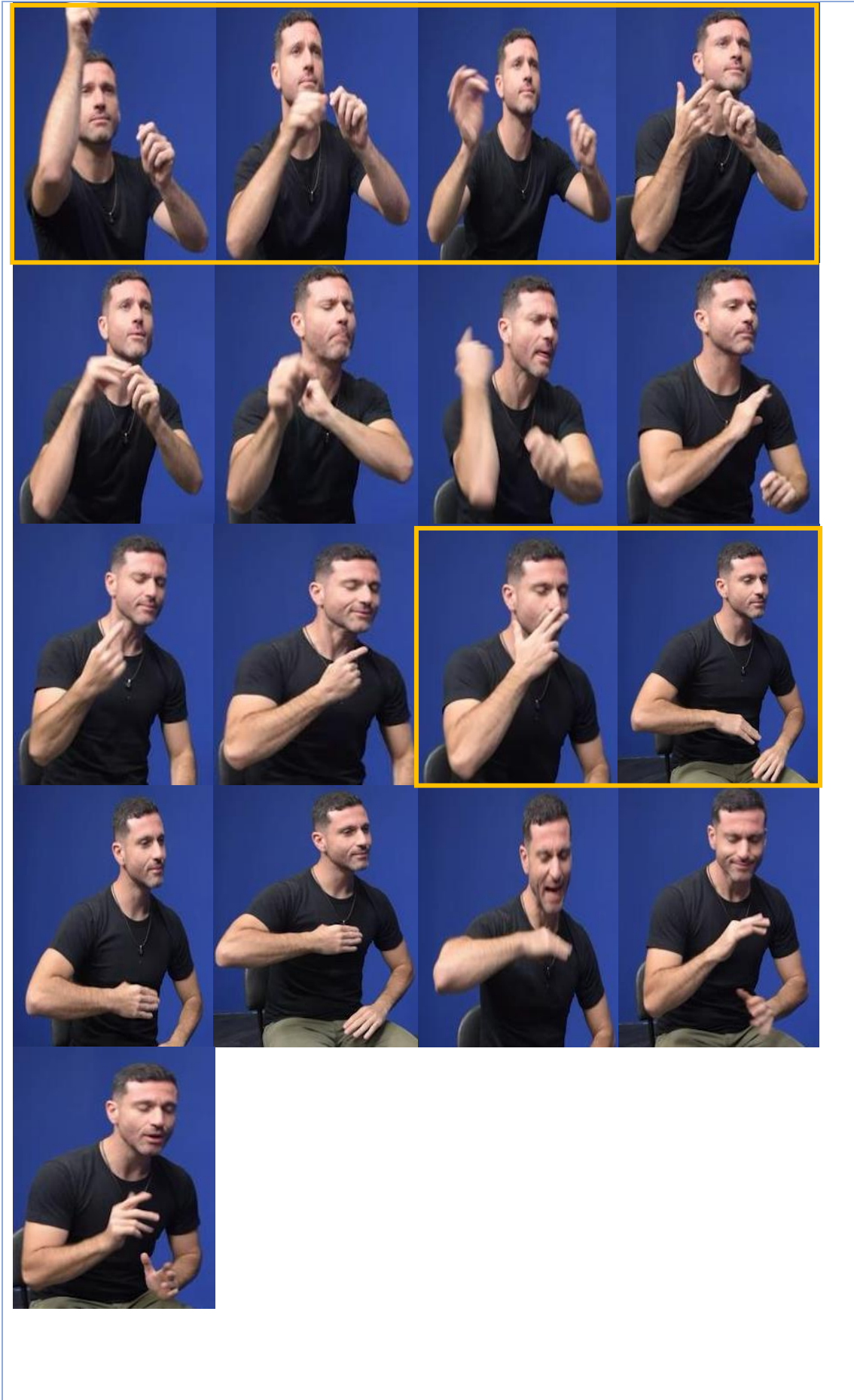
10)

Tempo na trilha 00:01:34.055 até 00:01:45.735

_____ hm ht+ef _____ cl+eg+xxx _____ ht
 CAMINHAR VER ELE CHAPLIN COLOCAR VIDRO MANUSEAR MASSA
 ATIRAR POLICIAL

_____ cl+hm _____ hm /xxx/ _____ cl _____ fb+hd+bm+eg+xxx _____ eb
 ACERTAR ROSTO ACERTAR IGUAL AGUENTAR XXX





No início da construção apresentada em 10, vemos já a incorporação do personagem policial caminhando, sendo notável um movimento de cabeça e a contração das sobrancelhas para indicar Chaplin, que está arrumando a janela quebrada. A nosso ver, há uma nova incorporação, agora representando Chaplin, indicada por movimento de tronco para frente e direcionamento de olhar como marcadores não manuais, além de marcadores manuais classificadores de arrumação da janela. O participante sinaliza que Chaplin manuseia a massa e a atira para trás, acertando o policial no rosto, e tal ação é representada por um classificador simultâneo a balanço de cabeça e tronco e uma leve contração de sobrancelhas. Há um sinal manual de *igual* que, em nossa análise, pode corresponder a um elemento de subordinação, indicando que o policial está ficando irritado com a situação. Dessa forma, entendemos a construção como: *caminhando o policial avista Chaplin [que está arrumando a janela, manuseando a massa e atirando massa para trás, acertando repetidas vezes o rosto do policial] [que vai ficando irritado]*.

Portanto, em 10 vemos novamente **incorporação** de personagens, **apontamento** (dêixis), **movimentos marcados de cabeça, contração de sobrancelhas, inclinação de tronco para frente e direcionamento de olhar**. A construção é rica em elementos sintáticos não manuais que, associados à incorporação de personagem, apontamento e o sinal manual de **igual**, evidenciam a possibilidade de se tratar de uma construção subordinada, influenciada pelo discurso narrativo e pela simultaneidade de sinais manuais entre si ou pelo emprego de sinais manuais juntamente com sinais não manuais.

11)

Tempo na trilha 00:01:52.771 até 00:02:10.315

cl cl+woe+eg+xxx xxx+ef ht+eg+/xxx/
SAIR MENINO SEGUIR CHAPLIN NÃO PODER(DISFARÇAR)

eg+ht ht+ef+cl
MENINO NÃO SAIR AVISAR

cl+hm /xxx/+ht cl+pl+xxx ht /xxx/ hs cl
SAIR IX P-É EMPURRAR XXX PORQUE VER PERFEITO VER
EMPURRAR COM O PÉ

cl+xxx hm cl ht ht cl+hs+xxx cl+eg+bm

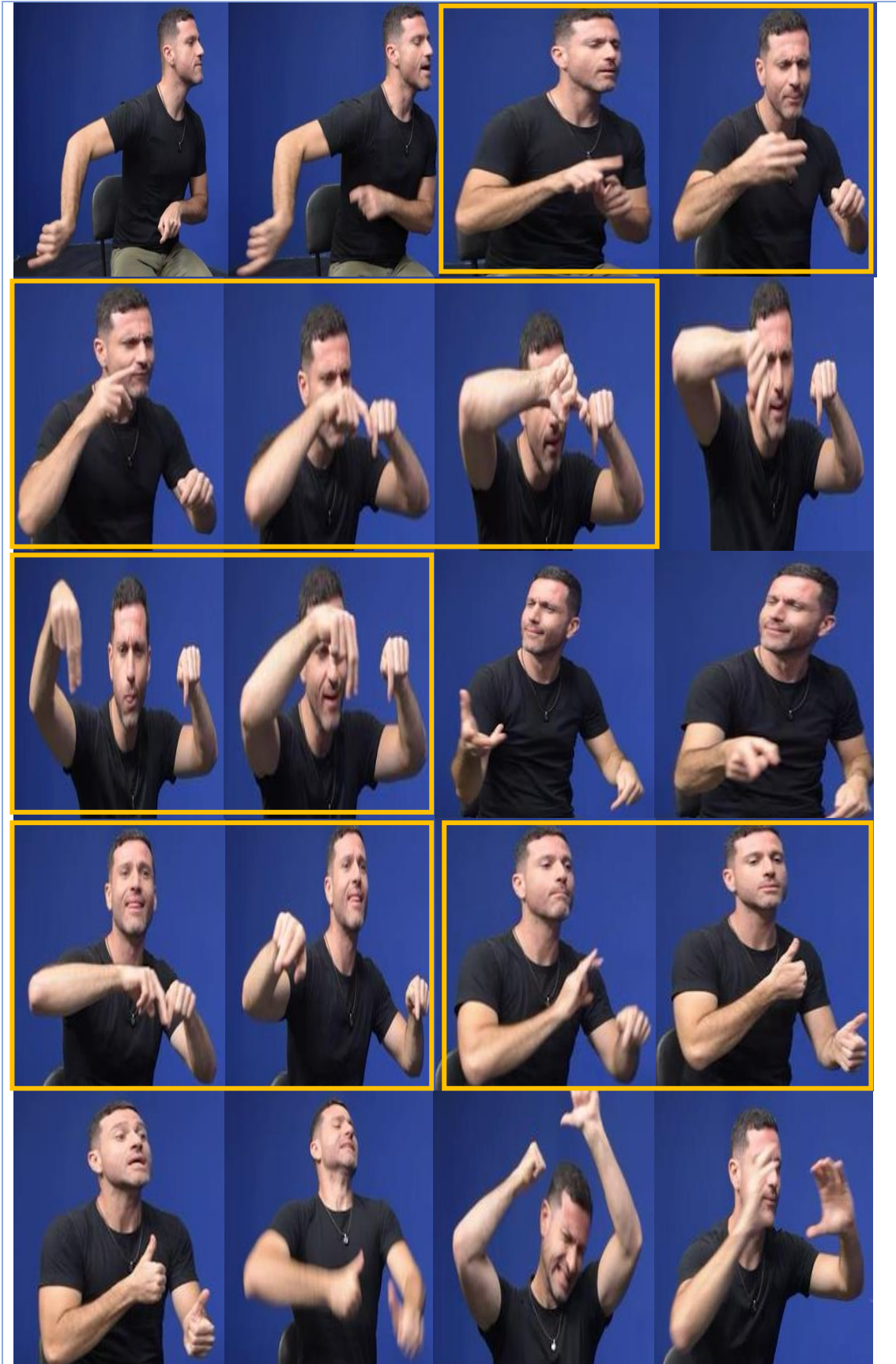
MENINO AFASTAR VOLTAR AFASTAR MARAVILHOSO IX

EMPURRAR VOLTAR

/xxx/ cl+rg+bm hm+bm cl+ef+fb+xxx fb eb

POLICIAL SEGUIR SEGUIR CORRER TERMINAR







Vemos em 11 outra construção com classificadores e simultaneidade de acontecimentos de ações. O participante sinaliza que, ao sair (classificador realizado com o dedo indicador da mão direita), Chaplin é seguido pelo menino, sendo essa sinalização realizada de forma simultânea. O participante sinaliza que Chaplin disfarça, olha para o menino e avisa para que ele saia, empurrando-o com o pé. Ao direcionar o olhar para o posicionamento do menino, apontando a incorporação de Chaplin, o sinalizante contrai as sobrancelhas ao fazer o sinal de sair. Aqui, vemos um novo acréscimo de comentário do participante, que utiliza a conjunção *porque* e explica que é possível ver perfeitamente o movimento do Chaplin empurrando com o pé o menino que vai e volta. A nosso ver, ao classificar o movimento de ida e volta do menino, é possível identificar mais uma vez a **contração de sobrancelhas** e um **movimento de cabeça para o lado**, associado ao **direcionamento do olhar**. O sinalizante retoma a narrativa ao olhar para o interlocutor e, novamente utilizando classificadores, indica, com **apontamento (ix)**, o policial seguindo Chaplin e o menino, intensificando o movimento e inclinando o corpo para frente indicando que se trata de uma corrida. A construção se encerra com um classificador que indica tela escurecendo.

Novamente aqui é possível perceber o uso da **contração de sobrancelhas**, que parece exercer um papel de dependência sintática entre as orações, associado ao **direcionamento do olhar**, assim como ao uso do sinal manual **porque**. A **incorporação** de personagens também é um indicativo de possível encaixamento quando ocorre associada a um marcador não manual. Além disso, fica clara a marcação da **simultaneidade manual** na narrativa dos eventos. A partir da análise, entendemos esta construção da seguinte forma: *Chaplin sai e o menino o segue ele olha para o menino [para que saia] e avisa [que ele saia] e o empurra com os pés, [porque se vê perfeitamente Chaplin empurrar com o pé o menino [que se afasta e*

[que volta maravilhoso esse movimento] [que move a perna pra lá e pra cá], [enquanto isso neste movimento o policial começa a persegui-los], eles correm e a tela escurece.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3. Participante André Ribeiro Reichert

Nesta seção, analisaremos a produção de orações subordinadas e as possíveis manifestações de recursividade na narrativa do participante André Ribeiro Reichert, no quadro a seguir. Apresentamos a transcrição da análise construída na trilha *análise da recursividade* que foi realizada no software ELAN. Iniciamos a análise com a descrição da construção escrita com base na convenção de anotação. Após, é possível visualizar as fotos da construção e, por fim uma análise detalhada de nossa percepção contendo nossa tradução pessoal, em português brasileiro, da construção. Na análise, as ocorrências de marcadores não manuais aparecem em negrito no texto, a fim de que o leitor possa acompanhar a discussão com mais facilidade.

Quadro 8 – Análise André Ribeiro Reichert

Link de acesso ao vídeo:

<https://drive.google.com/drive/folders/1h9dzndqHMC1cXHm9ZWaj00O3u7vCvY0o>

Tempo na trilha 00:00:29.909 até 00:00:44.030

12)

<u> </u> cl	<u> </u> eg	<u> </u> eb	<u> </u> eg	<u> </u> bbt	<u> </u> eb	
MENINO	CAMINHAR	PROCURAR	CONTATO	CASA	VÁRIAS	DÚVIDA OLHAR
LÁ	PERFEITO					
<u> </u> hd+bt+eg	<u> </u> bt+eg	<u> </u> xxx+cl	<u> </u> xxx	<u> </u> cl	<u> </u> bbt	<u> </u> xxx
ORGANIZAR	PEDRA	CAMINHAR	ATIRAR	BATER	QUEBRAR	RIR

bbt eg eb
SAIR





Na construção de número 12, vemos a incorporação do personagem menino marcada por direcionamento de olhar, elevação de cabeça e contração de ombros. O classificador que indica a ação de caminhar indica movimento do personagem que está procurando em situação de dúvida, entre várias casas, de uma que possa quebrar a janela, sendo esta oração produzida acompanhada de uma leve contração de sobrancelhas e direcionamento de olhar. A fim de descrever a situação em que o menino encontra a janela, é perceptível no sinalizante a inclinação do tronco para trás e a elevação de sobrancelhas, indicando que o menino escolheu em qual janela atiraria a pedra entrou o alvo. O participante narra, então que Chaplin escolhe a pedra, olha para o chão, olha novamente para as casas, avalia novamente – tal avaliação indicada por uma leve contração nasal – e atira a pedra, sendo um verbo classificador usado para expressar a ideia de *atirar*, estando o sinalizante com olhos cerrados e **corpo inclinado para trás**. Quando o participante narra que a pedra atinge o vidro e o quebra, percebe-se o emprego de um **movimento leve de abaixar de queixo** e de **contração de sobrancelhas** sutil, indicando uma relação entre a pedra e o vidro. Em seguida, o sinalizante indica que o menino

então ri e vai embora.

Os marcadores não manuais identificados nesta construção são muito sutis, mas é possível dizer que exercem o mesmo papel sintático já percebido na sinalização produzida pelos outros participantes. A nosso ver, a incorporação de personagem permite a exploração visual da narrativa, assim como o emprego dos classificadores. Em nossa percepção, ao expressar que Chaplin atira a pedra na janela, identifica-se um **movimento de cabeça** associado a um **piscar de olhos e a um movimento de lábios**, que pode indicar uma relação sintática entre atirar a pedra, bater e quebrar o vidro. A partir da análise realizada, portanto, sugere-se que a tradução da frase seja: *menino caminha procurando entre várias casas até encontrar a casa perfeita, olha para o chão, escolhe uma pedra, olha novamente para as casas e atira a pedra [que bate no vidro e o quebra] rindo, o menino sai dali.*

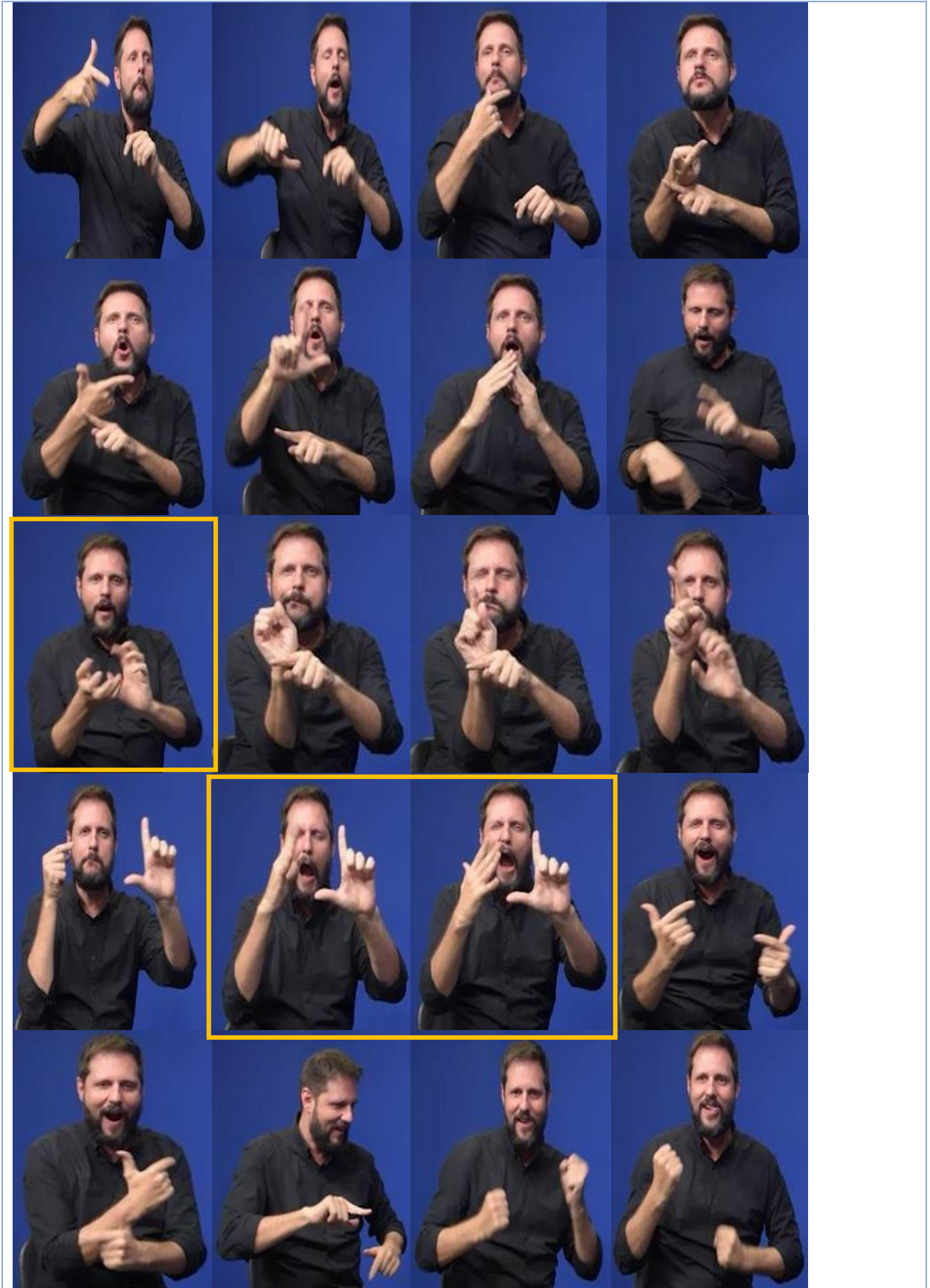
13)

Tempo na trilha 00: 01:04.510 até 00:01:13.863

_____ xxx _____ bt _____ /xxx/+ bt _____ bt+eg /xxx/ _____ bt/eg
 TEMPO PASSAR SOBRAR MAIS MAIS MENINO PROCURAR OUTRA CASA
 ESCOLHER PEGAR

cl+bt+eg xxx+eg+bt+ef _____ cl+xxx xxx bt _____ cl+xxx _____ eg eb
 ATIRAR BATER QUEBRAR RIR MAIS DIVERTIR CAMINHAR IR
 ORGANIZAR







Em 13, a narrativa inicia com uma construção que possui direcionamento de olhar para o interlocutor. O participante sinaliza que, com sobra de tempo, o menino, que agora é incorporado pelo sinalizante com posicionamento de tronco e cabeça e direção de olhar para o lado direito, procura outra casa, pega uma pedra e atira. Ao produzir o classificador atirar, é possível perceber no participante a **contração de olhos** e ombros e, ainda, a **inclinação do tronco para frente** com lábios fechados e virados para baixo. Ao indicar que o personagem quebra o vidro, simultâneo ao classificador de quebrar vê-se contração de sobrancelhas, movimento de lábios que se abrem e olhos semicerrados. Por fim, o participante indica que, após quebrar o vidro, o menino ri, comemora, e quer procurar mais janelas, saindo pelo lado esquerdo.

Fica evidente, em nossa observação, mais uma vez que a **contração de sobrancelhas**, entre atirar a pedra e quebrar o vidro, parece exercer papel de elemento de subordinação, além dos movimentos de **contração de olhos e movimentos de boca** resultando na seguinte construção: *Tempo passa e sobra tempo para mais, o menino procura outra casa, pega a pedra [que manipula, que atira e [que quebra o vidro da janela], ri, comemora, quer mais e sai.*

14)

Tempo na trilha 00: 01:43.600 até 00:01:53.113

_____cl bbt ___ue+fb _____cl /xxx/+simult+pl+eg+bt+cl
 POLICIAL CAMINHAR IX CHAPLIN ORGANIZAR COLOCAR VIDRO POLICIAL
 CAMINHAR PARAR
 ___eb
 ATRÁS



Na estrutura 14, o apontamento antecedido e seguido por incorporação de personagens e direcionamento de olhar, movimento de sobrancelhas e lábios são visíveis na primeira oração. Também, como já observado nos dados desta pesquisa apresentados anteriormente, construções com classificadores e simultaneidade indicam encaixamento por sobreposição gramatical, revelando ocorrência de manifestação recursiva nas narrativas em Libras analisadas nesta dissertação. Nesta construção, o sinalizante inicia expressando o sinal do policial, seguido pelo classificador de caminhar, associado a movimentos de tronco e cabeça, indicando a ação do verbo. Há um apontamento ix com inclinação de tronco para trás seguido de **elevação de sobrancelhas** e sinal de Chaplin, e então **inclinação de tronco para frente**, direcionamento de olhar, indicando incorporação de Chaplin, que está arrumando o vidro quebrado, sendo tal ação identificada por uso de classificador. A nosso ver, portanto, esta construção apresenta simultaneidade, pois Chaplin é marcado pelo dedo indicador da mão esquerda para cima, parado, enquanto o policial é marcado pelo dedo indicador da mão direita, que se movimenta do lado para trás do personagem Chaplin, movimento este associado com desalinhamento de ombro, movimento de lábios e direcionamento de olhar. A seguir, o participante narra que o policial se coloca atrás de Chaplin.

Movimento de lábios e elevação de sobrancelhas são visíveis na primeira oração de 14. Ao mesmo tempo em que o sinal de Chaplin é produzido, percebe-se um **levantamento de sobrancelhas** que pode indicar marca de subordinação sendo, em nossa observação, um possível indicador da presença de *que*. Também, como já observado nos dados desta pesquisa, construções que sinalizam **simultaneidade manual** podem também indicar subordinação, pois possibilitam a sobreposição gramatical de ações que acontecem ao mesmo tempo que, associadas a **movimento de tronco para trás e para frente**, podem indicar manifestação recursiva. A partir da análise acima, portanto, sugere-se que em 14 podemos ver a seguinte construção: *Policial caminha e lá (vê) Chaplin [que arruma o vidro], o policial se aproxima e se posiciona bem atrás de Chaplin.*

15)

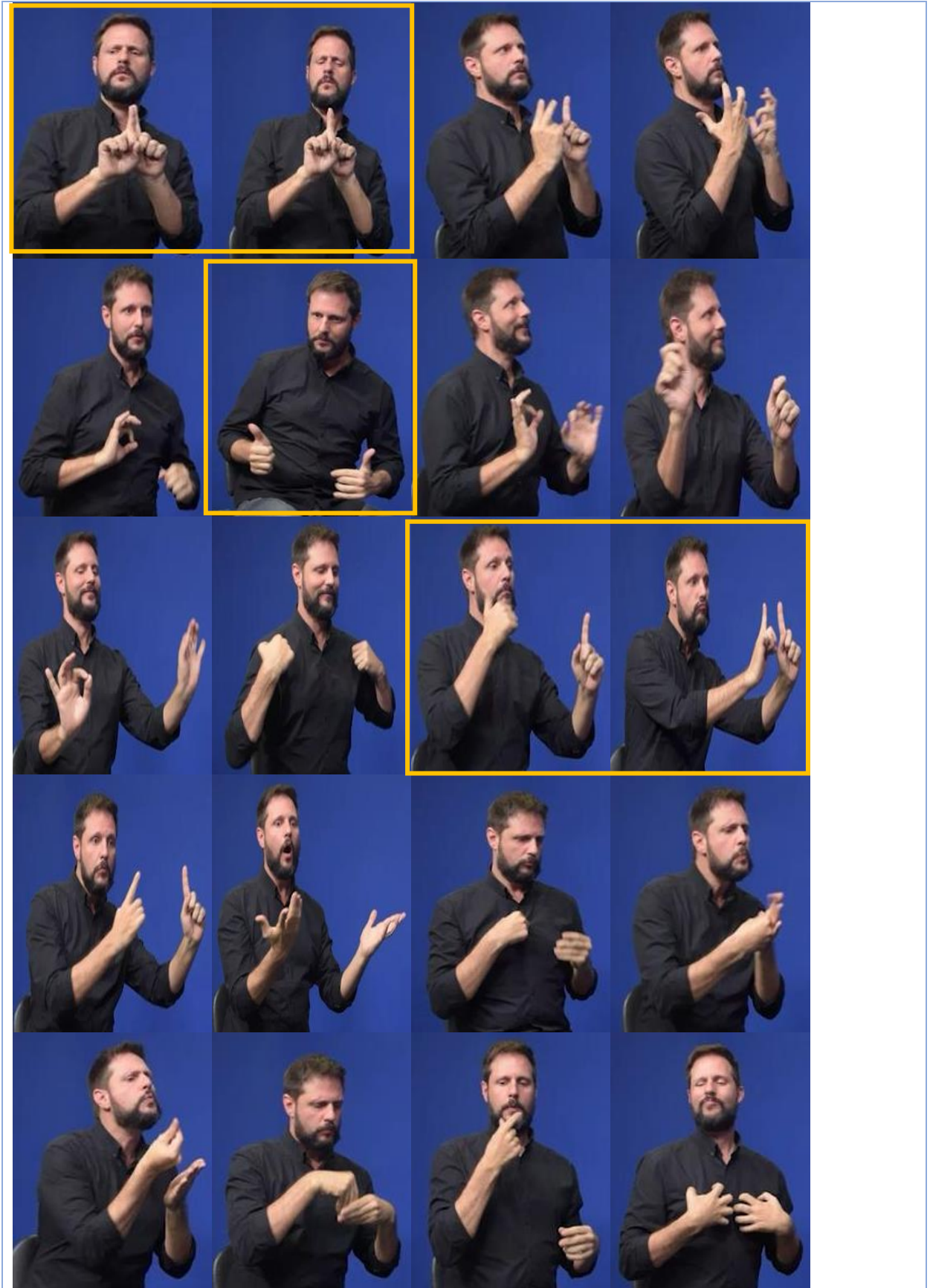
Tempo na trilha 00: 01: 53.130 até 00:02:14.340

<u>eg+fb</u>	<u>cl</u>	<u>bbt</u>	<u>cl</u>	<u>xxx+bbt</u>	<u>fb+xxx</u>	<u>cl+bbt+xxx+ue</u>
MANUSEAR MASSA			POLICIAL MASSA NO ROSTO			TIRAR
<u>simult.+bbt+ef+cl</u>	<u>bt+eg</u>		<u>bt+eg</u>	<u>bt+eg</u>		
IR PARA TRÁS PERCEBER	MOVIMENTO DE MÃOS		POLICIAL TUDO BEM?			

_____ cl _____ xxx+eg+cl+simult _____ xxx _____ fb+xxx+eg+wh bbt
 ORGANIZAR COLOCAR MOCHILA MULHER VIR ENTÃO PAGAR QUANTO
 PEGAR

_____ bt _____ cd eb
 CHAPLIN SENTIR







A sinalização na construção apresentada em 15 inicia com a incorporação de Chaplin e o emprego de um classificador indicando a ação de arrumar o vidro quebrado. Além dos sinais manuais, é visível aqui o **direcionamento de olhar** (para o vidro), a **contração de lábios** e a **inclinação de tronco para frente**. O participante faz referência a Chaplin, que atira a massa para trás e acerta o rosto do policial, sendo que tal ação é marcada pela inclinação do corpo para trás e desalinhamento de ombros, seguida do sinal manual de policial e nova inclinação simultânea para marcar o classificador de massa acertando o rosto e olhos fechados. Na sinalização, após o policial ter sido acertado pela primeira vez, vê-se apenas marcadores não manuais na construção, que são olhar para baixo, língua entre os lábios, ombros ainda desalinhados indicando insatisfação do policial, seguido de um classificador de limpeza da massa que está no rosto. Direcionando o olhar para o vidro, inclinando o corpo novamente e mexendo os lábios, o sinalizante indica que Chaplin atira a massa novamente para trás acertando novamente o rosto do policial, sendo que aqui o sinalizante inclina o corpo para trás indicando a incorporação do policial, e eleva as sobrancelhas enfatizando o contato da massa com o rosto.

Percebe-se aqui um movimento de tronco, direcionamento de olhar seguido de simultaneidade com os dedos indicadores das duas mãos posicionados um atrás do outro, indicando que o policial (mão esquerda) está atrás do Chaplin (mão direita), além de um movimento das mãos e do tronco para trás, associado à contração de sobrancelhas que indica que Chaplin percebe a presença do policial. O sinalizante expressa que Chaplin se vira para trás e vê o policial que interage com ele, que termina seu serviço e coloca a mochila. A seguir, na narrativa a mulher se aproxima de onde eles estão, e essa aproximação é marcada novamente com suspensão de classificador, o que parece indicar simultaneidade de acontecimentos, e pergunta a Chaplin o valor do serviço, deixando-o constrangido.

Movimentos sutis de tronco para frente e para trás ou para os lados, como vistos aqui, associados à **incorporação de personagens** e **direcionamento de olhar**, podem ser uma estratégia recursiva. Ainda, a narrativa apresenta elementos sinalizados **simultaneamente**

com informações diferentes que acontecem ao mesmo tempo e estão associadas a marcadores não manuais, como **movimento de lábios, elevação de sobrancelhas e movimentos de tronco**. Em nossa análise, portanto, temos em 15 a seguinte construção: *Ao arrumar o vidro Chaplin atira massa para trás acertando o policial [que está atrás dele], o policial limpa a massa do rosto e Chaplin atira outra massa [que acerta novamente o policial]. Chaplin se movimenta para trás e percebe [que o policial está atrás dele], olha para trás e avista o policial, [que o cumprimenta], e segue arrumando o vidro, coloca sua mochila [quando vem a mulher perguntando quanto custou], Chaplin fica constrangido.*

16)

Tempo na trilha 00: 02:19.570 até 00:02:24.960

bt /xxx/ ___woe+xxx simult.+ cl ht+/eg ht+eg+simult. ht+eg+woe /xxx/ ht+cl+simult.
 MENINO SEGUIR SEGUIR SAIR SAIR SEGUIR

ht+woe +/xxx/ eb
 SAIR SAIR





A construção 16 apresenta mais uma sinalização com simultaneidade de acontecimentos, na qual o sinalizante indica que, ao avistar Chaplin, marcado pelo dedo indicador na mão esquerda, o menino, incorporado à sinalização através da marcação de direcionamento do olhar, movimento de boca e movimento de cabeça, o segue. Com nova incorporação indicando Chaplin olhando para o menino, tal incorporação marcada por **direcionamento do olhar para a direita e para baixo e contração de sobrancelhas e movimento de boca**, é possível notar que o menino o está seguindo. Nesse momento, o participante expressa que Chaplin diz para o menino se afastar e sair fora. Nesta construção, portanto, a **simultaneidade manual e a incorporação** de personagens parecem possibilitar um encaixamento de orações que pode ser representada da seguinte forma: *Menino segue Chaplin [que olha para ele e diz sai, sai, fora]*.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da intenção de investigar o uso de estruturas oracionais recursivas em narrativas em Libras, identificamos alguns marcadores que parecem exercer função de encaixamento recursivo nas construções narrativas analisadas. Identificamos a possível presença de recursividade em Libras com manifestação através de marcadores manuais em menor quantidade e não manuais na grande maioria das construções e já identificados em outras LS (Brito, 1995; Bross, 2020; Hauser, 2019; Figueiredo e Lourenço, 2019; Pfau e

Steinbach, 2005; Quadros, 1999; Quadros e Karnopp, 2004; Tang e Lau 2012). Os marcadores foram organizados pela autora em duas tabelas, que são apresentadas no final desta seção. Apesar de terem sido encontradas evidências do emprego de marcadores manuais e não manuais que podem exercer papel de subordinação e recursividade em construções em Libras, observou-se que os marcadores não manuais revelaram ser uma estratégia de maior uso nas construções narrativas analisadas.

A simultaneidade em Libras pode se manifestar de forma manual na sinalização de duas informações ao mesmo tempo, ou de forma manual e não manual (através de expressões, movimentos faciais, corporais de tronco, cabeça e olhar) expressas ao mesmo tempo. Para melhor compreensão, em nossa análise atentamos para a simultaneidade manual (ambas as mãos sinalizando informações) e para a não manual com identificações de marcadores descritos quando identificados realizados simultâneos à produção manual. Tal construção nos parece apresentar sobreposição gramatical pela manifestação simultânea de diferentes informações narradas no mesmo espaço de sinalização. Identificamos a ocorrência de simultaneidade manual nas estruturas 1, 3 e 5 da participante Marisa Dias de Lima; nas estruturas 6 e 11 produzidas pelo participante Rimar Ramalho Segala; e nas construções 14, 15 e 16 sinalizadas por André Ribeiro Reichert. Destacamos, aqui, os exemplos 1- “...enquanto a mulher vem olhar o que aconteceu o menino que está ali foge”; 6- “Chaplin combina com seu filho: eu irei pela esquerda enquanto tu irás pela direita pelo caminho mais longo, vamos ao mesmo tempo e nos encontramos lá, compreendeu, certo?”; e 15- “Chaplin se movimentava para trás e percebe que o policial está atrás dele, olha para trás e avista o policial.”, nos quais, a nosso ver, fica clara a sinalização que indica a ocorrência de dois eventos simultâneos.

Associadas a estas construções manuais, observou-se que há marcadores não manuais presentes, realizados ao mesmo tempo da sinalização e, em alguns casos, mais de um. Como marcadores não manuais, identificamos: direcionamento de olhar e contração de olhos (olhos semicerrados) (Quadros, 1999; Tang e Lau, 2012), movimentação de tronco para frente (Tang e Lau, 2012) e para trás elevação de tronco utilizada por Marisa Dias de Lima em 1, resultando em “...atirando duas pedras que quebram o vidro...”; direcionamento de tronco (incorporação), cabeça, movimento de boca e sobrancelhas, e sinais manuais como porque, igual, se e os apontamentos. Explicaremos cada um em maior detalhe a seguir, a partir de exemplos.

Esses elementos sintáticos, pelo que observamos nos dados analisados, parecem garantir a clareza nas informações e possibilitar subordinação e dependências oracionais,

sugerindo que a recursividade é existente na Libras e se manifesta através de marcadores manuais e não manuais. Ainda, observamos que a incorporação de personagens, assim como a referenciação do tipo token (Liddell, 1977), permitem que tais elementos citados representem referentes que não estão presentes no momento da sinalização. Além disso, observou-se que a possibilidade de separação e marcação no espaço parece expressar subordinação e sobreposições gramaticais, estruturas que são indicativas de recursividade.

A possibilidade que a Libras oferece de construção de narrativas nas quais há incorporação permite que diferentes perspectivas sejam trazidas no espaço de sinalização na mesma construção. Essas perspectivas distintas podem ser expressas através de dependência sintática, pois há interação, alternância entre personagens e possibilidade de construção visual simultânea com o uso de classificadores. Como vemos na tabela a seguir, o emprego da incorporação é uma estratégia muito usada em narrativas, tendo sido encontrada em onze das dezesseis construções analisadas e identificada em outras LS conforme Tang e Lau, 2012 e Hauser, 2020. Além disso, os apontamentos também parecem marcar referentes no espaço e podem exercer papel sintático recursivo, pois permitem retorno a algum referente, marcado no espaço, ao longo da construção, expressando relações de dependência ou subordinação. É importante ressaltar, entretanto, que essa estratégia foi menos muito utilizada pelos participantes do nosso estudo, sendo encontrada em apenas três construções.

Observou-se na análise dos dados que o direcionamento do olhar, já identificado em outras pesquisas (Quadros, 1999, Tang e Lau, 2012, Lourenço e Quadros, 2020), apresentou um papel sintático bastante complexo, aparecendo em quinze das dezesseis construções analisadas. Acreditamos que esse marcador pode exercer função de recursividade no discurso, em nível suprasegmental, assim como outros marcadores não manuais que citaremos a seguir. Ainda, observamos que a retomada de olhar para o interlocutor pode exercer função de encaixamento, como aparece em 11: “...e avisa para que ele saia e o empurra com os pés, porque se vê perfeitamente Chaplin empurrar com o pé o menino...”. Nessa construção, ao sinalizar porque, o participante retoma o olhar para o interlocutor, demonstrando acrescentar uma outra informação, a nosso ver, dependente da oração. Além disso, é possível perceber que um direcionamento de olhar da esquerda para a direita indica interação de um personagem com o outro que executa uma ação simultânea a essa interação. Isso aparece, por exemplo, na construção 16: o menino segue Chaplin (direcionamento do olhar) sai, sai. Nesse contexto, entendemos que o direcionamento do olhar no exemplo pode exercer a função de que, indicando que Chaplin olha para o menino e diz sai, sai. Ainda, notamos que inclinações de tronco para frente ou para trás ou elevação também podem exercer papel sintático

recursivo, como encontrado no exemplo 3 – “...atira duas pedras que quebram o vidro da janela ele sai...” onde o que, na sinalização, é marcado pelo movimento de tronco. Notamos que esse movimento é recorrente, sendo percebido em onze construções analisadas (1, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14 e 15). Ainda, outro movimento de tronco identificado é a elevação de tronco, utilizada em apenas uma construção (nº 1), mas que parece demonstrar o mesmo papel sintático do movimento para frente ou para trás, indicando, portanto, encaixamento sintático.

Ainda em nível suprasegmental, já identificado por Bross (2020) em DGS, identificamos movimentos de cabeça para o lado, para baixo, assim como elevação de queixo. Tais movimentos também indicam subordinação nas construções analisadas, demonstrando que movimentos de cabeça associados à incorporação de personagem, direcionamento do olhar ou mesmo sozinhos, exercem papel de elemento subordinativo em Libras. Tais construções foram identificadas em menor quantidade, sendo seis movimentos de cabeça e duas elevações de queixo, como, por exemplo, na construção 7 em que o sinalizante eleva o queixo, direciona a cabeça para o lado olhando para o interlocutor e faz movimentos com a boca na construção “...atira a pedra em outra janela que quebra o vidro e...”, ou na estrutura 11, em que o acompanhamento, da cabeça e do olhar, na construção com classificador parece indicar, em nossa análise, recursividade: “Chaplin empurrar com o pé o menino que se afasta e volta maravilhoso esse movimento...”.

Ainda, identificamos oito ocorrências de elevação de sobrancelhas (1, 2, 4, 5, 6, 14 e 15), e contração também em oito das estruturas analisadas (3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13). Logo, o movimento de sobrancelha de contração ou elevação foi encontrado em todas as construções analisadas. O movimento de sobrancelhas parece ter relação com orações relativas, percepção também referida por Figueiredo e Lourenço (2019). Assim como o apontamento (ix) pode exercer função relativa, o movimento de sobrancelhas, em nossa análise, aparece muitas vezes exercendo papel de que. Pfau e Quer (2010) argumentam que o movimento de sobrancelhas, a inclinação de queixo e o aceno de cabeça são marcadores não manuais sintáticos nas LS, corroborando as percepções desta pesquisa, que encontrou também movimento de queixo (para cima ou para baixo) em duas construções. Além dos marcadores não manuais já citados, identificamos ainda movimentos de lábios para o lado ou para baixo e movimentos de boca – abrindo, fechando, movimento de língua que, associados à simultaneidade, elevação de sobrancelha, movimentos de tronco ou cabeça, marcam também o encaixamento entre orações.

Na análise das construções descritas anteriormente, identificamos dez marcadores não manuais e cinco marcadores manuais que podem indicar encaixamento de orações,

evidenciando dependência sintática e manifestação de recursividade em Libras. Esses marcadores são apresentados nas tabelas 1 e 2 a seguir, em número total e número de ocorrência por participante.

Tabela 1: Marcadores não manuais recursivos identificados por participante

Marcador recursivo não manual	Número total de ocorrências no corpus	Marisa Dias de Lima	Rimar Ramalho Segala	André Ribeiro Reichert
Movimento de tronco para frente ou para trás	11	3	4	4
Elevação de tronco	1	1	-	-
Incorporação de personagem/redirecionamento de tronco	11	4	4	3
Movimento de cabeça	5	1	4	-
Direcionamento de olhar	15	5	6	4
Elevação de sobrancelhas	7	4	1	2
Contração de sobrancelhas	9	1	5	3
Contração de olhos (semicerrados)	4	1	1	2
Movimento de boca / lábios	9	2	2	5
Elevação de queixo	2	1	1	-

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 2 - Marcadores manuais recursivos identificados por participante

Marcador recursivo manual	Número de ocorrências	Marisa Dias de Lima	Rimar Ramalho Segala	André Ribeiro Reichert
Porque	2	-	2	-
Simultaneidade manual	8	3	2	3
Igual	1	-	1	-

Se	1	-	1	-
Apontamento (ix)	4	2	2	-

Fonte: Elaborado pela autora.

As tabelas acima, organizadas pela autora da presente dissertação, apresentam o tipo de marcador (manual ou não manual), o número de ocorrências totais e o número de ocorrência nas construções de cada participante. A identificação desses marcadores nos leva a sustentar que a recursividade se manifesta em Libras, porém atendendo as especificidades da modalidade visual espacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar o uso de estruturas oracionais recursivas em narrativas em Libras, com base em um *corpus* nacional de Libras (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/>), composto por narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo. Para que a análise fosse feita a partir da língua brasileira de sinais, sem influência de línguas orais, utilizamos dados *corpus Inventário Nacional de Libras*. Foram selecionados três vídeos, com narrativas sinalizadas por três surdos de referência das regiões sul e sudeste do Brasil. O estímulo para a narrativa foi o curta metragem *The Kid*, um filme mudo de Charlie Chaplin. Após assistirem o vídeo, os participantes narraram a história e tal produção foi gravada por participantes do projeto e posteriormente transcrita. Para a escolha dos participantes, consideramos que fossem surdos de referência das regiões sul ou sudeste do país, que tivessem adquirido Libras com até quinze anos, com formação superior completa e terem narrado o mesmo vídeo de estímulo.

Após a seleção dos dados, utilizamos o software ELAN para realizar a análise de dados. Além das trilhas já criadas pela equipe do projeto do *corpus*, foram criadas três trilhas específicas para atender nosso objetivo de análise: *syntactic unit*, *glosa* e *análise da recursividade*. Para a identificação de limite de orações, utilizamos o critério piscar de olhos já identificado como elemento de pontuação final em outras línguas de sinais (Baker e Padden, 1978; Wilbur, 1994; Sandler, 1999; Herrmann, 2010; Tang e Lau, 2012), além da ocorrência de alguns sinais manuais, que foram *fim*, *encerrar*, *pronto*.

Após a identificação dos limites oracionais, iniciamos outra etapa da análise separando estruturas coordenadas e com possíveis indícios de subordinação (encaixamento). Após, iniciamos a observação dos marcadores presentes nas construções que fossem indicativos de elemento recursivo atendendo ao objetivo específico a) identificar a presença da recursividade em Libras em narrativas sinalizadas produzidas por três surdos de referência a partir de um curta metragem de estímulo. Primeiramente, buscamos a manifestação recursiva através de marcadores manuais (sinais) usados em construções subordinadas, atendendo nosso objetivo específico b) Verificar em que medida marcadores manuais exercem a função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado. O marcador manual identificado com maior número de ocorrências foi a simultaneidade. Já que a Libras possibilita ocorrência de marcação manual e não manual de simultaneamente, analisamos tanto a simultaneidade como emprego de elementos sinalizados ao mesmo tempo pelas duas mãos indicando sobreposição gramatical de forma manual, quanto a não manual. Tais construções manuais apareceram em oito das dezesseis estruturas analisadas. Ainda, identificamos três

apontamentos no espaço que estabeleceram dependência sintática, dois sinais de *porque*, um sinal de *se* e um sinal de *igual*. Tais elementos exerceram, em nossa análise, elemento subordinativo, demonstrando também que a recursividade em Libras pode ser identificada através do emprego de marcadores manuais.

Porém, ao analisar as descrições de outras línguas de sinais (Bahan, 1996; Tang e Lau, 2012; Figueiredo e Lourenço, 2019; Hauser, 2019; Bross, 2020) em relação às funções exercidas por marcadores não manuais, passamos a considerar que estes podem também ser uma possibilidade no caso de manifestação de recursividade e passamos para a análise de nosso objetivo c) verificar em que medida marcadores não manuais exercem função de recursividade em Libras no *corpus* de narrativas analisado. A partir dos dados, apontamos que marcadores não manuais foram mais presentes nas narrativas como elemento de encaixamento de orações. Em dezesseis construções analisadas, observamos nove marcadores não manuais indicativos de elemento recursivo, sendo eles: movimento de tronco para frente ou para trás; elevação de tronco; incorporação de personagem/redirecionamento de tronco; movimento de cabeça; direcionamento de olhar; elevação ou contração de sobrancelhas; contração de olhos; movimento de boca ou lábios e elevação de queixo.

Todos os marcadores encontrados exerceram, nas construções, um papel de elemento subordinativo, possibilitando encaixamento de orações e indicando dependência sintática. No entanto, destacamos alguns que foram utilizados pelos sinalizantes com maior número de ocorrências. O primeiro foi a elevação ou contração de sobrancelhas, que foram encontradas em todas as construções, sendo sete contendo elevação como possível elemento recursivo e nove apresentando contração. Além disso, o direcionamento do olhar para referentes marcados no espaço foi identificado em quinze construções e parece estabelecer relação entre eles, possibilitando ainda a indicação de retomada da narrativa ou incorporação de personagens. A análise revelou ainda que movimentos de tronco para frente ou para trás indicaram dependência sintática entre orações em onze das dezesseis construções analisadas, parecendo exercer papel de *que* na maioria delas. Além desses, em onze construções identificamos incorporação de personagens, sendo essa incorporação indicada por movimentos de cabeça e tronco para os lados (esquerda ou direita) e direcionamento de olhar. Tal estratégia estabelece relação entre personagens e indica possível encaixamento de orações na interação entre eles. Movimentos de boca e lábios também foram percebidos na análise em nove construções como possível elemento recursivo; por exemplo um *movimento de boca* presente na construção, entre os verbos atirar (a pedra) e quebrar (a janela) em nossa análise aponta que este marcador não manual possivelmente exerce papel de *que*, indicando

existência de recursividade. Em menor quantidade de ocorrências, ainda identificamos elevação de tronco entre orações em uma construção, cinco movimentos de cabeça que estabeleceram relações entre referentes marcados, duas contrações de olhos e elevações de queixo.

É importante salientar que a pesquisa apresentada nesta dissertação pode ser expandida com a finalidade de ampliar a análise de questões não consideradas por nós. O estudo de Kocab, Senghas e Jesse (2016), por exemplo, aponta pensamento recursivo em língua nicaraguense de sinais. Em nossa pesquisa, optamos por não analisar o pensamento recursivo e as escolhas dos participantes nesse sentido, sendo essa, portanto, uma possibilidade de pesquisa futura, a partir da observação da manifestação recursiva em nível de pensamento e organização cognitiva em surdos sinalizantes. Além disso, não atentamos para a investigação da marcação pragmática no discurso narrativo e sua relação com a recursividade. Acreditamos que a relação entre pragmática, incorporação e discurso direto e indireto pode ser considerada em pesquisas futuras com a finalidade de atentar para a manifestação recursiva também nesse aspecto. Ainda, questões de hierarquia de estrutura e relação entre estruturas coordenadas em Libras necessita de estudos aprofundados.

Não foi possível considerar na presente pesquisa algumas questões que podem ter influenciado nos dados sobre a manifestação da recursividade como: diferença entre marcadores não manuais recursivos e prosódicos, comparação de participantes com diferentes níveis de escolaridade, nível de proficiência em Libras e ainda, a influência da proficiência em uma língua oral, como segunda língua ou terceira. Tais questões podem ou não ter influência ou afetar o processo de sinalização recursiva de surdos que tem Libras como L1. Não foi possível verificar em que medida o nível de proficiência em línguas de outra modalidade podem influenciar as estratégias utilizadas na sinalização, bem como comparar se há diferentes estratégias em participantes com diferentes níveis de escolaridade ou proficiência em Libras. Ainda, por questões de tempo não foi possível, mas outros gêneros disponíveis no *corpus* deveriam ter sido analisados além das narrativas, pois pode ser que desencadeiem maior ou menor uso de marcadores recursivos ou ainda outras estratégias que nossa limitação de escolha de material *corpus*/tempo pode não ter permitido identificar.

Finalmente, em razão das pesquisas em sintaxe de Libras ainda se encontrarem em estágio inicial, este estudo encontrou pouca referência teórica em estudos de orações coordenadas, subordinadas e recursividade em língua brasileira de sinais. Por essa razão, investigações sobre outras línguas de sinais que já atentaram principalmente para questões de subordinação, encaixamento e recursividade foram considerados para fins de embasamento e

construção do referencial teórico e da análise de dados. Dessa forma, a presente pesquisa contribui para preencher a lacuna existente no âmbito das descrições sintáticas da Libras, bem como aponta elementos de manifestação recursiva de forma manual e não manual indicando existência de recursividade em Libras.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, M. P. de; ALMEIDA, M. E. **Tópicos linguísticos: sintaxe na Libras**. Revista Philologus, Ano 19, N° 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2013.

ANDRADE, W. T. L. de. **Variação fonológica da LIBRAS: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba**. Tese. UFPB, João Pessoa, 2013.

BAHAN, B. **Non-manual Realization of Agreement in American Sign Language**. Doctoral Dissertation, Boston University, Boston, MA, 1996.

BAKER, C. What's not on the other hand in American Sign Language. In: NUFWENE, S.; WALKER, C & STEEVER, S. (EDS.) **Papers from the Twelfth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**. University of Chicago, 1976.

BAKER, C.; PADDEN, C. A. Focusing on the monmanual components of American Sign Language. In: SOPLE, P. (Ed.). **Understanding language through sign language research**. New York: Academic Press, p. 27 – 57, 1978.

BAKER, C. COKELY, D. **American sign language: a teacher's resource text on grammar and culture** [s.l., s.n.], 1980.

BATTINSON, R. **Phonological deletion in american sign language**. Sign Language Studies, v.5, 1974.

BAVELIER, D.; CORINA, D.P.; NEVILLE, H.J. **Brain and Language: a Perspective from Sign Language**. Neuron, Vol. 21, 275–278, August, 1998.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus: histórico e problemática**. D.E.L.T.A., São Paulo, v.16, nº02, p.323-367, 2000.

BELLUGI, U.; FISCHER, S. **A comparison of sign language and spoken language**. Cognition, v.1, p. 173 – 200, 1972.

BENASSI, C. A.; PADILHA, S. J. **Fonologia da Libras: os parâmetros e a relação pares mínimos na Libras**. Revista Diálogos (RevDia), v.3, n.2, jul. – dez., 2015.

BENASSI, C. A. **Sintaxe da Libras: Aplicação dos pronomes pessoais do caso reto aos verbos simples**. Revista Diálogos. V. 4, N. 1, 2016.

BERWICK, R. B.; CHOMSKY, N. **Por que apenas nós? Linguagem e evolução**. Trad. de Gabriel de Ávila Othero e Luisandro Mendes de Souza. São Paulo: Unesp, 2017.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 28 nov. 2020.

BRASIL. Decreto 5626. **Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098 de 19 de dezembro de 2000.** Brasília, SEESP/MEC, 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 28 nov. 2020.

BROSS, F. **The clausal syntax of German Sign Language – A cartographic approach.** Berlin: Language Science Press, 2020.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos.** 2008. Tese Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. C., GARCIA, W. Visemas, quiremas, e bípedes implumes: Por uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua visemas por fanerolaliemas, e quiremas por simatosemas para forma de mão (quiriformemas), local de mão (quiritoposema), movimento de mão (quiricinesema), e expressão facial (mascarema). In: CAPOVILLA, Fernando C. (Org.). **Transtornos de aprendizagem, 2: da análise laboratorial e da reabilitação clínica para as políticas públicas de prevenção pela via da educação.** São Paulo: Memnon, 2011.

CASTRO, C. de A. S. de. **Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes.** Rio de Janeiro, 2007.

CECCHETTO, C.; GERACI, C; ZUCCHI, S. Strategies of Relativization in Italian Sign Language. In: **Natural Language and Linguistic Theory** 24, 945975, 2006.

CHOMSKY, N. **Aspects of Theory of Syntax.** Cambridge: MIT Press, 1965.

COMINETTI, G. P. F. **A noção de linguagem em Descartes: ensaio sobre o conceito de linguagem na filosofia dualista de René Descartes.** Dissertação de mestrado, Toledo, PR, 2013. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2052/1/Geder%20P%20Friedrich%20Cominetti.pdf> acessado em 24 jun. 2020.

COTOVICZ, M.; STREIECHEN, E. M.; ANTOSZCYSZEN, S. **Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe.** Odisseia, Natal, RN, v. 3, n. 1, p. 16-35, jan.- jun. 2018.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras) [dissertação] : um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais / Heloise Gripp Diniz ; orientador, Tarcísio de Arantes Leite. - Florianópolis, SC, 2010.**

EVANS, N. & LEVINSON. S.C.2009. **The myth of language universals: Language diversity and its importance for cognitive science.** Behavioral and Brain Sciences 32, 429-492, 2009.

EVERETT, D. L. **Cultural constraints on grammar and cognition in Piraha: Another look at the Design Features of human language.** *Current Anthropology* - 46.621-646, 2005.

_____. **You drink. You drive. You go to jail. Where's recursion?** Paper in U Mass conference on Recursion, May 2009.

_____. **Language: the cultural tool.** New York: Panthenon Books, 2012.

_____. **Review of Recursion Across Domains**, edited by Luiz Amaral, Marcus Maia, Andrew Nevins, and Tom Roeper, Cambridge University Press, 2018. Daniel L. Everett (Bentley University, Sociology and Global Studies) Edward Gibson (MIT, Brain and Cognitive Sciences)

FELIPE, T. A. **A Relação Sintático-Semântica dos Verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).** Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

FELIPE, T. A. **O processo de formação de palavras na Libras.** *Brasil ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

FERREIRA-BRITO, L. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB.** *Espaço: Informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1990.

FERREIRA, L. **Convencionalidade e Iconicidade em Línguas de Sinais.** *Anais do congresso da ASSEL/Rio.* Rio de Janeiro, ASSEL/Rio, 1992.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** 2ª ed, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995a.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** 2ª ed, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. **O movimento de sobrelanceiras como marcador de domínios sintáticos na língua brasileira de sinais.** *Revista da Anpoll* v. 1, nº 48, p. 78-102, Florianópolis, Jan./Jun.2019.

FISCHER, S. **Verb inflections in american sign language and their acquisition by the deaf child.** Paper presented at the Winter Meeting of Linguistic Society of America, 1973.

FISCHER, S. **The head parameter in ASL.** In: EDMONDSON, W.H.; KARLSSON, F. (eds.). *SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research.* Lappeenranta, Finland, July 15 – 1. *SIGNUM – Verlag.* Hamburg, v. 10, p. 75 – 85, 1990.

GOLDIN-MEADOW, S. **The resilience of recursion: A study of a communication system developed without a conventional language model.** In Eric Wanner & Lila Gleitman (eds.), *Language Acquisition: The State of the Art.* New York: Cambridge University Press, 51-77, 1982.

HAUSER, M.D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W.T. **The faculty of language: what is, who has it, and how did it evolve?** *Science*, v. 298, 2002.

HAUSER, C. **Subordination in LSF**. Tese PHD, Universidade de Paris, 2019. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/338802555_Subordination_in_French_Sign_Language_nominal_and_sentential_embedding, acessado em julho de 2020.

HERRMANN, A. The Interaction of Eye Blinks and Other Prosodic Cues in German Sign Language. In: **Sign Language & Linguistics** 13(1), 339, 2010.

HUMBOLDT, W. V. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihre Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechtes**. Berlin: Druckerei der Königlichen Akademie der Wissenschaften, 1836.

HUMBOLDT, W. V. **On Language: On the Diversity of Human Language Construction and Its Influence on the Mental Development of the Human Species**. New York: Cambridge University Press, 1988[1836].

JACKENDOFF, R.; PINKER, S. **The faculty of language: what's special about it?** *Cognition*, v. 95, p. 201-236, 2005.

JOHNSTON, T. E SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: An Introduction to Australian Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KENEDY, E. K. N.; DIAS, A. F. A. Recursion in Brazilian Sing Language. In: **Recursion in brazilian languages & beyond**. Rio de Janeiro, p. 123-125. Rio de Janeiro, 2013.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. Perception and production in a visually based language. In: D. Aaronson e R. W. Rieber. **Developmental Psycholinguistic and Communication Disorders**, New York, The New York Academy of Sciences, 1975.

KLIMA, U.; BELLUGI, E. S. **Sign Language**. *International Encyclopedia of the social and behavioral sciences*, vol. 21, pp. 14066-71. Oxford, United Kingdom: Elsevier Science Publisher, 2001.

KOCAB, A., SENGHAS, A., e SNEDEKER, J. **Recursion in Nicaraguan Sign Language**. Semantic Scholar, 2016 disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/21bf/0613d327504a61da9d8c51317635706a6c16.pdf>

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo da conversação espontânea entre surdos**. Tese de doutorado em letras. São Paulo, 2008. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/publico/TESE_TARCISIO_DE_ARANTES_LEITE.pdf, acessado em novembro de 2020.

LEESON, L. & SAEED, J. Word order In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 245-264, 2012.

LIDDEL, S. K. **An investigation into the syntactic structure of American Sign Language.** Unpublished doctoral dissertation, University of California, San Diego, 1977.

LIDDELL, S.K. Nonmanual signals and relative clauses in American Sign Language. In: P. Siple, P. (Ed.). **Understanding language through sign language research.** New York: Academic Press, p 59 – 90, 1978.

LIDDEL, S. K. **American sign language syntax.** The Hague: Mouton, 1980.

LILLO-MARTIN, D. **The Acquisition of Spatially Organized Syntax.** Journal Articles. JOURNAL CIT Papers and Reports on Child Language Development; v24 p70-78 Aug 1985.

LILLO-MARTIN, D. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language.** Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor, Michigan, 1986.

LIMBERGER, B. K. RATTOVA, S. S. **O processamento de estruturas linguísticas recursivas: contribuições da interface entre Sintaxe Gerativa e Psicolinguística.** Via Litterae, Anápolis, v. 8, n. 1, p. 43-64, jan./jun. 2016
<http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Bernardo_Limberger/publication/318702071_O_processamento_de_estruturas_linguisticas_rekursivas_contribuicoes_da_interface_entre_Sintaxe_Gerativa_e_Psicolinguistica/links/5978789645851570a1b94fc0/O-processamento-de-estruturas-linguisticas-rekursivas-contribuicoes-da-interface-entre-Sintaxe-Gerativa-e-Psicolinguistica.pdf

LOBINA, D. J.; GARCIA-ALBEA, J. E. **Recursion and Cognitive Science: Data Structure and Mechanism.** Preceding of the 31st Annual Conference of the Cognitive Science Society, p. 1337 -1352, 2009.

LODI, A. C. B. **Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas.** DELTA, vol.20, no.2, São Paulo, Dec. 2004.

LOEW, R. **Roles and reference in American sign language: a development perspective.** University of Minnesota: Doctoral Thesis, 1984.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?** Dissertação de mestrado em estudos da tradução: estudos da interpretação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013. Disponível em
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106845/322457.pdf?sequence=1>, acessado em maio de 2020.

MACLAUGHLIN, D. **The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language.** PhD Dissertation, Boston University, Boston, MA, 1977.

MARCILESE, M. **Sobre o papel da língua no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores: representação, recursividade e cognição numérica.** PUC-Rio, 2011.

NEIDLE, C.; LEE, R. G. **The Syntactic Organization of American Sign Language: A Synopsis**. Boston University Report No. 12 American Sign Language Linguistic Research Project. July 2005.

NEIDLE, C. & NASH, J. The noun phrase. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

NEVINS, A.; PESETSKY, D.; & RODRIGUES, C. **Pirahã exceptionality: A reassessment**. *Language* 85: 355 - 404, 2009.

NÓBREGA, V. R. R. da; **Uma proposta descritiva para a língua de sinais: da fonologia para a sigmanologia**. Dissertação de mestrado em Letras – Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2019. Disponível em <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6463/1/Uma%20proposta%20descritiva%20para%20a%20l%C3%ADngua%20de%20sinais%20da%20fonologia%20para%20a%20sigmanologia.pdf> acessado em março 2020.

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in American sign language**. (Outstanding dissertations in linguistics) Thesis (Ph.D.) Series. HV2474.P34, 1988.

PARKER, A. **Evolution as a Constraint on Theories of Syntax. The case against Minimalism**. Thesis (Doctor of Philosophy to Linguistic and English language) – School of Philosophy, Psychology and language Sciences, University of Edingburgh, 2006.

PERNISS, P.; PFAU, R.; STEINBACH, M. (eds.), **Visible Variation: Comparative Studies on Sign Language Structure**. Berlin: Mouton de Gruyter, 129162, 2007.

PFAU, R.; QUER, J. “Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles”. In: BRENTARI, Diane (org). **Sign Languages**. Cambridge: University Press, 2010.

PFAU, R., & ABOH, E. O. **On the syntax of spatial adpositions in sign languages**. MIT Working Papers in Linguistics, 65, 83-104, 2012.

PFAU, R.; STEINBACH, M. **Relative Clauses in German Sign Language: Extraposition and Reconstruction**. In: Bateman, Leah/Ussery, Cherlon (eds.), *Proceedings of the North East Linguistic Society (NELS 35)*, Vol. 2. Amherst, MA: GLSA, 507521, 2005.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

PFAU, R. & STEINBACH, M. Complex sentences in sign languages: Modality – typology – discourse. In Pfau, R., M. Steinbach & A. Herrmann (eds.), **A matter of complexity: Subordination in sign languages**. Berlin: De Gruyter Mouton, 1-35, 2016.

PIZZIO, A.; CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P.; QUADROS, R. **Língua Brasileira de Sinais III**. UFSC, Florianópolis 2009. Disponível em

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSin aisIII/assets/263/TEXTTO_BASE_-_DEFINITIVO_-_2010.pdf, acessado em março 2020.

PORTO, M. **Transferências visuais: um recurso indispensável na comunicação da Libras**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2016.

QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do RS. Porto Alegre. 1995.

QUADROS, R. M. de. **Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 110, p. 125-146, 1997.

QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese de Doutorado em linguística e letras. PUC-RS, Porto Alegre. 1999.

QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. In: **Crosslinguistic perspectives in sign language research**. Selected papers from TISLR 2000. Signum Press: Hamburg. 2003. p.141-162, 2000.

QUADROS, R. M. de; e KARNOPP L. B. **Língua de sinais brasileira - Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre. Artes Médicas. 2004.

QUADROS, R. M. de. **Gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbos e suas repercussões na sintaxe**. Revista da ANPOLL, São Paulo, v. 1, n.16, p. 289-320, 2004.

QUADROS, R. M. de. **Efeitos de modalidade de língua: As línguas de sinais**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, 2006. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=9&idart=127>, acessado em abril 2020.

QUADROS, R. M. de. **Sintaxe das línguas gestuais**. 1. ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, v. 1. 1p, 2011.

QUADROS, R. M. de. **Documentação da Língua Brasileira de Sinais**. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA. Anais [...]. Brasília, DF: Iphan, 2016a.

QUADROS, R. M. de. **Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas a transcrição de textos do Corpus de Libras**. Revista Leitura, v. 1, n. 57, jan./jun. 2016b.

QUADROS, R. M. de et al. **O inventário nacional de Língua Brasileira de Sinais**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS, VIII, 2017a, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC 2017a, Programa de Políticas Linguísticas. Núcleo de Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M. de et al. **A coleta de dados: instrumentos utilizados no Inventários Nacional de Língua Brasileira de Sinais**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS, VIII, 2017b, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC 2017b, Programa de Políticas Linguísticas. Núcleo de Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevidéo.

QUADROS, R. M. de. **Língua de Herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017c.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M. de (Eds.). **Brazilian Sign Language Studies**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2020.

QUADROS, R. M. de; LOURENÇO, G. The syntactic structure of the clause in Brazilian Sign Language. In: **Brazilian Sign Language Studies**. Berlin, De Gruyter Mouton, 2020. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/343837176_The_syntactic_structure_of_the_clause_in_Brazilian_Sign_Language#fullTextFileContent, acessado em outubro de 2020.

RATTOVA, S.S. **A recursividade como propriedade única e universal da faculdade da linguagem**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. V. 6, N. 1, ano 2014.

ROCHA, A.O; OTHERO, G. A; FINGER, I – **Existência e manifestação da recursividade em Libras**. Caderno de *Squibs*: Temas em estudos formais da linguagem, UNB | V. 6 – N. 2 – 2020 (no prelo).

RODRIGUES, A. **As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional**. SENSOS-E REVISTA MULTIMÉDIA DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO , v. VI, p. 90-103, 2019.

RODRIGUES, A. ; SOUZA, J. C. **Gramaticalização do sinal ? motivo? na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso**. Revista do GEL , v. 16, p. 53-82, 2019.

ROEPER, T. **Recursion: What is innate, Why it needs a trigger, Where it belongs in cross-linguistic work, and How it fits into the Mind**. Papers in Psycholinguistics: Proceedings of the First International Psycholinguistics Congress. Anpoll's Psycholinguistics Work Group March. Rio de Janeiro, Brazil, p. 42 – 64, 2010.

ROYER, M. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em libras do corpus da grande Florianópolis**. Dissertação de mestrado em linguística - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019.

ROYER, M. ; QUADROS, R. M. de. Ordem das palavras nas sentenças em Libras no Corpus da Grande Florianópolis. Revista da ABRALIN, v. V, p. 1-29, 2019.

Sandler, W. **The Medium and the Message: Prosodic Interpretation of Linguistic Content in Israeli Sign Language**. In: Sign Language & Linguistics 2, 187216, 1999.

SANDLER, W. & D. L-M. **Sign languages and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, E. F. dos; SANTOS, C. F. dos; SANTOS, R. C. dos. **sintaxe da libras e a (re) afirmação linguística: o óbvio que ainda precisa ser dito**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 17, 2013.

SILVA, M. P. M. **A semântica como negociação dos significados em libras**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 45(2): 255-269, Jul./Dez. 2006.

SILVA, S. L. F. **A gramática recursiva e seu papel na faculdade da linguagem da espécie humana**. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

SILVA, S. M. da; ALMEIDA, M. P. de. **Breves noções da sintaxe da língua brasileira de sinais–o verbo em enfoque**. Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 01 – Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

SIPLE, P. **Visual constraints for sign language communication**. Sing language studies, v.19, p. 95 – 110, 1978.

STOKOE, W. **Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf**. Studies in Linguistics, nº 8. University of Buffalo, 1960.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. (1965) **A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles**. Washington, DC: Gallaudet College Press.

TANG, G. & LAU, P. Coordination and subordination. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

THOMPSON, H. The lack of subordination in American Sign Language. In Lynn Friedman (ed.), **On the other hand: New perspectives on American Sign Language**, 181–195. New York: Academic Press, 1977.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. Gallaudet University, Whashington DC, 1992 – 2000.

XAVIER, A. N.; **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. Dissertação. Universidade de São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N.; **Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção de sinais**. Seminário de teses em andamento (Seta), v.5, Unicamp, São Paulo, 2011.

WILBUR, R. Eyeblinks and ASL Phrase Structure. In: **Sign Language Studies** 84, 221240, 1994.

WILBUR, R. B. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language. In: K. Emmorey & H. Lane (eds.). **The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 215-244, 2000.

WILBUR, R. B. **Internally-headed relative clauses in sign languages**. *Glossa: a journal of general linguistics* 2.1, 2017.

WOLL, B. Modality, Universality and the Similarities Among Sign Languages: an Historical Perspective. In: Baker, Anne/Bogaerde, Beppie van den/Crasborn, Onno (eds.), **Crosslinguistic Perspectives in Sign Language Research**. Hamburg: Signum, 1727, 2003.

APÊNDICES

Apêndice 1: Orações coordenadas Marisa Dias de Lima

Marisa Dias de Lima	
<p><u>Cl/eg</u> /pl <u>eg</u> <u>cl</u> <u>bt</u> <u>bt / ft/eg</u> <u>cl/eg</u> <u>bt/xxx/</u></p> <p>Então um Chaplin menino encontrar Chaplin tu ir lá ir</p> <p><u>Simult./cl/bt/eg/pl</u> <u>eb</u> <u>bbt</u></p> <p>Ir certo ok</p> <p>Tempo na trilha 00:00:09.860 até 00:00:17.599</p>	
<p><u>Cl/simult./xxx</u> <u>eb</u></p> <p>Ir</p> <p>Tempo na trilha 00:00:17.634 até 00:00:18.890</p>	
<p><u>eg/cl</u> <u>eg /xxx/</u> <u>cl/eg</u> <u>eb</u></p> <p>Chaplin colocar mochila vidro colocar pronto</p> <p>Tempo na trilha 00:00:18.930 até 00:00:21.616</p>	
<p><u>Ht/cd</u> <u>cl/hu/cd</u> <u>cl/simult.</u> <u>bt/ht/cd/ef</u> <u>ht/cd/ef</u> <u>eg/ef/cd</u></p> <p><u>ef/cd/fb/eg</u></p> <p>Então (?) policial caminhar vir olhar relacionar interrogação</p> <p><u>ht</u> <u>fb/eg</u> <u>eg/pl</u> <u>eb</u></p> <p>ix segurar disfarçar arrumar</p> <p>Tempo na trilha 00:00:52.800 até 00:01:00.388</p>	

<p><u> </u> /xxx/ <u> </u> hm/pl <u> </u> cl <u> </u> eb</p> <p>Menino ix sumir <u> </u> ir <u> </u> indício manual de encerrar.</p> <p>Tempo na trilha 00:00:53.747 até 00:00:55.210</p>
<p><u> </u> bm <u> </u> eg/xxx/ <u> </u> eg/cl / ef <u> </u> <u> </u> eb</p> <p>Sinal (?) <u> </u> frente <u> </u> colocar vidro organizar</p> <p>Tempo na trilha 00:00:53.747 até 00:00:55.210</p>
<p><u> </u> cl/eg/hu/xxx <u> </u> /xxx/ <u> </u> cl/xxx <u> </u> bm <u> </u> smile <u> </u> fb/eg/hd/smile <u> </u> woe/xxx <u> </u> hm <u> </u> fb</p> <p>ix mexer os pés pedra manusear atirar <u> </u> policial olhar <u> </u> pensar <u> </u> nada</p> <p><u> </u> fb/eg/hd/fe/xxx <u> </u> <u> </u> /xxx/ <u> </u> uc /ef <u> </u> fb/eg/hd/fe <u> </u> bm/hm <u> </u> <u> </u> eb</p> <p>olhar <u> </u> perceber estranhar pedra atirar <u> </u> olhar <u> </u> acabar</p> <p>Tempo na trilha 00:01:25.448 até 00:01:34.050</p>
<p><u> </u> /xxx/ <u> </u> cl/eg <u> </u> bt <u> </u> <u> </u> bm/xxx/ <u> </u> <u> </u> fb/smile/ef <u> </u> eb</p> <p>Mulher vir <u> </u> certo pagar <u> </u> salário precisar grátis não</p> <p>Tempo na trilha 00:01:45.773 até 00:01:49.363</p>
<p><u> </u> <u> </u> <u> </u> cd/ uc /hm <u> </u> <u> </u> xxx <u> </u> <u> </u> fb/cd <u> </u> <u> </u> eb</p> <p>Acertar(negociar) acabar certo <u> </u> policial também desconfiar então</p> <p>Tempo na trilha 00:01:49.382 até 00:01:52.741</p>
<p><u> </u> <u> </u> bbt <u> </u> eb</p> <p>Droga</p> <p>Tempo na trilha 00:02:10.335 até 00:02:11.345</p>

Apêndice 3: Orações coordenadas André Ribeiro Reichert

<p>André Ribeiro Reichert</p> <p>____cl ____simult. ____cl __bt_xxx __hs/bt ____xxx ____bf left</p> <p>Casa homem Chaplin menino pequeno juntos combinar geral combinar explicar eu ir</p> <p>__bf left __bf right _____simult./cl/xxx ____bt ____xxx ____eb</p> <p>esquerda certo eu ir caminho tu ir caminho decorar certo.</p> <p>Tempo na trilha 00:00:06.870 até 00:00:18.880</p>
<p>____cl ____eb.</p> <p>Menino ir.</p> <p>Tempo na trilha 00:00:18.920 até 00:00:20.960</p>
<p>____/xxx/ef ____cl ____cd ____cl/ex ____cl/eg</p> <p>Homem Chaplin organizar vidro costas massa cola coisas atirar cair mochila</p> <p>____cl cl ____eb</p> <p>caminhar ir</p> <p>Tempo na trilha 00:00:21.000 até 00:00:28.120</p>
<p><u>bf/eg</u> ____cl____eb</p> <p>Antes menino ir simultâneo Chaplin (enquanto)</p> <p>Tempo na trilha 00:00:28.190 até 00:00:29.870</p>
<p>____cl ____bt ____cl ____bt ____cl (ver a cabeça)</p> <p><u>hs/eg</u></p> <p>Chaplin caminhar disfarçar caminhar mulher casa vir mãos</p> <p>____xxx/eg ____eb</p> <p>quebrar raiva</p>

Tempo na trilha 00:00:44.060 até 00:00:51.008

_____ cl eg/ht/bt _____ xxx
 Mochila Chaplin mochila/caminhar mulher geral/parecer coincidência

_____ cl eb
 Mulher Chaplin aproximar

Tempo na trilha 00:00:51.030 até 00:00:54.818

_____ bt/xxx _____ bt/xxx/eg _____ bt/eg _____ bt _____ xxx/eg
 mov. mãos mov. mãos problema quebrar eu vender costas o que geral

_____ pc _____ bt/eg _____ cl/simult. _____ eb
 negociar combinar certo aceitar sair

Tempo na trilha 00:00:54.830 até 00:01:04.470

_____ cl _____ eg _____ bh/bbt/fb _____ cl _____ eg _____ hd
cl

Outro procurar casa pedra olhar mais organizar procurar em um bolso
 e

_____ cl _____ eg/ht _____ eg/cl _____ cl _____ eb
 em outro manusear bater manusear pedra largar

Tempo na trilha 00: 01:13.880 até 00:01:27.620

_____ cl / bt / eg _____ eg / bt / pc _____ bt / eg _____ eg / xxx / woe
 Policial analisar o que movimento com a mão? Olhar olhar

_____ cd / hd _____ bt / eg _____ bt / ht / ue _____ bbt _____ eb
 Certo sumir policial fugir olhar estranho mas ok

Tempo na trilha 00: 01:27.680 até 00:01:43.570

<p><u>eg/bt</u> <u>ef</u> <u>hd xxx</u> <u>bbt</u> <u>/xxx/</u> <u>cl / simult.</u> <u>Eb</u></p> <p>Pegar não ficar grátis chance não tem problema não sair</p> <p>Tempo na trilha 00: 02:14.370 até 00:02:19.550</p>
<p><u>bbt / bh</u> <u>simult./ cl/ xxx</u> <u>xxx/bbt</u> <u>xxx/eg</u> <u>hu/xxx</u> <u>simult./eg/xxx</u> <u>simult./cl</u></p> <p>Policial seguir óbvio ix combinar acelerar seguir</p> <p><u>xxx/ht</u> <u>eb ht</u></p> <p>fugir</p> <p>Tempo na trilha 00: 02:29.630 até 00:02:37.560</p>
<p><u>ht/xxx</u> <u>hu/eg/xxx</u> <u>ht eg/woe</u> <u>cl</u> <u>bt/hu</u> <u>cl/simult.</u> <u>eb</u></p> <p>seguir porque sair empurrar porque seguir seguir</p> <p>Tempo na trilha 00: 02:24.980 até 00:02:29.600</p>